UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Memórias autobiográficas e cartas de Claire Lange: uma análise fenomenológica

Marcela Elias Santos Gonçalves

Orientadora: Professora Titular Marina Massimi

Ribeirão Preto – SP

2018

MARCELA ELIAS SANTOS GONÇALVES

Memórias autobiográficas e cartas de Claire Lange: uma análise fenomenológica

Texto de defesa da dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos Culturais e Subjetivação

Orientadora: Professora Titular Marina Massimi

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP

RIBEIRÃO PRETO – SP

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Gonçalves, Marcela Elias Santos

S237m Memórias autobiográficas e cartas de Claire Lange: uma análise fenomenológica / Marcela Elias Santos Gonçalves. Ribeirão Preto: USP, 2018.

195 p.: il.

Orientadora: Marina Massimi

Trabalho de Dissertação de Mestrado, apresentado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/ USP. Área de concentração: Psicologia, Processos Culturais e Subjetivação. Universidade de São Paulo

1. Memória autobiográfica. 2. Cartas. 3. I. Massimi, Marina.

II. Universidade de São Paulo. III. Título.

CDU: 920.91

Nome: Gonçalves, Marcela Elias Santos

Título: Memórias autobiográficas e cartas de Claire Lange: uma análise fenomenológica

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP como requisito para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof.

Dr. _____

Instituição _____

Assinatura: _____

Prof.

Dr. _____

Instituição _____

Assinatura: _____

Prof.

Dr. _____

Instituição _____

Assinatura: _____

Prof.

Dr. _____

Instituição _____

Assinatura: _____

À minha mãe, Gisela, pela recepção cuidadosa no mundo quando cheguei aqui e pelo terno acolhimento com que me recebeu. Por viabilizar minha adaptação com seu amor em todas as vezes que me senti uma estrangeira.

Ao meu marido, Virgílio, por me mostrar a cada dia que dois ímpares podem formar um par. Por ter-me apresentado com seu encontro, quando há muito eu esperava pela sua chegada. Pela autoria compartilhada de uma história de amor. Por inspirar minha escrita e trazer poesia à minha vida.

À minha mestra, Marina, italiana por nascimento e brasileira por coração – por nos ensinar, através do convívio diário, que é impossível não amar um imigrante. Por ter atravessado os mares para estar junto de nós. Por se fazer minha mestra e me transformar numa discípula melhor.

AGRADECIMENTOS

Ao Autor Supremo de todas as cartas que já foram escritas e que ainda serão. Ao Criador de cada país, para o qual não há barreiras nem discriminação de raças. Ao detentor de nossas memórias, ao destinatário de nossas orações - ao bom e eterno Deus.

Aos meus pais, Gisela e José Francisco, pelo investimento constante em minha educação e em meus sonhos. Em especial, à minha mãe e amiga, por cada viagem que fez ao meu lado para a cidade de Ribeirão Preto. E ao Virgílio, pela compreensão de minha ausência neste período e pelo apoio diário.

À minha querida e admirada mestra: Marina, por orientar-me tão bem e por aperfeiçoar minha relação de discipulado, confiando em mim o tema de um trabalho tão lindo. E ao professor André Masiero, por compartilhar a sua mestra comigo.

À família de Claire Lange, em especial à amiga e informante Anette Hoffmann - sua bisneta, que confiou a nós a maravilhosa confissão de sua avó e compartilhou conosco lembranças preciosas de sua vida.

Ao grupo de pesquisa em História e Memória que tive o privilégio de frequentar. A cada colega que encontrei nestes dois anos na USP, que agregou ao meu material humano.

Ao professor Dr. Márcio Fernandes e ao professor Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira, pelos apontamentos precisos no Exame de Qualificação da dissertação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da presente pesquisa.

À memória de Claire Reuge Lange.

E também a cada pessoa que já se sentiu um estrangeiro no mundo. Aos imigrantes que compuseram nosso país e àqueles que ainda hoje se encontram em movimento migratório.

Todas essas passadas impressões me põem num verdadeiro transe de paixão e tortura. Mas, passadas a palavras escritas, hão-de tomar um aspecto mais tranquilizador, mais sereno; tornar-se-ão menos semelhantes a um delírio, a um pesadelo. Isto é o que eu penso. O próprio mecanismo da caneta só por si já é benéfico: acalma, refreia, desperta em mim os antigos hábitos de escritor, transforma as minhas evocações e sonhos dolorosos num trabalho, numa ocupação... Sim, é uma boa ideia. Além disso deixo como legado o meu manuscrito (...) ainda que as minhas memórias venham servir unicamente para tapar as janelas quando chegar a ocasião de lhes pôr as vidraças de inverno.

(Fiódor Dostoiévski)

RESUMO

Gonçalves, M.E.S. (2017). *Memórias autobiográficas e cartas de Claire Lange: uma análise fenomenológica* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Esta pesquisa se refere a documentos autobiográficos (cartas e memórias) acerca da experiência de imigração escritos por Claire Reuge Lange. Claire chegou ao Brasil em Agosto de 1887 e, enquanto aqui viveu, escreveu várias cartas para seus pais adotivos, que permaneceram na Alemanha. As memórias de Claire Reuge Lange tratam da instauração da colônia de Brüderthal no município de Joinville, em Santa Catarina. O objetivo desta pesquisa é o estudo das 13 cartas escritas por Claire e de suas memórias, nas quais procuramos analisar os impactos da mudança de contexto nas vivências da autora. Para tanto, realizamos uma análise das vivências por ela narradas nas cartas, levando em conta a função psicológica da correspondência epistolar enquanto vínculo do imigrante com o seu mundo de origem e seu passado. Focamos a dinâmica psicológica e as vivências relatadas pela autora, à luz do texto “O Estrangeiro” (2010) de Alfred Schutz, e à luz da fenomenologia de Edmund Husserl e de Edith Stein. Nos relatos de Claire foram encontradas vivências perceptivas, afetivas, vivências de temporalidade e vivências espirituais de fé, concomitante às categorias de análise do texto “O Estrangeiro” de Schutz. No que diz respeito a estas categorias, evidenciamos três grupos de vivências: as primeiras vivências do estrangeiro como recém-chegado; a crise: as vivências de choque de confiança no pensar habitual e os mecanismos de superação da crise - emergindo a vivência espiritual como recurso para superação desta. Conclui-se pela possibilidade de superação da crise através do compartilhamento de vivências com a alteridade, que ocorre nas cartas ou nas memórias, seja ela a alteridade das relações sociais representadas pelos destinatários das cartas, seja ela a dimensão transcendente do divino.

Palavras-chave: Cartas. Memórias. Estrangeiro. Fenomenologia. Vivências. Narrativa e história.

ABSTRACT

Gonçalves, M.E.S. (2017). *Autobiographical memories and letters from Claire Lange: a phenomenological analysis*. (Master's Degree Dissertation). Psychology Department. Philosophy, Science and Letters College of Ribeirão Preto, São Paulo. University of São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

This research refers to autobiographical documents (letters and memories) about immigration experiences, written by Claire Reuge Lange. Claire arrived in Brazil in August 1887. While she lived here, she wrote many letters to her adoptive parents, who stayed in Germany. Claire Reuge Lange's memories are about the Brüderthal's colony settling in the city of Joinville, Santa Catarina. The main objective of this research is the studying of the 13 letters written by Claire and her memories, in which we sought to analyze the impacts of the changes of context, lived by the author. In order to achieve it, we performed an analysis of her living experiences portrayed on her letters, taking into account the psychological function of the epistolary correspondence as immigrant bound with their original world and past. We focused on the author's psychological dynamics and living experiences based on the text "The Foreigner" (2010) by Alfred Schutz, and also on the phenomenology by Edmund Husserl and Edith Stein. On Claire's stories, perceptive, affective, temporality and faith-spiritual living experiences were found, according to the categories of the analysis over "The Foreigner" by Schutz. Concerning these categories, we evidenced three groups of experiences: the first living experiences as a newcomer; the crisis: the living experiences of trust shock over the habitual thinking and the tools of the crisis overcoming – arising the spiritual experience as a resource to overcome it. It is concluded through the possibility of overcoming the crisis through the sharing of the living experiences with the otherness, which occurs on the letters or memories, either from the social relations represented by the receivers of these letters, or the divine transcending dimension.

Key words: Letters. Memories. Foreigner. Phenomenology. Living experiences. Narrative and story.

Sumário

1. Introdução.....	11
2. O Método Histórico.....	16
2.1 As cartas	17
2.2 As memórias	18
2.3 Referencial interpretativo	19
2.3.1 As vivências segundo Edith Stein	19
2.3.2 Quais são as vivências?	20
2.3.3 O dinamismo do estrangeiro segundo A. Schutz	28
3. Contexto histórico	32
4. Análise das vivências	41
4.1. Primeiras vivências do estrangeiro como recém-chegado.....	41
4.1.1. “As mais diversificadas sensações”: Aproximação da nova realidade	44
4.1.2 “É claro que aqui também tudo é bonito, mas mais bonito é lá em casa...”: Padrão Cultural de Referência	50
4.1.3 “Aceitar a ideia de que não estamos em casa é muito difícil, para mim é muito desagradável”: O caráter disfuncional do pensamento habitual....	57
4.2 A Crise: Vivências de choque de confiança no pensar habitual	61
4.2.1 “Com o tempo fui me acostumando mais e mais às circunstâncias...”: O salto da plateia para o palco	62
4.2.2 “Um pedacinho de pátria alemã em meio à selva.”: A transformação do novo padrão cultural em caráter ambiental	64
4.2.3 “Eu estava amedrontada”: Nova realidade - campo de aventuras	68
4.3 Mecanismo de superação da crise	71
4.3.1 A vivência da fé.....	72
4.3.2 “Jesus, segue à minha frente”: A experiência de fé vivida e relatada por Claire	76
5. Considerações Finais	83
Referências	95
ANEXOS	97
ANEXO A – Memórias de Claire Lange.....	98
ANEXO B – Cartas Claire Lange.....	141

1. Introdução

Este trabalho tem por objeto documentos autobiográficos (cartas e memórias) acerca da experiência de imigração escritos por uma mulher nascida em Fleurier, na Suíça, em 17 de Fevereiro de 1857, Claire Reuge (que passou a assinar Claire Reuge Lange após o seu casamento com o pastor Wilhelm Gottfried Lange). O casamento foi o marco que fez dela uma imigrante, que a retirou de sua terra natal com vistas à viagem para o Brasil.

A história de Claire se liga à de seu marido, o Pastor Lange, e à função que este desempenhou em sua igreja no território brasileiro. Wilhelm Gottfried Lange nasceu em Derwitz, na Alemanha 1858, em uma família de pastores luteranos. Foi ordenado pastor em Herrnhut – uma comunidade cristã de origem luterana pouco conhecida no Brasil, também chamada de Comunidade Morávia, Irmãos Morávios ou Irmãos Tchecos. A pesquisadora Andréia Machado, citada por Adami (2003) afirma que a irmandade Herrnhuter, também chamada de Hussita foi criada por Jan Huss – teólogo tcheco que expôs suas doutrinas ao Concílio de Constanza em 1413 e foi condenado à morte devido aos seus conceitos e ideias. Ele defendia a propagação do “cristianismo primitivo, a abolição da propriedade privada e contestava alguns dogmas da Igreja Católica, sendo o principal a prática da venda de indulgências.” (Adami, 2003, p. 27). A comunidade luterana traduziu a Bíblia para o tcheco e fundou várias escolas. Após perseguições no ano de 1727 unificaram suas comunidades na cidade de Herrnhut, que seria a sede desta entidade religiosa. Esta comunidade aceitava as doutrinas tradicionais cristãs, mas enfatizava a liberdade plena de consciência, rejeitando qualquer outra autoridade em matéria de fé além da Bíblia. Entre suas atividades, destaca-se o envio de missionários para diversos países do mundo (Adami, 2003).

O pastor Lange foi enviado aos 23 anos para a região da Boêmia e da Polônia Russa, onde serviu durante três anos em Schadura. Nesta região, entretanto, reinava uma intensa vida cristã, havia poucas igrejas e pastores protestantes e por isso poucas oportunidades para cultos – conforme relata o próprio pastor em suas recordações. O governo da Rússia não era favorável aos Irmãos Morávios e após algum tempo, por um decreto do Ministério em S. Petersburgo, foi-lhe proibida qualquer

atividade futura em Schadura. Para esta decisão contribuiu muito a mentalidade fortemente anti-alemã do governo. Foi preciso que o pastor Lange então abandonasse a Rússia secretamente, em busca de um lugar em que pudesse viver livremente a sua fé.

Dentre os ideais da Igreja Morávia estava o objetivo de fundar no Brasil uma colônia isolada preservando seus mais puros princípios cristãos. Este ideal era apoiado pela Comunidade Morávia em Herrnhut. (Adami, 2003). Foi neste ínterim que o pastor Lange, junto de uma parte de sua comunidade (cerca de 200 pessoas de acordo com ele), decidiu-se pela imigração para o Brasil. Em março de 1886 deixou o continente Europeu para radicar-se, com os membros da sua irmandade no Sul do Brasil, sabendo que, certamente, jamais retornaria à terra natal. Partiram de Hamburgo, a bordo do vapor “Buenos Aires” (Adami, 2003)

Em 28 de Junho, o vapor que os trazia lançou âncora no porto de São Francisco, no Sul do Brasil. Um pequeno vapor fluvial os acolheu e levou-os, em viagem de duas horas para a cidade de Joinville. O pastor procurou um pedaço de terra para a instalação de sua nova colônia. Após muitas negociações, acabou comprando um terreno de 100 jeiras e o pagou à vista. O terreno foi registrado no seu nome e ele foi chamado de “Brüdertal” – Vale dos Irmãos. Lá foi erguido um barracão, exatamente no quilômetro 18 da Estrada do Sul, onde hoje situa-se a Igreja Luterana e o respectivo cemitério. Sua esposa, Claire, chegou à colônia após um ano, em Agosto de 1887.

Enquanto viveu no Brasil, Claire Lange escreveu várias cartas para seus pais adotivos, que permaneceram vivendo na Alemanha. Através destas cartas contou o que acontecia com ela e com sua família, o dia-a-dia do casal e seu empenho de fazer de Brüdertal um lugar melhor de se viver. Suas cartas tinham entre duas e 16 páginas e algumas foram escritas durante vários dias devido às constantes interrupções das visitas ou dos afazeres domésticos. Estas cartas impressionam ora pelo seu teor poético, ora pela aguda percepção da alteridade (Adami, 2003).

Claire e o marido permaneceram em Brüderthal por 10 anos, até chegar para o pastor o convite para assumir a paróquia de Brusque, que atendia também a colônia de Blumenau. As cartas de Claire tratam também das experiências em Brusque, relatando aos pais o progresso de sua fé em território brasileiro, as mudanças ocor-

ridas, os sonhos alcançados e as frustrações encontradas – vistas sempre como aprendizado e necessárias para o crescimento espiritual. Claire descreveu também impressões quanto ao estilo de vida e ao comportamento das mulheres brasileiras que conheceu em Brusque e Brüderthal.

Esta pesquisa tem como proposta o estudo das 13 cartas escritas por Claire e de suas memórias¹. São destinadas para os seus pais – nove escritas em Brüderthal (cujas datas são: início de 1888, 19 de Março de 1888, 5 de Janeiro de 1890, 29 de Agosto de 1890, 26 de Dezembro de 1892 e 19 de Abril de 1900) algumas não constam a data específica. Quatro cartas foram escritas em Brusque (com as seguintes datas: primeiros anos em Brusque, Sábado de Páscoa de 1900, 7 de Janeiro de 1905 e 25 de Junho de 1908). Há uma carta destinada para a mãe e para a tia de Claire, datada de 28 de Março de 1905. As memórias de Claire Reuge Lange tratam da instauração da colônia de Brüderthal no município de Joinville, em Santa Catarina e compartilham os acontecimentos ocorridos em todo o período desde a sua vinda para o Brasil. Estes relatos testemunham a história ocorrida e a percepção desta de acordo com a autora.

Neste trabalho buscamos investigar as cartas e as memórias como relatos do processo de adaptação de uma pessoa estrangeira em um contexto de mudança. A análise dos documentos foi realizada numa perspectiva histórico psicológica, visando compreender os processos vivenciados por ela no novo lugar. Procuramos também levar em conta a função psicológica da correspondência epistolar enquanto vínculo do imigrante com o seu mundo de origem e seu passado.

O procedimento da pesquisa, em um momento inicial, discorreu acerca da história de Claire e de seu marido – o Pastor Lange da irmandade Herrnhut – levantando algumas informações relevantes sobre o contexto que permeou a vinda de ambos para o Brasil. O segundo capítulo do presente trabalho faz referência ao mé-

¹ As cartas e memórias de Claire nos foram gentilmente cedidas por Anette Hoffmann, descendente direta da autora dos relatos, cuja família preservou os manuscritos originais por mais de oito décadas. Estes foram ocultos durante a II Guerra Mundial, época na qual muitos documentos escritos em língua alemã foram destruídos no Brasil, por determinação oficial. Passado este período, a lata que guardava os manuscritos foi desenterrada e o seu conteúdo foi transcrito por uma das filhas e pelo genro de Claire. A família cresceu e demonstrou interesse por este material. Os escritos do pastor Lange foram publicados em 2003 e os de Claire permaneceram guardados, à espera de uma futura publicação. Nossos agradecimentos à Anette Hoffmann, bisneta de Claire e guardiã das memórias da ancestral, por tornar disponível para nós este material valioso – traduzido dos caracteres góticos para o português por Úrsula Rombach. Por ceder-nos também, de seu acervo familiar, as ilustrações e fotos contidas neste trabalho.

todo histórico e às suas peculiaridades, como as fontes empregadas e o referencial interpretativo utilizado, a saber, a análise das vivências proposta por Edith Stein e o ensaio “O Estrangeiro” elaborado por Alfred Schutz. A seguir é delineado o contexto histórico no qual a protagonista desta pesquisa viveu – tanto o panorama social e político da Alemanha deixada para trás, quanto o do Brasil – receptivo aos alemães que escolheram vir para cá. São citados alguns dados sobre a entrada de imigrantes e trabalhos que tornaram estas informações acessíveis. São descritos também os interesses econômicos e raciais do país ao abrir suas fronteiras para os europeus no século XIX. Tais capítulos compuseram a parte introdutória do trabalho, no que se refere à contextualização do tema da pesquisa.

O capítulo quatro abordou a análise das vivências de Claire Lange e foram identificados tópicos comuns citados por Schutz (2010) em seu ensaio e no relato da autora das cartas. Emergiram suas vivências, e os tópicos foram nomeados utilizando-se suas próprias expressões – em um diálogo entre o comportamento descrito por Schutz e a vivência compartilhada por Claire. Desta maneira, a aproximação da nova realidade descrita por Schutz emerge como “as mais diversificadas sensações” no relato de Claire. O padrão cultural de referência citado no ensaio “O Estrangeiro” aparece implícito na expressão “é claro que aqui também tudo é bonito, mas mais bonito é lá em casa”, utilizada pela protagonista deste trabalho. O caráter disfuncional do pensamento habitual emerge na sentença “aceitar a ideia de que não estamos em casa é muito difícil, para mim é muito desagradável”, elaborada por Claire em uma de suas cartas. Dentro deste capítulo são abordadas as primeiras vivências do estrangeiro, contidas nos itens descritos acima. A seguir, é descrita a crise decorrente das vivências de choque de confiança no pensar habitual – a necessidade do processo de protagonização em meio a esta realidade, relatada por Claire através da seguinte frase: “Com o tempo fui me acostumando mais e mais às circunstâncias...”. Com a finalidade de viabilizar este processo, ocorre a transformação gradativa do novo padrão cultural em caráter ambiental, na qual a autora das cartas tentou trazer “um pedacinho de pátria alemã em meio à selva.” Todavia, Schutz já afirmava que a nova realidade se apresenta como um campo de aventuras – e este elemento é revelado na declaração de Claire: “eu estava amedrontada”. Os tópicos seguintes referem-se aos mecanismos de superação da crise utilizados por Claire, a saber: a vivência da fé, expressa inúmeras vezes na frase: “Jesus, segue à minha frente” –

presente em vários de seus escritos e na importância da alteridade encontrada nos interlocutores de suas cartas e memórias.

Por fim, o capítulo cinco versa acerca de algumas considerações levantadas ao longo de todo o percurso da dissertação.

2. O Método Histórico

De acordo com Massimi (2016), os recursos metodológicos utilizados por todo historiador são as fontes e a análise interpretativa.

Entende-se por fonte qualquer testemunha perceptível sensorialmente que nos dá notícia acerca da vida humana do passado (documentos escritos, objetos, retratos, etc.). As fontes são caracterizadas por três elementos essenciais: a natureza do material; o gênero; o conteúdo (Massimi, 2010, pg 106)

Os gêneros, por sua vez, relacionam-se à divisão e classificação das fontes de acordo com os fins visados e os meios expressivos que se empregam. Entre os gêneros mais comuns de fontes para o estudo histórico em psicologia estão a correspondência epistolar e as narrativas (de viagens, de celebrações, de ficção), obras poéticas, filosóficas e propriamente psicológicas. No que diz respeito às fontes de teor autobiográfico, tais escritos, imagens e objetos podem ser denominados “rastros do eu”, expressão cunhada por Hannah Arendt (2014). E sendo assim, aparecem como comunicação de sentido e de mundo, das relações estabelecidas num determinado período histórico, pelos seus autores. Como já dissemos, as fontes utilizadas na presente pesquisa são: um documento autobiográfico, intitulado “Memórias de Claire Reuge Lange – Primeiros tempos no Brasil” e as 13 cartas escritas por Claire em sua maioria para seus pais, algumas para os irmãos e para a tia, originárias de Brusque e de Brüderthal.

De acordo com Brozek (2001), a recuperação dos documentos históricos consiste em uma contribuição de notável valor para o conhecimento. Esses documentos se constituem na matéria-prima para a historiografia, mas só se tornam história depois que são analisados e interpretados por um historiador que busca as relações entre os eventos. Em geral, os acontecimentos estudados pelos historiadores representam, em sua maioria, ações, gestos realizados por indivíduos ou por grupos em um dado momento do tempo. Eles se manifestam dentro de um *Zeitgeist*, ou seja, o espírito do tempo. Goethe definia *Zeitgeist* como um aglomerado de opiniões que dominam um período específico da história e que, inconscientemente, arrebatam o pensamento de todos os indivíduos que vivem num determinado contexto. É importante como primeira tarefa de uma análise histórica levar em consideração a situação em que o ator se encontra, o contexto que o permeia, o espírito do tempo em

que vive e a maneira como se coloca no mundo. É preciso uma tentativa o mais fidedigna possível de adentrar o universo existencial do ator do passado, apesar da distância do tempo e do espaço por vezes imposta.

2.1 As cartas

Os indivíduos que protagonizaram a experiência de imigração elaboraram formas de comunicação para manter ou reatar os vínculos com seus lugares de origem – que nos permitem hoje o acesso às suas vivências e à compreensão de seu cotidiano, dentre outras formas através da correspondência epistolar. Massimi et al. (1997), afirmam que as cartas representam o elo que os estrangeiros tentaram estabelecer entre o mundo que era seu, conhecido e familiar – embora distante – e uma realidade intrigante, desconhecida, misteriosa – a realidade nova que os recebia. Estes documentos são compostos por informações e descrições muitas vezes ricas acerca do novo mundo em que eles chegavam, e contêm também um componente subjetivo de reflexão sobre o que encontram. Nas correspondências, os acontecimentos históricos são citados como parte integrante da biografia de quem os viveu. Deste modo, facilitam a compreensão dos modos de ser, das emoções e do comportamento daqueles homens em seu contexto social determinado.

Os detalhes são relevantes: desde o conteúdo e a maneira de redação, aos tempos, modos e lugares em que elas foram redigidas. Algumas delas refletem a experiência subjetiva, tal qual um diário, porém confiando sua revelação a um outro ser humano. Comunicam notícias, informações, mas também sentimentos, confidências, temores e esperanças, demonstrando a consciência da experiência de solidão do eu, que só pode se reencontrar com o outro, tão distante, num diálogo intermediado por tinta e papel. Neste sentido, a correspondência epistolar aparece como uma possibilidade de veracização do vivido, que será compartilhado com a esfera pública no momento em que o destinatário da mensagem tiver acesso a ela e reconhecer a narrativa do remetente. Aí então sua experiência não ficará isolada em sua identidade, mas conquistará o real a partir do momento em que estiver ao alcance do outro, em que for testemunhada, em outras palavras, ao ser visto e lido, desvelado e expresso. (Critelli, 2012).

As cartas podem ser abordadas como “remédios para a dor da ausência” (Massimi et al. 1997). A experiência da saudade, presente no coração do estrangeiro que deixou sua terra e escreve a uma pessoa distante, não se refere apenas ao sentimento de perda do outro, mas expressa também a consciência de que este relacionamento embasa a identidade psicossocial na nova situação em que este indivíduo se encontra. De qualquer maneira, as cartas são expressões repletas de significado e sentido do processo de reconhecimento de si mesmo e do outro, viabilizando a compreensão da dinâmica psicológica e social característica das experiências dos autores e de seus interlocutores – no caso, os destinatários. Sendo assim, esses documentos representam um instrumento valioso para a comparação dos modelos culturais próprios do mundo da vida dos autores e de seus destinatários. Uma vez que os autores relatam suas experiências sentem-se convocados a refletir sobre elas, revivê-las de maneira mais distanciada, seja no espaço ou no tempo, e as ressignificam a partir de um outro olhar.

2.2 As memórias

Analizamos também as memórias de Claire Lange. As memórias pertencem ao gênero da autobiografia e trazem à tona – tais quais as cartas - acontecimentos e situações vividos no passado e compartilhados através da escrita com um interlocutor, distante no tempo e no espaço. Afinal aquilo que fica registrado no papel pode permanecer para além da existência de seu autor, vindo ao encontro das gerações futuras.

O gênero autobiográfico nasceu com as Confissões de Santo Agostinho em torno do ano 400, embora autores como Misch e Foucault reconheçam nos primórdios da cultura ocidental algumas práticas biográficas nas obras de Platão, Sêneca e Epicteto (Galle e Olmos, 2007).

A narrativa autobiográfica desponta como um recurso importante do cuidado de si mesmo – anotar sentimentos e estados de ânimo é expor-se à possibilidade do olhar de um outro, o que constitui uma busca de universalização. A escrita universaliza o eu, sendo em diversos casos, terapêutica e universal. Esta prática atravessou as barreiras do tempo e estes registros ficaram gravados na história da humanidade.

2.3 Referencial interpretativo

Interpretamos as cartas e as memórias, objeto de nossa pesquisa, detalhando a análise das vivências segundo a proposta da fenomenologia de Edmund Husserl e de Edith Stein, que enxergam o sujeito como uma estrutura essencial pura constituída por vivências (Ales Bello, 2004). Além do mais, procuramos focar a dinâmica psicológica relatada pela autora, à luz do texto “O Estrangeiro” (2010) de Alfred Schutz. Nos relatos de Claire foram encontradas vivências perceptivas, afetivas, vivências de temporalidade e de fé, concomitante às categorias de análise do texto “O Estrangeiro” de Schutz, além de informações históricas vividas no contexto de suas narrativas.

Embora tenhamos entrado em contato com o relato de Claire despidas de teorias e pré-concepções valorativas, por ter sido esta a nossa proposta inicial – haja vista o embasamento fenomenológico desta pesquisa, não houve como deixar de reconhecer em sua vivência – tão rica e singular – determinadas experiências citadas pelo sociólogo (também adepto da fenomenologia) em seu estudo acerca da dinâmica psíquica e social vivenciada pelo imigrante, por ele denominado “estrangeiro”. Portanto, cabe salientar que foi feito um movimento de entrar em contato com o fenômeno sem nenhuma tentativa de adequação à teoria alguma. Após lidas e relidas cada carta e cada relato das memórias, inúmeras vezes, observamos a emergência de muitos elementos do ensaio de Schutz e então propusemo-nos a atrelar a sua perspectiva à análise das vivências de Edith Stein em nosso estudo – acreditando que ambos os olhares contribuiriam com uma apreciação mais completa do todo.

2.3.1 As vivências segundo Edith Stein

Segundo entendimento de Cardoso (2014), Edith Stein acredita que podemos conhecer uma pessoa através de sua obra ou dos objetos que ela nos deixa – objetos estes nos quais ela se projeta e que possuem a capacidade de nos dizer da vida particular deste indivíduo. Para a autora, Edith Stein acredita que estas obras de arte, cartas, poemas, testemunham a expressão da vida interior de seus autores e que, através deles, podemos acessar os conteúdos internos destas pessoas. Stein discorre sobre a possibilidade de apreensão da personalidade do outro através de

sua revelação em documentos históricos. Para ela, o objeto pesquisado – em nosso caso, as cartas e memórias – possuem traços que são humanamente universais e prevalecem, independente da cultura, do período e da região estudada. O que permite ao historiador entrar em contato com um objeto distante temporalmente, todavia suficientemente próximo, por se tratar de um fato ou acontecimento humano.²

Desta forma, salientamos a importância das cartas e da autobiografia de Claire Lange, que aparecem como vias de acesso ao seu conteúdo interior. Despontam como objetos que viabilizam ao pesquisador entrar em contato com a sua realidade vivida.

Quanto à análise dos documentos é preciso, de acordo com Stein e a fenomenologia, colocar a realidade “entre parêntesis”, ou seja, suspender os juízos valorativos sem descartar a realidade admita pela atitude natural. E quando a realidade é colocada entre parêntesis, restam as vivências puras para serem analisadas, que são assim chamadas por se encontrarem “despidas de roupagens – preconceitos e pressupostos estabelecidos” previamente. O sujeito das vivências puras é aquele que será analisado pela fenomenologia, porque não se pode duvidar de suas vivências. (Cardoso, 2014). Prosseguindo neste raciocínio, Edith Stein afirma que é necessário que, para que possamos compreender um fenômeno, a nossa atenção esteja direcionada a ele. É preciso um olhar atento, uma atitude cuidadosa. É salutar entrar em contato com as vivências.

2.3.2 Quais são as vivências?

Em primeiro lugar ocorre a vivência perceptiva de uma vivência intencional, que sempre está direcionada para um objeto. A percepção desponta como a vivência inicial, já que não ocorrem mediações entre ela e o objeto, referindo-se à corporeidade, pois o objeto é percebido fisicamente através dos sentidos da pessoa que o apreendem. Assim, o aspecto percebido do objeto é aquele que afeta diretamente os sentidos. A percepção é constituída pelas sensações, embora não se reduza a elas.

² A teoria de Hannah Arendt (2014) complementa a afirmação de Stein no momento em que a autora afirma que para compreender a obra de alguém é preciso ter acesso à sua história de vida pessoal. É preciso conhecer a história da qual um homem foi o herói – ou seja, sua biografia – a fim de compreender sua obra ou os indícios externos e sinais por ele legados à posteridade. Desta maneira, observa-se a convergência de ambas as teorias e ressalta-se a relevância da compreensão mútua entre os rastros e o legado de um ser humano e a sua história de vida.

Na percepção ocorre um posicionamento do sujeito, enquanto na sensação não ocorre nenhuma intencionalidade. As sensações constituem o fluxo das vivências da consciência, embora não signifiquem algo para além do aspecto subjetivo – são, em suma, a base sobre a qual a percepção irá se fundamentar. Não é do âmbito da percepção a escolha da pessoa. Ela percebe o mundo ao seu redor e as suas condições independente de sua vontade. (Cardoso, 2014)

Em nosso estudo, procuramos analisar as vivências descritas por Claire em seu relato, dentre elas as vivências afetivas (que se referem aos afetos despertados pelo mundo que se encontra ao redor da autora das cartas e memórias), nos quais se mesclam sentimentos, emoções e acontecimentos gerais que acabam provocando uma reação interior diante deles.

Buscamos compreender também as vivências de temporalidade (que se relacionam à maneira como a temporalidade foi processada por Claire – passado, presente e futuro), tratando da forma como ela se localizou no tempo. Neste íterim é importante citar a tese fundamental de Paul Ricoeur (2012), na qual ele afirma que a experiência humana do tempo se torna acessível apenas através da narrativa. O tempo só se torna humano por esta. Assim, procuramos analisar a forma pela qual o tempo se fez humano nos escritos de nossa autora.

Abordamos também as vivências perceptivas descritas nos relatos, já mencionadas acima e as vivências espirituais de fé presentes nas cartas e nas memórias de Claire.

Embora não seja do âmbito da percepção a escolha da pessoa, os outros atos intencionais dirigem-se para algo que os transcenda – como a imaginação e a recordação. Não há neles a necessidade do objeto físico estar corporalmente presente a fim de que estas vivências aconteçam.

Stein afirma que as fases de uma vivência sempre sucedem outras. Exemplifica citando uma vivência de percepção de um som, em que este pode continuar sendo percebido mesmo que a experiência inicial já tenha cessado. Ainda que finalizado, este som pode ser lembrado, o que configura uma vivência em unidade com aquela mesma fase do fluxo. Para a autora estas vivências de diversas índoles podem acontecer simultaneamente e, embora manifestadas em conjunto, podem ter

durações diversas, ainda que ocorram de forma contemporânea. Ainda que cessem as vivências, não deixa de existir na consciência a presença de “campos” (de visão, audição, sentimento vitais) que correspondem àqueles tipos de vivências e que se conservam contínuos, mesmo que na ausência destas. Sendo ou não preenchidos, os campos continuam constituintes do fluxo, uma vez que o ser humano sempre se encontrará de algum modo, ainda que este modo seja o estado de indiferença – no qual não se encontra nem bem e nem mal, existe um estado determinado e jamais ocorrerá um processo de indeterminação. (Cardoso, 2016)

Stein nomeia de “associações por contato” o dar-se das vivências em conjunto, a emergência destas de diversos gêneros (audição, percepção, recordação...). Geralmente, quando desvelam-se juntas, tendem a seguir este padrão em suas aparições posteriores. Formam assim, um “complexo de vivências”, em que quando ocorre a emergência de alguma, outra acaba aparecendo para a acompanhar – de acordo com uma manifestação passada, não de maneira aleatória. Com tal afirmação, a autora determina que as mesmas vivências não ocorrem nunca de maneira isolada, mas sempre em consonância com o todo em que estão inseridas originariamente.

As relações causais entre as vivências apareceriam então ao nível da esfera dos sentimentos vitais, no que se refere a influências que estes exercem no transcorrer das vivências. Isto pode ser explicitado quando um sentimento de cansaço acaba influenciando a ocorrência das demais vivências. Pode-se concluir, portanto que a mudança de um estado vital altera o nível das demais vivências. Este tipo de causalidade para Stein ocorre de maneira mecânica e o sentimento vital acaba por determinar o acontecer das demais vivências. (Cardoso, 2016)

As vivências apresentam três aspectos constitutivos, sendo eles: um conteúdo, o vivenciar deste conteúdo e a consciência que acompanha o vivenciar deste conteúdo. Para Stein estes conteúdos podem ser não-egoicos – quando se referem aos dados das sensações, ou egoicos – quando os conteúdos são experienciados mais nitidamente pelo Eu, por se referirem diretamente ao Eu. Com relação ao grau de intensidade das vivências, observa-se que elas não se manifestam todas de um mesmo modo, diferenciando-se em relação ao grau de intensidade conforme a emergência dos respectivos objetos. Deve-se diferenciar o grau de intensidade do

vivenciar do grau de intensidade do conteúdo deste. Neste aspecto, referindo-se ao aspecto consciente constitutivo de uma vivência, pode-se afirmar que quanto maior a intensidade do vivenciar, mais elevada será a consciência que dele se possui. A consciência, por sua vez, desponta não como um ato de reflexão ou uma vivência, mas com a função de iluminar o vivenciar – bem como os atos de reflexão.

Desta maneira, a intensidade do vivenciar influi no modo de apreensão de seu conteúdo, e também na consciência do próprio vivenciar. Com relação aos fatores que influenciam a intensidade de uma determinada vivência, desponta-se o próprio vivenciar, que se encontra condicionado à esfera dos estados e sentimentos vitais. Uma alteração nestes últimos acaba interferindo de maneira correspondente no ato de vivenciar.

Cardoso (2016) dá continuidade ao pensamento fenomenológico de análise das vivências de Stein afirmando que os estados vitais aparecem para a consciência e que a vivência que se tem deles caracteriza um sentimento vital. O sentimento vital nada mais é do que um estado vital vivenciado e nele se manifesta uma “qualidade real permanente” do estado do Eu real, psíquico e não-puro: a energia vital. Exemplos de estados vitais são a excitabilidade e o alerta e de sentimentos vitais são a tristeza e a alegria, mas existe uma ampla gama de variações entre estes extremos. A energia vital é sempre mediadora do acontecer psíquico e é impossível generalizar este acontecer. A fim de que as vivências aconteçam, é salutar a liberação de energia vital, que ao ser consumida, é alterada. As vivências também influenciam a energia vital – podendo muitas vezes desencadear um estado de cansaço ou mesmo de euforia. Deste modo ocorre uma conversão de energia. É importante destacar que a relação entre a apreensão de determinado dado sensorial e o estado vital não admite previsões, apenas verificações por meio da experiência vivida.

Analisando-se o campo das vivências intencionais – aquelas que dependem da presença do Eu em sua constituição - pode-se afirmar que a partir deste elemento intencional, estas designam outra esfera de vivências: as do espírito. O almejo intencional direciona o Eu para objetos que se encontram de “fora” do fluxo da consciência, que o transcendem. Transforma também em objetos as instâncias constitutivas da consciência mesma, seja um ato ou uma sensação, à medida que se coloca diante deles (quando se reflete sobre eles, por exemplo). Pode-se considerar mode-

los de atos intencionais a percepção, a empatia e a memória, uma vez que se referem à apreensão de objetos no presente, ou o fazem ao se direcionar ao passado através do uso de imagens ou representações. Estes atos intencionais são abordados por um tipo específico de causalidade, a saber, a motivação, que une uns atos em função dos outros, não se restringindo a um simples agregado de vivências. O principal componente que desponta quando os atos motivados ocorrem relaciona-se com o conteúdo de sentido correlato a eles. Stein denomina este conteúdo de “motivo” e exemplifica descrevendo o fenômeno do relâmpago, que motiva a expectativa do trovão, bem como o vivenciar de uma alegria, que é motivado por uma boa notícia. (Cardoso, 2016)

Ao nível psíquico, o aparecimento dos atos depende da disponibilidade da energia vital, assim como o vivenciar destes. Desta maneira, pode-se concluir que quando a pessoa encontra-se em um estado de cansaço, a mirada intencional em direção a determinado objeto ocorre com menor intensidade. Stein acredita na existência de atos dados de fato, tais como a recordação, a percepção e os atos do pensamento – que dependem da esfera vital para emergirem na consciência, mas, quando acontecem, não realizam nenhuma interferência na própria esfera, uma vez que não provocam liberação de energia vital e não interferem nos sentimentos vitais também. A autora salienta, entretanto, que existem outros atos que ao emergirem, vinculam-se ao âmbito dos sentimentos vitais e que, desta maneira, acabam interferindo nesta esfera quando de sua ocorrência. São as emoções e os sentimentos. Estes constituem uma atitude ou posicionamento diante dos objetos pelos quais estão vinculados, fazendo com que sejam caracterizados como tomadas de posição antes os valores. Stein exemplifica descrevendo a alegria, representando a emoção, frente ao recebimento de uma boa notícia, sendo a característica boa um valor e a notícia o objeto. De acordo com a autora, estas tomadas de posição diante dos valores condicionam-se pelo estado disponível da energia vital, de modo que as reações (como a alegria) podem ocorrer com maior ou menor intensidade.

As emoções e os sentimentos, também conhecidas como “vivências do ânimo” desencadeiam tomadas de posição na forma de reações ou atitudes, que por sua vez, demarcam a origem das ações. Os atos e as ações que são desencadeados a partir da emergência de um sentimento são motivados por ele. Um sentimento que me envolve de repente pode ter efeitos tão paralisadores, que acabam fazendo

com que o ato da vontade que caberia a este sentimento motivar não apareça por completo. Tomando a liberdade de parafrasear um trecho de Edith Stein citado por Cardoso (2016), é possível estar diante de um objeto cujo valor promova descanso e renovação das forças, como é o caso da entrega a uma oração.³ Enquanto o vivenciar de um sentimento desencadeia a liberação da energia vital, o conteúdo desta mesma vivência pode atuar na renovação da mesma energia. Tal fenômeno acontece quando o conteúdo da vivência é egoico, em outras palavras, refira-se ao Eu. Do contrário, vivências que não emergem acompanhadas do Eu não carregam esta possibilidade de revitalizar os estados anímicos.

Stein afirma ainda que, contrariamente às vivências que possuem a capacidade de desencadear a renovação da energia vital, existem algumas que consomem a energia sem renová-la, como o pânico, a angústia e os conflitos. A autora discorre sobre a existência de dois tipos de energia vital, sendo elas a sensível e a espiritual. Neste ínterim, a energia vital sensível direciona-se para a apreensão dos dados sensíveis – imanentes à consciência, que se referem diretamente à experiência da corporeidade. A energia vital espiritual, por sua vez, se dirige para a apreensão dos conteúdos de fora da consciência, mas ambas as energias vitais se encontram na raiz da psique, manifestando uma única energia vital constituinte da dinâmica psíquica. A energia vital espiritual é condicionada pela energia vital sensível – pois os estados corpóreos podem influenciar na ocorrência de vivências espirituais. Cabe salientar que a esfera espiritual desponta como uma abertura para o mundo externo e sua energia vital também pode ser condicionada por aspectos externos referente ao mundo dos objetos.

Por outro lado, a energia vital sensível não pode ser condicionada pela energia vital espiritual, e isto pode ser observado no fato de que um estado de descanso espiritual não desencadeia um estado de descanso corpóreo. Stein acrescenta outra fonte de energia que isenta esforços pessoais mas que fundamenta também o mecanismo psíquico, nomeando o sentimento de ser acolhido como “descansar em Deus”:

O descansar em Deus frente ao fracasso da atividade por carência da energia vital é algo completamente novo e singularíssimo. Aquele era silêncio

³ “É possível estar diante de um objeto cujo valor promova descanso e renovação das forças, como é o caso da beleza de um poema” (STEIN, citado por CARDOSO, 2016, p.110.)

próprio dos mortos. Em seu lugar aparece agora o sentimento de ser acolhido, de estar liberado de toda preocupação, responsabilidade e obrigação de atuar. E quando eu me entrego a este sentimento começa a me preencher pouco a pouco uma nova vida e volta a pulsar – sem tensão alguma da vontade – a nova atividade. Essa vivificadora afluência [da energia] aparece como o derramamento de uma atividade e de uma energia que não são minhas. O único pressuposto para semelhante renascimento espiritual parece ser certa capacidade receptiva, como a que se fundamenta na estrutura da pessoa subtraída à ação do mecanismo psíquico.” (Stein, 2010, p.73 citada por Cardoso, 2016, p.113)

Este fenômeno costuma ocorrer também, para Stein, diante de outras pessoas que nos ofertem descanso e amor, bem como com a proximidade de pessoas com alto nível de vitalidade – capazes de influenciar na reposição da energia vital de um indivíduo que se encontra em estado de esgotamento. É salutar a existência de disponibilidade da energia vital para que se apreenda os valores que, por sua vez, aparecem como conteúdos motivadores de posteriores atos e ações. Os motivos de teor sentimental que aparecem favorecem o desencadear dos impulsos, a vontade é o elemento que exige maior liberação de energia vital para ocorrer e o propósito, por sua vez, possui a capacidade de fornecer a energia vital necessária à dinâmica psíquica que envolve o acontecer espiritual quando a energia espiritual se esgota. O propósito corresponde a uma tomada de posição voluntária e através dele é possível permanecer a realizar uma atividade espiritual, ainda que a energia vital espiritual disponível esteja paralisada – como pode ser o caso de estudar, por exemplo, nestas condições.

Para Stein, citada por Cardoso (2014), em meio à condição humana de desespero:

Não sabemos o que vai ser de nós, diante de nós, parece que um abismo se abre e a vida nos arrasta inexoravelmente à frente, porque a vida segue e não tolera nenhum passo para trás. Porém, quando cremos que vamos nos precipitar ao abismo então nos sentimos “nas mãos de Deus”, que nos sustenta e não nos deixa cair. Em tal vivência não somente nos revela a existência de Deus, mas também o que Ele é, sua essência se faz visível em suas últimas irradiações: a energia que nos apóia, quando falham todas as energias humanas, que nos presenteia com uma nova vida, quando pensamos que estamos mortos internamente, que fortalece nossa vontade quando essa ameaça se paralisar – essa energia pertence a um Ser Todo Poderoso. A confiança que nos faz admitir que nossa vida tem um sentido, ainda que o entendimento humano não seja capaz de decifrá-lo, nos faz conhecer a sabedoria divina [...] (Stein. 1991/2003, p.849)

Observamos a existência destas vivências de fé, que apareceram inclusive, como mecanismo de superação da crise que se estabeleceu na autora que estudamos, advinda de sua condição de estrangeira em um novo contexto social.

Cardoso (2016) fundamentada no estudo de Edith Stein aponta que existem vários fatores que contribuem para que uma pessoa execute determinada ação, lembrando da presença da energia vital em suas formas sensível e espiritual, além de sua influência na configuração das vivências e portanto, dos sentimentos e estados anímicos e espirituais provocados pela esfera vital. Ademais, participam também do complexo emaranhado da dinâmica psíquica outros fatores importantes que não podem ser desconsiderados, como a história individual de vida e as circunstâncias do momento presente, bem como a personalidade do indivíduo e o seu núcleo. O conhecimento da vida psíquica das pessoas apenas é possível através da via da empatia, para Stein, quando nos colocamos no lugar da pessoa e quando transportamos suas vivências para o nosso universo vivencial.

Edith Stein admite a existência de vários tipos de vivências. As originárias, para as quais a originalidade refere-se à sua manifestação primeira perante um objeto que se encontra diante de si. A vivência reproduzida consiste na repetição de um ato originário. Dentre as vivências reproduzidas aparecem as presentificadas, as repetidas e as representadas. Dentre as vivências originárias destacam-se as sensações, percepções, sentimentos e volições. Dentre as do âmbito das representações destacam a recordação, a fantasia e também a empatia. A autora reconhece a possibilidade de ocorrência destas vivências sem a presença do Eu, quando seus conteúdos vinculam-se por associação de contato, e também que estas vivências aconteçam mediadas pelo Eu – e neste caso, a reprodução não se restringe à via associativa, mas submete-se à deliberação, que é um ato espiritual. No que tange ao campo da rememoração, Stein afirma:

Os conteúdos da vivência, bem como a vivência mesma não permanecem sem mudança nenhuma. O objeto que originariamente se encontrou diante de nós com plena clareza encarnada, aparece novamente diante de nós com clareza parcial, de forma obscura, encoberta ou inteiramente vazia. E, no entanto, “ele” [o objeto] é o que “retorna”. Não os incorporamos espiritualmente, com seu inventário de sentido que se abriu diante de nós, quando ele com sua própria presença física estava diante de nós, mas que pode nos ser transmitida também eventualmente sem uma própria vivência original, e que continua agora vivendo sua vida em nós. (Stein, 2010, p. 90 citada por Cardoso, 2016, p. 121)

Desta forma, existe a possibilidade de ocorrer a modificação da constância do objeto rememorado na consciência humana. Pode haver acréscimos ou perdas de algumas características, mas de uma forma ou de outra o objeto permanece em nós

ainda que modificado pela apropriação que dele se fez. O mesmo processo ocorre com os sentimentos, denominados de vivências egoicas cujos conteúdos não estão “fora” do Eu, mas se referem a ele. Ainda sobre os sentimentos, Stein pontua que:

Os sentimentos têm a peculiaridade de permanecer vivos e atuantes em nós durante bastante tempo. Eles preenchem o nosso interior quando não estamos absorvidos nem por impressões externas e nem por uma atividade espiritual espontânea. Por isso os sentimentos são também os que realizam constantemente a função de serem pontos de partida dos processos associativos e de não deixar que “oxide” nossa posse espiritual quando essa não é colocada em movimento nem por impressões externas e nem por uma “reflexão” ativa. (Stein, 2010, p. 95 citada por Cardoso, 2016, p. 124)

Entre uma impressão e outra, e entre sentimentos que se intercalam estabelece-se uma conexão de sentido. A realização de vivências psíquicas exige uma determinada liberação de energia vital. Quando a vivência é repetida, o dispêndio de energia será menor para a sua reprodução, estando o dispêndio atrelado à atuação de outras tantas vivências que podem vir a acompanhar a primeira – como é o caso da aprendizagem de novas línguas. Nesse sentido, o desenvolvimento de novas habilidades no momento presente é influenciado, de certa maneira, pelas capacidades adquiridas no passado.

Intercalam-se assim vivências e sentimentos passados, presentes e aspirações futuras no domínio psíquico humano. O vivenciar está condicionado pela energia vital que o movimenta, energia vital esta que funda a psique e os motivos orientam e determinam o curso do acontecer psíquico.

Em nosso estudo, procuramos analisar as vivências descritas por Claire em seu relato, dentre elas as vivências perceptivas, afetivas, de temporalidade e espirituais de fé.

2.3.3 O dinamismo do estrangeiro segundo A. Schutz

De acordo com Schütz (2010), o indivíduo adulto é caracterizado pela permanente busca de aceitação do grupo do qual se aproxima. O autor utiliza o termo “padrão cultural de vida do grupo” a fim de designar todos os valores típicos, instituições peculiares e sistemas ideológicos que caracterizam um grupo social em um dado período da história. Qualquer membro nascido e criado neste grupo aceita e assimila o padrão cultural herdado de seus ancestrais, de suas instituições e figuras de auto-

ridade como uma orientação inquestionável em todas as situações ocorridas no mundo compartilhado da vida social.

O estrangeiro, entretanto, desvela-se como o homem que precisa colocar em questão quase tudo que se apresenta inquestionável para os membros do grupo do qual ele se aproxima. O padrão cultural deste grupo não tem autoridade para ele, uma vez que não compartilha da tradição histórica pela qual este tem sido formado. Este sistema de valores não se tornou uma parte integrante de sua biografia, como o fez a história de seu grupo originário. O estrangeiro, portanto, se aproxima do outro grupo como um recém-chegado. Ele pode, no máximo, compartilhar o presente e o futuro com o grupo do qual se aproximou, porém permanece excluído das experiências passadas destas pessoas. Sob o ângulo do grupo aproximado, o estrangeiro é um homem sem história.

Num primeiro momento, o conhecimento do padrão cultural do contexto do qual se aproxima se elaborará conforme a atitude de um observador desinteressado. À medida que se aproxima, o estrangeiro irá, gradativamente, deixando de ser um observador despreocupado para tornar-se um suposto membro do grupo aproximado. Deixará a plateia para encenar no palco junto dos atores com os quais compartilha o teatro da vida. Num segundo momento, o novo padrão cultural assumirá um caráter ambiental, e os conceitos originados no passado terão que ser reformulados em seus termos para se adequarem ao novo contexto. Num terceiro momento, a figura que foi internalizada do grupo externo existente dentro do meio social de origem do estrangeiro não mais se mostrará válida, pelo motivo de não ter sido formada com o objetivo de despertar uma reação de aceitação no grupo externo. Esta imagem foi desenvolvida em um contexto diferente, e foi constituída sem a intenção de conquistar os membros deste grupo, por isso apresenta-se disfuncional quando a finalidade é ser aceito neste novo meio social. (Schütz, 2010)

Segue à descoberta de que as características do novo ambiente no qual se encontra mostram-se incongruentes com os conceitos pré-estabelecidos num passado e numa terra distante, o primeiro choque para a confiança do estrangeiro em seu pensamento habitual, trazido consigo de seu lugar de origem. O estrangeiro então se descobre deslocado tanto de seu território de origem e de seu esquema aprendido de interpretação de mundo, quanto do novo contexto em que se encontra.

O padrão cultural vigente faz sentido apenas para os membros do grupo social nascidos e criados neste contexto, e para o forasteiro, este sistema acaba se desmoronando em sua fragilidade. Resta a ele então “traduzir” os termos do padrão cultural do grupo em que se encontra nos termos do padrão cultural de seu grupo de origem. É preciso reunir um determinado conhecimento da função interpretativa do novo padrão cultural para que o estrangeiro possa começar a adotá-lo.

O estrangeiro torna-se consciente do surgimento de uma crise que ameaça a base de sua concepção relativamente natural do mundo enquanto estes sinais passam despercebidos pelos membros do grupo interno, que permanecem confiantes na continuidade de seu estilo de vida habitual. Existe também uma lealdade duvidosa do estrangeiro, que por vezes se mostra inapto a substituir inteiramente seu padrão de origem pelo novo padrão cultural. Então ele se coloca no mundo como um homem marginal, resultante de um híbrido cultural, à margem de dois diferentes padrões de vida do grupo, não sabendo a qual deles pertence. Sua sensação assemelha-se mais a um labirinto, onde ele se encontra perdido e sem senso de direção.

No caso da adaptação do estrangeiro ao novo grupo social que num primeiro momento pareceu estranho e não familiar, ocorre um processo contínuo de investigação do padrão cultural do grupo aproximado. Uma vez que este processo de investigação alcança o sucesso, então este padrão e todo o sistema dele decorrente tornar-se-ão algo natural, um estilo de vida inquestionável. O novo território aparecerá como um abrigo, suas características se mostrarão acolhedoras e seguras. Se isso acontecer, o estrangeiro não será mais um estrangeiro, suas questões iniciais estarão resolvidas e a crise terá cessado. (Schutz, 2010)

A teoria de Schutz se aproxima da concepção de Ales Belo (2004), quando esta afirma que o ambiente no qual vivemos configura-se em geral ao redor de uma tradição precisa: mentalidades, ideias e costumes. Entretanto, ao entrarmos em contato com uma cultura diferente da nossa, aprendemos sobre as diferenças e entendemos que estas existem – emerge assim a possibilidade de olharmos (com nossos próprios olhos) o ponto de vista do outro. A interpretação do que acontece tem como ponto de partida inicial o nosso corpo – do qual não podemos sair, embora possamos fazê-lo através de algumas vivências específicas, como a memória, a imaginação e a fantasia. Estas fornecem a nós a capacidade de nos deslocar. Ales Bello

afirma, ainda, que a Fenomenologia busca “escavar mais fundo” para verificar a existência de vivências estruturais comuns a todos os seres humanos – elementos estruturais últimos que, porém, poderiam dar vida às diversas formas culturais. Para ela, as vivências das pessoas são as mesmas potencialmente – mas nem todas são ativadas da mesma forma, existindo muitas diferenças em uma mesma cultura ou em culturas diversas. Todo ser humano possui corporeidade, reações psíquicas e uma vida espiritual (intelectual e voluntária), entretanto estas dimensões se articulam de acordo com modalidades diversificadas, acompanhando as distintas culturas e grupos.

Com isso, observa-se que existe a possibilidade de identificar estruturas comuns a todos; como percepção, memória, impulsos e afeto. É possível também revistar o passado – ainda que não estejamos fisicamente nele, através das lembranças e das vivências de nossa memória. É possível compreender as vivências da alteridade, uma vez identificadas as semelhanças humanas em diversos contextos e culturas. Pode-se acrescentar então a possibilidade de compreender as vivências de Claire Lange – seu contexto, suas lembranças, seus sentimentos, inseridos no período histórico no qual viveu, a partir das vivências estruturais comuns a todos os seres humanos. É possível que, passados dois séculos, possamos olhar do seu ponto de vista a sua realidade vivida, as experiências pessoais e as vivências compartilhadas em sua narrativa, levando em conta o contexto no qual viveu e a realidade social, política, psicológica compartilhada no período em questão.

3. Contexto histórico

Contextualizando o período em que a imigração do casal Lange e de seus conterrâneos ocorreu, observa-se que o movimento migratório vinha de encontro com a política brasileira, preocupada, na época, com o branqueamento da população do país e com o povoamento das regiões sulinas, com a finalidade de garantir o território e sustar a cobiça dos vizinhos platinos pela região. (Alvim, 1999). O marco da imigração alemã para o Brasil foi a fundação de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 1824.

A Europa encontrava-se em crise. A fome associava-se ao desespero e às condições de vida miseráveis. Emigrar foi a solução ideal encontrada. Mais de 50 milhões de europeus deixaram o continente entre 1830 e 1930 e partiram em busca de melhores condições de vida, à procura de um lugar em que pudessem ser acolhidos pelo que eram e desejavam ser. (Alvim, 1999)

A meta brasileira de atrair colonos convergia com o objetivo europeu de enviar parte de sua população para as terras americanas, de tal maneira que o Estado brasileiro acabou por modificar as leis civis que privilegiavam os católicos, a fim de facilitar a integração dos colonos protestantes norte-europeus. Na verdade, a entrada maciça de imigrantes inicia-se no final da década de 1880, onde se consolidariam no Sul do país as comunidades alemãs. As comunidades implantadas na província de Santa Catarina apresentam um perfil essencialmente familiar. (Alencastro e Renaux, 1997)

A imigração alemã para o Brasil não foi numericamente expressiva, de acordo com Seyferth (2016), dirigindo-se para o país menos de 5% dos imigrantes que deixaram a Alemanha desde o início do século XIX. Dentre os fatores que influenciaram a pequena expressividade de imigrantes alemães no Brasil quando comparados ao existente em outros países do continente americano, como os Estados Unidos, encontram-se a dificuldade para obter a naturalização, a desorganização do sistema de colonização, a dificuldade apresentada na obtenção dos títulos definitivos de propriedade, a exigência de compra do lote colonial – ainda que de forma parcelada e a persistência do regime de escravidão.

A imigração alemã situa-se em quarto lugar quando se consideram as estatísticas sobre a entrada de imigrantes no Brasil. Os números são imprecisos, em geral próximos de 250 mil indivíduos. Willems, citado por Seyferth (2016) aponta um problema relacionado aos dados estatísticos: o fato de que os imigrantes identificados por seus grupos e pelos outros como “alemães” muitas vezes entraram no país como cidadãos russos, poloneses, etc... o que gera uma estimativa de aproximadamente 280 mil indivíduos para todos os imigrantes de língua alemã. Baseando-se no critério linguístico, Fouquet, também citado por Seyferth (2016) declarou que desde 1808, entraram no Brasil cerca de 362 mil alemães.

É pertinente considerar o critério linguístico uma vez que aponta para uma questão étnica relevante: levando em conta que os alemães muitas vezes representavam minorias nacionais em vários países da Europa, quem poderia ser considerado alemão? Cabe às estatísticas oficiais se ater ao documento básico do imigrante: o seu passaporte, e não a uma qualificação étnica. Por outro lado, na prática a expressão “imigrantes de língua alemã” tem um significado bastante lógico para o grupo considerado, uma vez que a língua alemã consiste na expressão da nacionalidade, e não necessariamente da cidadania. Neste sentido, as pessoas que pertenciam às minorias teutas espalhadas pelo mundo eslavo e que vieram para o Brasil com o rótulo de húngaros, poloneses e russos, dentre outros, se consideravam alemães e buscaram se juntar aos imigrantes desta origem no Sul do país. Em síntese, é importante destacar que a Alemanha não pode ser considerada como a única origem dos imigrantes colonos identificados como “alemães” no Brasil.

O que faz com que esta imigração – que varia entre 250 e 350 mil pessoas – seja relevante e específica para a constituição do nosso país, como fenômeno sociológico e histórico é o fato dela ter se constituído, principalmente, como colonização, já que muitos imigrantes se estabeleceram como colonos em áreas pioneiras, construindo sociedades totalmente diversas da nacional. O isolamento inicial – inclusive étnico dos colonizadores alemães, foi um fenômeno característico sem equivalentes na trajetória histórica brasileira, caracterizado pela formação de subsistemas culturais articulados com ideias de germanidade (que acabaram se confrontando com o nacionalismo do Brasil).

Com relação às iniciativas do Governo brasileiro em prol da colonização, pode-se afirmar que esta passou a ser compartilhada com os governos provinciais a partir da promulgação da Lei de Terras em 1850. A partir daí, os governos provinciais e a iniciativa privada ficaram responsáveis pela instalação dos núcleos coloniais, e a província do Rio Grande do Sul investiu demasiadamente na fundação de novas colônias. O mesmo sucedeu em Santa Catarina: os núcleos foram estabelecidos em regiões de florestas, acompanhando os vales dos rios. A colônia de Blumenau foi uma iniciativa particular que em 1850 iniciou o povoamento do vale médio e superior do rio Itajaí-açu. A partir desta colônia, os alemães expandiram seu território, fundando os núcleos de Pomerode em 1860, Indaial em 1863, Hansa em 1899 e Timbó em 1868. Já no rio Itajaí-mirim, a ocupação inaugurou-se com a fundação da colônia Brusque em 1860.

Este processo de colonização foi concebido e dirigido pelo governo brasileiro, que tinha interesse de implantar um regime de pequenas propriedades agrícolas, que produzissem alimentos, em áreas não ocupadas pela grande propriedade. E os imigrantes aceitaram esta identidade de colonos e assumiram seu caráter pioneiro. Seyferth (2016) afirma que algumas das referências principais sobre a imigração alemã podem ser obtidas nos textos cujo objetivo principal era atrair os imigrantes para o Sul do país, sobretudo na segunda metade do século XIX. Indiscutivelmente o imigrante visado pelo Governo brasileiro é o alemão. Na qualificação dada ao colono ideal buscado pelo país, encontra-se a ideologia colonizadora do governo imperial, quando este declara que os colonos devem ter “aptidão para o trabalho agrícola, amor ao trabalho e à família, sobriedade, resignação e respeito às autoridades” (Abrantes, 1941, p. 834 – citado por Seyferth, 2016, p. 27) As condições para a consagração deste sistema são: o trabalho livre – a escravidão aparece como um empecilho ao trabalho livre do imigrante –, a liberdade de culto religioso e a questão da naturalização no novo território – que muitas vezes era demorada. Os debates no Brasil sobre a imigração e a colonização transitavam pela proposta de agilização do processo de naturalização, dificultado pela legislação do Império, pela questão religiosa dos imigrantes (o que afetou particularmente a imigração alemã), pois havia uma preocupação com a perda dos imigrantes protestantes para a Argentina e os Estados Unidos. Além do mais, a questão educacional deficitária aparece como um

fator de preocupação no território brasileiro e o regime de escravidão é abordado como má propaganda para o país. (Seyferth, 2016).

O imigrante europeu é proposto como o ideal para o Brasil e outros tipos de imigração, especialmente a africana e a asiática, são condenadas. O trabalho mais representativo neste aspecto é o de Menezes e Souza (citado por Seyferth, 2016), no qual fazem um elogio das colônias alemãs no Sul do Brasil, concluindo que a Alemanha deveria ser o “viveiro da imigração” no país. Aparecem qualificados como imigrantes desejáveis os belgas, suíços, espanhóis, italianos e portugueses, ocorrendo uma hierarquização de “capacidades”, o que demonstra a ideologia presente sobre este assunto. Os alemães seriam ideais por obedecerem as autoridades e por serem excelentes agricultores, belgas e suíços deveriam ser admitidos desde que demonstrassem habilidades artesanais e agrícolas, os espanhóis e os portugueses despontam como excelentes trabalhadores rurais, os italianos aparecem como bons mascates e artífices, representando um valioso auxílio à lavoura nacional e ao crescimento do país. Existe uma condenação categórica de qualquer imigração africana – que aparece relacionada ao tráfico negreiro – e asiática, especialmente chinesa, uma vez que esta é apresentada como contrária à civilização moderna (Menezes e Souza, 1875 – citado por Seyferth, 2016)

Despontaram expoentes nestas colônias alemãs que buscaram descrevê-las de diferentes formas na literatura. As narrativas de viagem não se esgotam no século XIX e este tipo de texto encontra-se presente até pelo menos a década de 1930, descrevendo muitas vezes a “jovem Alemanha na floresta virgem” em textos de autores que viajaram para as colônias alemãs no Brasil, como Dilthey em 1882 e Maerckel em 1876, dentre outros inúmeros autores. A palavra que aparece com maior frequência nestes textos é *Urwald* (selva). As biografias e autobiografias são bem mais raras, porém sabe-se da existência deste tipo de manuscritos em arquivos particulares e instituições públicas, sabe-se também que parte da produção alemã manuscrita acabou sendo destruída durante a campanha de nacionalização do Brasil, como consequência da imposição do processo de assimilação à força exigido dos imigrantes e descendentes durante o Estado Novo (1937-1945). As regiões de colonização mais frequentemente analisadas pelos autores são o Vale do Itajaí e o Vale do Rio dos Sinos.

Por fim, resta citar o conjunto de trabalhos produzidos principalmente por pastores luteranos, que discorrem acerca da formação e da história da Igreja Evangélica Luterana no Brasil, indissoluvelmente ligada à colonização alemã. Para Seyferth (2016), a literatura legada pelos pastores destas igrejas é de suma relevância para demonstrar a presença de elementos importantes no processo de constituição do povo alemão que imigrou para o Brasil. Por suas características a Igreja Luterana brasileira é uma igreja teuto-brasileira e sua história se intercala com a história da colonização alemã e do germanismo no país. O conceito de germanismo (*Deutschtum* ou *Volkstum*) não menciona a posição dos teuto-brasileiros como cidadãos brasileiros. Ele recorre à afirmação constante do pertencimento teuto-brasileiro à etnia e à nação alemã e à maneira como isso deve ser expressado pela utilização da língua, da cultura, dos costumes e das instituições comunitárias de origem. Sendo assim, não é colocada em questão a cidadania brasileira dos descendentes de imigrantes, ainda que a palavra *Deutschtum* traduza, em um sentido geral, a nacionalidade alemã fundamentada no direito de sangue.

Para Entres (1929), citado por Seyferth (2016), os descendentes de imigrantes alemães, portanto, os teuto-brasileiros, devem ser considerados alemães pelo direito natural, conservando costumes e índoles da pátria deixada, sem negar sua condição de cidadãos brasileiros. Desta maneira, é possível e viável conservar a herança transmitida pela pátria deixada e assimilar os elementos novos e os costumes encontrados no novo país, tornando-se um misto de passado e presente, de memória e inovação, de conservação, encerramento e recomeço.

Havia entre estes imigrantes uma viva consciência da importância do livro e da leitura, sobretudo entre os luteranos, educados na prática constante da leitura da Bíblia. Muitas vezes cabia às mulheres dos pastores e aos próprios a função do magistério, onde as escolas eram bilíngues – ensinava-se o alemão e o português. Via-se no livro e, portanto, na escrita, uma maneira de manter viva a unicidade cultural germânica. (Alencastro e Renaux, 1997)

No que se refere ao estabelecimento das comunidades adeptas ao protestantismo e das ações por elas feitas no Sul do Brasil, pode-se dizer que a partir de 1864 origina-se uma nova fase, caracterizada pela ação de sociedades missionárias e pela institucionalização das comunidades sob a influência decisiva de missionários e

teólogos alemães. Esse processo coincide num primeiro momento com o aumento significativo do fluxo migratório e a mercantilização da emigração. Na Alemanha, é criada uma ampla articulação de apoio a igrejas, escolas e associações culturais no Brasil que, além de organizações religiosas, envolve agências de fomento à cultura alemã no exterior.

Embora inseridos em economias diferentes das que estavam habituados, é no âmbito da vida privada que estes homens e mulheres continuarão a ser alemães, porque o Novo Mundo supõe em suas condições de sobrevivência a preservação de suas estruturas familiares e de seus modos de vida. Desta maneira, Claire continuou convivendo com as lembranças e a com cultura trazida da pátria distante. Tornou-se imigrante, mas não deixou de ser alemã, embora radicada no Brasil. Tal qual Claire e o pastor Lange, diversos europeus passaram por este processo, e estas vivências constituíram uma parte da formação de nosso país.

Para Seyferth (2016), é importante salientar o processo de tradução e publicação (às vezes em edição bilíngue) de escritos deixados por imigrantes ou descendentes destes, uma vez que constituem importantes fontes bibliográficas e narrativas mnemônicas até há pouco tempo de acessibilidade escassa aos pesquisadores. Nestes documentos predominam os trabalhos históricos, embora seja inegável a perspectiva interdisciplinar presente nos usos das teorias sociais por historiadores e nos debates sobre memória, temporalidade, subjetividade e transformações sociais encontradas nas áreas de História e Antropologia.

Ocorreu o incentivo à tradução e à publicação de várias obras do passado advindas de datas comemorativas, além de memoriais, cartas e outros relatos de imigrantes comuns e de lideranças coloniais. Alguns pesquisadores se detiveram sobre a divulgação de cartas e memoriais que contêm informações e descrições precisas sobre o processo de imigração e sobre a vida e as práticas cotidianas vivenciadas nas colônias. Quando estas narrativas compartilham o enfrentamento das dificuldades da emigração e do estabelecimento em uma nova área colonial, são denominadas de “sagas” familiares. Desta maneira, pode-se então afirmar que as cartas e as memórias autobiográficas de Claire consistem em uma “saga” familiar, já que tratam do processo de enfrentamento da nova realidade e da dificuldade inerente ao processo de adaptação na nova pátria.

Cartas e memórias constituem um conjunto de publicações recentes de grande valia para os pesquisadores. Na metodologia dos estudos migratórios estas fontes foram analisadas por Thomas e Znaniecki, no ano de 1918, sendo inseridas assim na tradição da Antropologia (Seyferth, 2016). Quando submetidas a um olhar crítico, possibilitam a emergência de elementos significativos da colonização e da imigração, o que pode ser observado no conjunto de cartas de imigrantes de diferentes procedências.

Uma trajetória incomum citada por Seyferth (2016) é a do pastor Wilhelm G. Lange, seu memorial foi editado em um formato bilíngue através de uma iniciativa de seus descendentes e foi organizado por Luís Saulo Adami. Sua narrativa dirige-se à posteridade, aos filhos e netos que teve com sua mulher – Claire (cujas cartas e memórias este trabalho busca analisar). Seu relato é escrito na velhice e expressa sua trajetória como pastor da Irmandade Herrnhut, originada na Boêmia. Lange mudou-se para uma região da Polônia sob domínio russo, onde ficou de 1884 a 1886. Compartilhou em suas memórias a prática opressiva do governo russo e relatou que por isto, decidiu-se pela imigração para o Brasil junto de cerca de 200 pessoas de sua comunidade. Chegando ao país, fundou em Santa Catarina um núcleo colonial denominado Brudhertal – local vivo nas lembranças de Claire – afinal, foi para lá que ela foi quando chegou ao solo brasileiro. Ao grupo inicial, emigrado em 1886, reuniram-se outros imigrantes originários da mesma região em que o pastor atuara. Todavia a utopia comunitária religiosa não obteve êxito e o pastor partiu da colônia após alguns anos, junto de sua família, para atuar como pastor luterano da Igreja de Brusque – região também colonizada por alemães. Brudhertal permaneceu recebendo imigrantes, assentados em propriedades rurais de acordo com o modelo de colonização. Brudhertal transformou-se atualmente no município de Guaramirim, situando-se próximo ao Vale do Itajaí. O memorial do pastor desponta também como uma expressão de fé religiosa, de informações cotidianas e da vida familiar, além de relatar os conflitos com os colonos em Bruderthal. (Seyferth, 20016)

De acordo com Victor Emmerdörfer Filho (citado por Adami, 2003), a rigidez da seita do pastor Lange e o excesso de disciplina exigida por este dos fiéis acabou não se adaptando à liberdade brasileira, aos modos de vida e às práticas religiosas vivenciadas em nosso país. O pastor Lange era muito rigoroso, chegando a dissolver a comunidade em ocasiões nas quais ocorria, por exemplo, a prática de dança

em casamentos em nome da disciplina eclesiástica, trancando por meses as portas da Igreja e da escola. Este tipo de atitude fez com que a Comunidade dos Irmãos Herrnhut se desligasse da comunidade de Brüderthal em 1896, dez anos após sua instalação. O pastor Lange foi transferido para Brusque para servir como religioso da Igreja Luterana. Este fato não é mencionado diretamente por Claire em suas cartas e memórias e encontra-se registrado apenas nas memórias do seu marido – embora o próprio também afirme não gostar de escrever muito acerca do assunto.

Tal qual o pastor Lange, sua mulher, Claire, também compartilhou desta prática do exercício da escrita a fim de relatar suas vivências e de expressar o ritmo da vida cotidiana nesta colônia, sob uma ótica feminina. Claire fala do seu lugar de mulher do pastor e tem sua análise feita a partir do seu espaço ocupado na comunidade. Claire dedicou-se ao magistério, dividindo as aulas da escola com seu marido e ficando responsável por parte da educação das novas gerações que chegavam no novo mundo colonizado.

Sobre a escola alemã evangélica, Seyferth (2016) aponta aspectos importantes, tais como a docência praticada em sua dimensão de gênero, e afirma que os assuntos de gênero com enfoque feminista são pouco comuns. O aparecimento da escola alemã ocorreu com o intuito de alfabetizar os filhos dos imigrantes diante da insuficiência das escolas públicas no Brasil – reivindicadas pelos colonos, uma vez que o ensino público era uma realidade obrigatória em seus países de origem. Nessas escolas, ensinava-se os idiomas alemão e português, mas com o panorama político instituído pelo Governo do Estado Novo de Getúlio Vargas, a campanha de nacionalização atingiu a imigração como um todo, exigindo a assimilação dos elementos da pátria brasileira como únicos legítimos e proibindo o uso das línguas maternas. Esta campanha foi particularmente dura em relação aos alemães no Sul do Brasil.

Embora proibidas, em 1939, as obras literárias alemãs produzidas no Brasil são importantes para se pensar na colonização e nas representações sobre a paisagem brasileira, nos significados da cultura e nas identidades teuto-brasileiras, além das relações interétnicas, na sociabilidade e na vida cotidiana. Conclui-se que a volumosa produção – seja ela acadêmica ou não – a respeito da imigração alemã, presente na memória dos descendentes, embora próxima de seu bicentenário, con-

figura um indicador acerca da relevância do conhecimento sobre fenômenos migratórios em um mundo caracterizado pela globalização e por movimentos migratórios, ocorridos no passado e tão frequentes no momento presente. (Seyferth, 2016)

4. Análise das vivências

4.1. Primeiras vivências do estrangeiro como recém-chegado

Lembrando a definição de Schutz (2010), o termo “estrangeiro” refere-se a um indivíduo adulto de nossa civilização e de nosso tempo, caracterizado pela tentativa de ser aceito ou minimamente tolerado pelo grupo do qual ele se aproxima. Nossa pesquisa procura abordar a situação de Claire Lange, imigrante europeia no Brasil. Portanto, procuramos identificar as suas tentativas de ser assimilada ao grupo do qual se aproximou.

Em seu ensaio, Schutz (2010) procura definir a maneira como o padrão cultural de vida de um grupo se apresenta para as pessoas que constituem este grupo. Este termo – padrão cultural – é utilizado para instituir os valores peculiares, sistemas de orientação e direção (como a cultura, o folclore, os costumes, hábitos e leis) e as instituições que caracterizam, e muitas vezes constituem determinado grupo social em um dado momento da sua história. O autor explica-se através da caracterização do conhecimento humano como incoerente, apenas parcialmente claro e prisioneiro de contradições.

Afirma que o conhecimento é incoerente devido aos interesses do indivíduo determinarem a importância dos objetos selecionados; sendo assim, acabam sendo enfatizados objetos que interessam a pessoa. A seguir, descreve o homem em sua existência cotidiana somente parcialmente interessado na lucidez de seu conhecimento, ou seja, na compreensão completa das relações entre os elementos de seu mundo e as relações de contingência nele estabelecidas. Por último, declara que o conhecimento humano não é consistente e encontra-se, muitas vezes, aprisionado dentro de suas próprias contradições.

Desta maneira, o sistema de conhecimento assim caracterizado, apresenta-se para os membros do grupo interno com uma aparente coerência, clareza e consistência, legitimando a possibilidade das pessoas se entenderem e serem entendidas. Os membros nascidos e criados dentro deste grupo acabam aceitando o esquema já estabelecido do padrão cultural herdado por ele de seus ancestrais, ensinado por seus professores e divulgado pelas autoridades locais como um guia inquestionado

e inquestionável em grande parte das situações corriqueiras do mundo social. Este conhecimento se torna uma receita confiável para interpretar o mundo social e para lidar com as pessoas de maneira garantida. Desta forma, o padrão cultural acaba eliminando dúvidas incômodas através da oferta de direções prontas para o uso, substituindo o questionamento de determinadas situações pelo modelo auto-explicativo instituído pelo grupo.

Schutz (2010) declara ainda que este pensar habitual pode se manter verídico enquanto algumas suposições básicas conservarem-se verdadeiras. Dentre estas suposições, acredita-se que a vida permanecerá a mesma como sempre foi, composta pelos mesmos problemas, solucionados das mesmas formas, portanto, as experiências passadas serão suficientes para abarcar as situações futuras. Acrescenta-se a esta crença a confiança inquestionável no conhecimento legado pelos pais, professores, pelas tradições e pelos hábitos, inclusive quando não se compreende suas origens e seus sentidos. Acredita-se também que não é necessário um conhecimento aprofundado sobre estes aspectos sociais, apenas é preciso saber algo sobre os eventos ocorridos e as situações que serão enfrentadas, a fim de gerenciá-las. E que este mesmo sistema de receitas e estas mesmas suposições básicas mencionadas acima não são nossos assuntos particulares e não estão no âmbito de nossa reflexão, embora sejam aceitas e reproduzidas por nossos semelhantes.

Se uma destas suposições deixasse de ocorrer, o pensar habitual se tornaria impraticável. Com isso, estaria determinada a situação de crise, interrompendo o andamento mecânico do hábito e originando condições de transformação na consciência, arruinando o sistema corrente de referências e valores. O padrão cultural deixa de funcionar como um sistema disponível de receitas confiáveis, desvelando-se restrito a uma situação histórica peculiar.

O estrangeiro, quando de sua chegada neste novo contexto sócio-histórico-cultural, não compartilha das suposições básicas citadas acima, partilhadas pelos membros do grupo no qual chegou. Ele se apresenta como o homem que tem a função de colocar em questão quase tudo que parece inquestionável e inquestionado pelos componentes do grupo do qual se aproxima. De fato, para ele este padrão cultural não exerce a autoridade que tem sobre o grupo aproximado, uma vez que não participa da tradição histórica que compõe a formação deste grupo. O estrangeiro

não se tornou nunca uma parte integrante da biografia e tampouco participou da constituição histórica do povo que habita o local onde chegou. Apenas as formas nas quais seus antepassados viveram tornam-se para cada um, elementos de sua própria maneira de viver. Portanto, a aproximação do estrangeiro do grupo ocorre como um recém-chegado. Ele pode compartilhar o presente e o futuro com o grupo aproximado, mas está excluído das experiências passadas. Visto sob a perspectiva do grupo aproximado, apresenta-se como um homem sem história. (Schutz, 2010)

Para o estrangeiro, o padrão cultural do seu grupo de origem continua sendo a sua referência inquestionável. Naturalmente, ele começa a interpretar seu novo ambiente social de acordo com o seu pensar habitual. Dentro do esquema de referência de seu grupo de origem trazido por ele, existe uma ideia preconcebida sobre o grupo aproximado e seu padrão cultural – ideia esta que se revelará inadequada.

O processo acima descrito foi observado na leitura das cartas e memórias de Claire Lange. Ela chegou ao Brasil trazendo consigo o padrão cultural europeu no qual havia sido criada e formada enquanto mulher. Este padrão mostrou-se disfuncional em solo brasileiro e houve um descompasso entre os seus hábitos e costumes e o novo posicionamento exigido dela na nova terra. Como não compartilhava das suposições básicas propagadas no padrão cultural brasileiro, questionou estas práticas; assim, desencadeou-se em sua experiência uma situação de crise.

Claire Reuge Lange. Sem data, provavelmente antes de sua vinda ao Brasil

4.1.1. “As mais diversificadas sensações”: Aproximação da nova realidade

Na vivência de Claire, a aproximação da nova realidade a afetou de forma significativa, revelando os novos horizontes que ela encontraria na pátria que acabara de adentrar. Chegou em um navio e aportou em São Francisco, na região sul do Brasil. Após 20 anos, procurou descrever em suas memórias suas primeiras impressões e as vivências perceptivas que lhe ocorreram quando de sua chegada naquele novo país, naquela nova realidade, naquele novo contexto no qual passaria o resto de sua vida. Observa-se a coexistência de elementos descritos no texto de Schutz – especificamente a atitude de observador – associados a vivências perceptivas. O relato de Claire das próprias vivências aponta para o impacto da nova realidade, que é desvelado na percepção do meio e nas sensações por ela desencadeadas. Associam-se às vivências características da condição de estrangeiro citadas por Schutz, o desvelamento de vivências complementares: vivências afetivas, além de vivências de temporalidade e vivências espirituais, especificamente de natureza religiosa – uma vez que Claire Lange era uma mulher de destaque na comunidade de sua Igreja, não só pelo fato do casamento com o Pastor Wilhelm, bem como pelo seu envolvimento com as causas defendidas pela sua crença, pelo seu engajamento em atividades de cunho caridoso e por sua dedicação às crianças e jovens no ensino na escola. Naturalmente, esta atitude de ligação com o transcendente a acompanhou em todos os momentos de sua existência. Especificamente, como procuramos enfatizar o período no qual redigiu seus escritos, desde a chegada na nova pátria, passando pelos momentos de crise e de ruptura, até sua adaptação no novo território.

Diferente do que afirma Schutz, Claire não apresentou uma atitude de observador desinteressado em um primeiro momento, haja vista a riqueza de detalhes e a descrição do impacto da novidade sobre ela, demonstrado através do compartilhamento de vivências afetivas, que evidenciam um interesse exacerbado com relação aos primeiros contatos, uma vontade ampla de compreender a nova realidade, um desejo intenso de abarcar tanto os aspectos geográficos aparentes da nova terra quanto a natureza psicológica dos integrantes desta. É importante considerar que Claire escreve estas memórias 20 anos depois de sua chegada, tendo já superado a condição inicial de estrangeira e a crise dela decorrente. Seus relatos remetem à reflexão de suas vivências, e portanto, à uma re-significação de tudo que a afetou no

momento de sua chegada. A seguir, apresenta-se um trecho da descrição dos negros e da cidade de São Francisco, contida em suas memórias:

são um pouco mais claros; Negros com olhar bondoso nos olhos escuros, os grossos lábios entreabertos, de modo a deixar transparecer o brilho dos lindos dentes brancos. Estão vestidos nas cores mais claras e berrantes. “Vermelho e azul existe(...)mas aqui ainda se junta o verde, amarelo e lilás. (...)”

A cidade de São Francisco está maravilhosamente situada paisagisticamente. Nas encostas das colinas e morros estão construídas as casas, que, com sua pintura branca, destacam-se lindamente do fundo escuro das verdes florestas. Na ampla enseada estão espalhadas uma série de ilhas. Batidas o ano inteiro pelas ondas do mar, que apesar de seu trabalho incansável, nenhum mal lhes podem causar. Porém, quem for suficientemente ousado para entrar na cidade, verá em pouco tempo sumir o romantismo. A gente tem a impressão de encontrar-se numa cidade em ruínas, pois na maioria se vêem só altos muros com bem pequenas janelinhas, e entre elas cá e lá telhados e cumieiras de formas diversificadas.

Podem-se observar nestes trechos o impacto que a nova realidade causou em nossa autora, bem como as vivências afetivas despertadas pelo novo lugar em que chegara. A energia vital liberada no momento do primeiro contato com a nova terra, assegurou ao relato de Claire uma riqueza de detalhes e uma descrição bastante específica das pessoas e da cidade. A mirada intencional de sua atitude de observadora direcionou sua atenção para os objetos que se encontravam “de fora” de sua consciência, ou seja, a vivência perceptiva de Claire apreendeu os objetos que apareceram na nova realidade que a ela se apresentava. Salienta-se que, em seu relato, não há como separar os elementos da atitude de observador com as vivências advindas desta atitude, uma vez que nos referimos a um indivíduo que é uma estrutura essencial pura constituída por vivências, lembrando a definição de Edith Stein (Ales Bello, 2014). Assim, ocorrerá sempre a vivência perceptiva direcionada para o ambiente, constituída pelas sensações e pelas vivências afetivas, que demonstram como aquela realidade afetou o indivíduo.

Nos trechos acima mencionados, encontra-se na narrativa de Claire a atitude de observador, a tentativa de descrever com precisão as características dos negros e da cidade – lançando mão de adjetivos e comparações para viabilizar a comunicação de sua vivência inicial. A seguir, ela procura relatar a sua situação e as vivências despertadas neste contexto, ainda no navio, quando observou pela primeira vez seu noivo, que se aproximava em um pequeno barco:

Eu estava de pé no convés, com as mais diversificadas sensações. Meus olhos observavam, sim, o movimento colorido à minha frente,

mas no fundo apenas superficialmente, pois naquela confusão procuravam pela figura do meu noivo, que havia feito a travessia um ano antes de mim, para preparar o ninho na selva como religioso de uma comunidade de emigrantes, e que agora viria aqui para buscar-me. (...) Assim eu tive bastante tempo para, olhando de cima, olhar o meu noivo e observar sua aparência após um ano de vida na selva. Ele havia ficado mais magro, mas no mais parecia o mesmo. Apenas seu terno estava com aspecto de selva, e eu tenho de reconhecer que fiquei um tanto assustada com o tom avermelhado adquirido por seu chapéu, e com o tecido de seu paletó luzindo na mesma tonalidade. Naquele momento pensei: “É bom que eu venha, eu lhe ajudarei bastante a cuidar de si.” Ilusão! Pura ilusão! Muito em breve eu mesma aprenderia com que aparência a gente fica após cavalgar em picadas, durante 2 dias, em caminhos do mato.

No relato acima citado emergem vivências perceptivas advindas da atitude de observação. Claire reparou na aparência física de seu noivo (comparando o seu aspecto atual com a lembrança que dele tinha antes da viagem). Como este trecho foi tirado de suas memórias, e ela se encontrava em um momento específico rememorando e re-significando as suas vivências, observa-se a ressalva por ela feita ao se referir ao fato de que naquele momento ela se enganou, pensando que com sua vinda o pastor seria mais bem cuidado. Dentro de pouco tempo ela adentrou a realidade e compreendeu que a experiência vivida naquele lugar não viabilizava uma aparência cuidadosa, como a que ela estava acostumada e pensava ser possível manter. Neste mesmo trecho, Claire relata a procura por seu noivo e o direcionamento do seu olhar para ele quando percebeu sua presença se aproximando do navio. Mais adiante, ela afirma que os companheiros de viagem estavam todos atentos para o seu encontro com o pastor e embora isso a constrangesse, de certa maneira todos os passageiros participaram um pouco do momento – já que compartilhavam com ela aquele instante. Pode-se afirmar que a vivência de Claire foi partilhada com as demais pessoas que a acompanhavam e neste aspecto, salienta-se a importância do outro e do grupo.

No que tange aos indivíduos e aos grupos aos quais estes pertencem, Edith Stein analisa as fontes de energia vital espiritual, partindo do pressuposto de que a psique individual não é constituída isoladamente da realidade que a cerca. A filósofa enfatiza três tipos de agrupamento entre pessoas: as massas, a sociedade e a comunidade. A comunidade se refere à “vinculação natural e orgânica entre os indivíduos”. A sociedade, por sua vez, diz respeito à “vinculação racional e mecânica” entre as pessoas – agrupadas por alguma finalidade explícita. (Stein, 2010, p.111 apud Cardoso, 2016, p. 127). Na sociedade, cada membro dela constituinte se responsa-

biliza por uma função específica delimitada por um planejamento estabelecido previamente. Nas comunidades, por sua vez, as pessoas se tratam como sujeitos porque compartilham suas vidas, dividindo seus objetivos, sua movimentação interna, e não apenas suas tarefas habituais. Um exemplo de comunidade é a família. Neste tipo de formação grupal um elemento marcante é a solidariedade presente entre seus membros. Pode-se observar que existe uma intersecção entre comunidade e sociedade, na medida em que não é possível que uma pessoa trate a outra como objeto nas relações sociais sem que não o tenha abordado como sujeito previamente, sem que antes não tenha reconhecido sua condição humana e sua vida interior. (Cardoso, 2016)

Tanto a sociedade como a comunidade aparecem como fontes de energia vital espiritual para a psique da pessoa. Entretanto o agrupamento das massas não nutre o âmbito espiritual porque a esfera espiritual está ausente na configuração das massas. Neste tipo de formação grupal, o principal traço não são as atividades espirituais, mas a estimulação ao nível psíquico exercida sobre a pessoa pelo grupo. Refere-se a uma espécie de contágio psíquico, e não a um compartilhamento de vida.

Aprofundando o aspecto da constituição psíquica humana a partir de seu fundamento externo e intersubjetivo emerge o aparecimento de uma nova categoria de vivências descritas por Stein, as vivências supraindividuais – aquelas que dizem respeito a um conjunto de “Eus” individuais, caracterizando-se por serem vivências vividas em conjunto. É preciso a participação na comunidade para que a vivência seja partilhada. A autora afirma que a vida em comunidade e as vivências supraindividuais transcendem os indivíduos, projetando-se nos indivíduos que futuramente compartilharão da mesma vida. O sujeito comunitário é aquele que vivencia as vivências supraindividuais. A origem do sujeito comunitário, entretanto, são os sujeitos individuais, uma vez que as vivências nascem da experiência particular de cada um. As vivências supraindividuais não aparecem como o resultado da somatória das experiências individuais, mas do fenômeno resultante de uma vida partilhada. Ambas as vivências – comunitárias e individuais constituem a personalidade total de um indivíduo.

As vivências supraindividuais geralmente possuem a mesma estrutura das vivências particulares, haja vista que o conteúdo de uma vivência comunitária seja sempre individual porque são os indivíduos que o vivenciam. Outro aspecto que caracteriza uma vivência como comunitária é a partilha de seu conteúdo pelas pessoas que integram a comunidade e este conteúdo possui sempre um sentido.

Cardoso (2016) afirma que para Stein as vivências comunitárias constituem-se pelas vivências dos indivíduos em comunidade. Desta maneira, as vivências de uma pessoa podem se confundir com as vivências da comunidade na qual está inserida, viabilizando o co-vivenciar de um conteúdo comunitário devido ao seu conteúdo de sentido, refletindo a intensa conexão entre as vivências individuais e as comunitárias.

Oberva-se nos relatos de Claire, a emergência de vivências supraindividuais descritas quando da narrativa de seu encontro com o pastor Lange, em que se partilhava com os companheiros do navio os motivos de sua vinda e a procura daquele que a esperava, realizada tanto por ela, quanto pelos companheiros que estavam a par de sua história.

Estas vivências encontram-se presentes também em toda a trajetória religiosa de Claire e do Pastor Lange – que compartilharam com sua comunidade de fé a mesma Igreja, os mesmos rituais e as mesmas experiências relacionadas a seu projeto missionário na nova colônia instaurada em terras brasileiras.

Claire demonstra, em seus escritos, a expectativa que tinha da nova realidade - vinda de seu padrão cultural de referência - e a sua tentativa de se adaptar a este novo contexto se utilizando das ideias e dos conceitos formados em sua pátria, dos aprendizados trazidos da Europa e das condutas funcionais e efetivas vividas naquele lugar.

Pastor Wilhelm Gottfried Lange e Claire Reuge Lange, primeiros anos no Brasil

4.1.2 “É claro que aqui também tudo é bonito, mas mais bonito é lá em casa...”: Padrão Cultural de Referência

Como descrito por Schutz em seu ensaio (2010), o padrão cultural de referência formado no grupo de origem acompanha o indivíduo ainda que este se desloque e vá viver uma nova realidade. Este padrão cultural aparece nos momentos em que o estrangeiro faz comparações da nova realidade com a sua realidade passada, nas menções de seu pensamento habitual diante do novo contexto, nos relatos de seu sistema de valores e das concepções formadas antes de sua vinda a respeito dos membros do novo grupo. Ainda em suas memórias, Claire descreve a cidade de Joinville, para onde foi no dia seguinte de sua chegada. Em sua narrativa, desvela-se o padrão cultural de seu grupo de origem como o seu esquema de referência, através da comparação da cidade recém-conhecida com a realidade alemã:

Joinville é uma cidadezinha bonitinha, e, com suas casas simpáticas cercadas de bem cuidados jardins, dá a impressão de ser um pequeno balneário alemão. Nas ruas ouve-se falar quase só alemão, pelo que um alemão em pouco tempo se sente em casa aqui, se puder esquecer o grande mar que o separa da pátria. É claro que, observando melhor, chama a atenção a vegetação estranha. Não é uma alameda de tílias pela qual caminhamos, e sim uma majestosa alameda de palmeiras reais. Entre as casas se vêem os mais diversos tipos de palmeiras, e laranjeiras com sua folhagem verde e frutos amarelo-dourados. Nas varandas das casas vêem-se as mais maravilhosas folhagens e nos jardins floresce uma multiplicidade de flores, em quantidade esbanjadora o ano inteiro. É um eterno verdejar e brotar, e nada na natureza lembra morte. Mas, com o tempo, esse quadro não nos satisfaz mais, porque não condiz com a realidade, com a vida. Eu sinto falta do outono, com seu tapete crepitante, do inverno, com seu espesso manto branco e cintilante cobrindo tudo.

É importante destacar o fato de que, como o governo brasileiro estava interessado em povoar as terras do sul do país a fim de evitar invasões e ataques dos vizinhos platinos e havia uma política de interesse no branqueamento da população brasileira, a imigração de Claire ocorreu em um contexto de abertura do Brasil para outros europeus, portanto, ela veio para uma região na qual estava se formando uma comunidade de conterrâneos. O pastor Wilhelm Lange, seu marido, chegara um ano antes com cerca de 200 pessoas para construir a sua comunidade, e outros mais haviam chegado ao país nesta conjuntura. Daí o seu comentário de que se ouvia a língua alemã nas ruas da cidade. Este fato provavelmente viabilizou a sua adaptação, uma vez que a sua língua materna era falada juntamente com o português. Assim, não houve um abandono do idioma de origem, a língua alemã – de

forma que, passadas duas décadas de sua chegada, ela optou por escrever suas memórias em alemão.

Observa-se, no relato de Claire, a comparação de Joinville com um balneário alemão, e a sua tentativa fracassada de aproximar a nova realidade com as lembranças da terra natal, marcadas pela impossibilidade da semelhança da vegetação. Por mais que a cidade brasileira remeta à cidade alemã, a vegetação – para ela “estranha” – evidencia a diferença, a distinção, a disparidade entre ambas as realidades.

Outro aspecto interessante que aparece é que, por mais que o novo contexto e o novo aspecto da natureza pareçam bonitos para a autora, eles não preenchem uma lacuna deixada pela ausência dos elementos constitutivos da pátria-mãe. Quando Claire menciona que este aspecto não condiz com a realidade, ela se refere à realidade europeia, à realidade vivida por ela por todos estes anos, à sua experiência de vida e às suas vivências individuais. O seu padrão cultural de referência é o alemão. E é através destes óculos que ela irá enxergar o lugar no qual chegou, e também o grupo que nele habita.

Pastor Wilhelm Gottfried Lange. Sentados, à esquerda Claire e à direita sua tia Heloise Jacot Descombes, que viveu com os Lange de 1897 até seu falecimento em 1914.

No trecho no qual a autora das cartas relata o aspecto de renovação da natureza brasileira e se lamenta que, diferente da vegetação da terra natal “nada lembra

morte”, emerge o aspecto da finitude da vida e do encerramento da existência – despontando aí a vivência espiritual da reflexão acerca deste fato.

Misturam-se às vivências de estrangeira, vivências afetivas e de temporalidade, que acabam despertando em Claire o sentimento de saudade da terra natal:

Depois a natureza despertando em maio. Como tudo germina e brota da terra! As mais delicadas cores surgem nas árvores e arbustos. Os bichinhos despertam para uma nova vida, fortificados e refrescados. – Agora, 10 anos mais tarde, meus olhos têm saudade dessas paisagens da pátria. Eu quero novamente ver uma rua congelada, com os rostos alegres dos patinadores, quero ver crianças de escola com seus narizinhos vermelhos de frio, que antes de entrarem na sala de aula precisam primeiro sacudir a neve de seus casacos. Muita coisa da pátria eu quero rever. Ainda que outros, que talvez nunca viram os trópicos, sonhem com a exuberância de suas árvores, flores e pássaros. É claro que aqui também tudo é bonito, mas mais bonito é lá em casa, onde neva e faz frio, onde todas as folhas murcham e novamente brotam verdejantes.

Neste trecho encontram-se vivências de temporalidade, caracterizadas pelas lembranças da terra natal, além de vivências perceptivas e afetivas. Observa-se a dor advinda do sentimento de inadequação da nova realidade com aquela na qual a autora estava acostumada. Novamente, apreende-se que por mais bonito que pareça o novo grupo e o novo país no qual ela vive, as impressões e os sentimentos despertados não se igualam àqueles vividos no ambiente no qual nasceu, cresceu e se tornou mulher. Emergem neste trecho elementos da subjetividade e da constituição de Claire enquanto pessoa, elementos profundamente afetivos, memórias e lembranças de um tempo e um espaço significativos para a autora, de uma realidade outra que promoveu a sua formação humana. E é pela existência destes elementos subjetivos e indiossincráticos que esta realidade abandonada parece, para Claire, a melhor das realidades possíveis. Porque existe a saudade, a impossibilidade do retorno e nostalgia da lembrança. Tanto para ela quanto para qualquer indivíduo, o espaço geográfico em que estabeleceu diversas relações afetivas e a cultura na qual formou o seu padrão cultural despertarão este sentimento de pertença e de identificação. Consequentemente, será sempre interpretado como mais bonito que qualquer outro lugar.

Para isso existe a arte, e os poemas, e as “orlas” – termo utilizado por William James para remeter-se à conexão das palavras com elementos passados e futuros do discurso através de emoções e elementos irracionais que parecem inefáveis. (Schutz, 2010). Parece oportuno citar o poema de Alberto Caeiro, heterônimo de

Fernando Pessoa, “Pelo Tejo vai-se o mundo” – porque encontra-se na obra a correspondência do processo apresentado por Claire em sua vivência: a sua realidade é mais bonita.

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia (...)
(Caeiro, A. p 215. In: Pessoa, F. Obra Completa, 1999)

Neste sentido, a vivência da saudade associada ao padrão cultural de referência trazido da pátria, provoca uma dificuldade adaptativa no estrangeiro e um esquema de interpretação de mundo enviesado: uma vez que o que é vivido lá é sempre melhor do que o que é vivido aqui.

Prosseguindo a descrição da nova realidade, Claire, através da tentativa de descrever a igreja da casa paroquial, afirma a dificuldade de um europeu de interpretá-la como esta se apresenta:

dá uma impressão bastante desolada. Quando nela se entra, qualquer olho europeu mal acostumado terá dificuldade em perceber que este recinto seja o de uma igreja. Ali não abóbadas pintadas com arabescos e ornamentos de toda espécie; em vez disso, vê-se o madeiramento do telhado e as próprias telhas.

Mais uma vez observa-se a comparação da representação de uma igreja formada em sua realidade vivida na Europa e o descompasso entre esta e a realidade de uma igreja encontrada no Brasil, no contexto no qual ela se insere.

Prosseguindo, observam-se as vivências perceptivas e afetivas de Claire, quando da descrição do primeiro contato com a casa paroquial, na qual viveria com o pastor. O assombro e a surpresa equiparam-se às impressões despertadas pela Igreja também:

Eu fiquei parada pensativa. Isto portanto era o meu novo lar. Eu o via pela primeira vez. Certamente eu não havia criado ilusões e estava preparada para ambientar-me nas condições mais simples que fossem. Mas o quadro que aqui se apresentava aos meus olhos era algo tão novo, tão estranho, tão inesperado, tão simples e ao mesmo tempo tão grandioso, que eu precisei de algum tempo para me recuperar.

Depreende-se da descrição de Claire a lembrança de sua atitude de observadora impactada em um primeiro momento pela novidade e pela complexidade da realidade que para ela se apresenta. Analisando melhor, pode-se dizer que os elementos do padrão cultural de referência (o europeu) não foram suficientes, no senti-

do de que por mais que ela houvesse tentado se preparar para se adaptar às “condições mais simples que fossem” – em suas próprias palavras, não havia como anteceder o impacto da nova realidade, tampouco preparar-se para lidar com ela de antemão. O novo fato que se revelou à autora a afetou a ponto de exigir dela tempo para assimilar o ocorrido.

Heidegger (2006) afirma que um período de silêncio pode designar a abertura para os sentidos ainda não formulados, mas a serem elaborados no devir. Nesta perspectiva, pode-se supor que o impacto causado pela realidade em Claire exigiu dela tempo para formular novos sentidos diante das novas representações de mundo que a ela se revelavam.

Há momentos nos quais Claire compara o clima do Brasil com o da Alemanha, estabelecendo uma aproximação entre ambas as pátrias:

Nessa época, muitas vezes fazia frio. É, também no Brasil pode-se sentir frio, no inverno, pois o termômetro podia descer até 2 graus acima do ponto de congelamento.

Neste aspecto, observa-se a correlação elaborada pela autora do relato entre a realidade da qual havia vindo e a nova realidade que se desvelava a ela. A seguir, no trecho, ela lamenta não ter trazido consigo meias de lã – o que demonstra o escasso conhecimento da realidade brasileira presente em seu padrão cultural na Europa – um conceito de que em um país tropical não se faz frio. Elementos como este demonstram o engano cometido quando se adentra em um novo panorama utilizando-se das ideias e dos sistemas de valores construídos previamente em uma realidade distante.

Encontra-se ainda, nos relatos de Claire, a dificuldade de se adaptar à nova realidade quando o seu costume é agir de modo diferente, de acordo com o instituído pela sua cultura. Uma mudança acaba exigindo um novo posicionamento diante do mundo e do universo valorativo formado pelo estrangeiro:

A um europeu parece bastante estranho, quando pela primeira vez tem de passar sua festa de natal nos trópicos, e com certeza dificilmente consegue colocar-se logo no devido clima emocional. O calor faz-se sentir mais desagradável justamente nessa época, e as pessoas ficam moles e cansadas: a comunidade da igreja que, em B. (*Brüderthal*), na noite de natal havia se juntado em torno da árvore folhosa tirada do mato e enfeitada festivamente, estava constantemente ocupada em abanar-se com panos para proporcionar-se ar fresco e enxugando o suor da testa. Apesar disso gosto de lem-

brar-me daquele tempo, quando ainda festejávamos essa festa com nossa pequena comunidade, isolada do resto do mundo.

No trecho acima Claire menciona a dificuldade de se adaptar ao clima da nova região e o esforço exigido de seu grupo para comemorar a festa cristã em um lugar tão distante e diferente daquele no qual foram passados todos os natais até então. Rompendo com o costume e a tradição do Natal europeu, a nova realidade tropical exigiu destas pessoas uma reorganização de seus esquemas correntes e ao final do espanto, Claire chegou à seguinte conclusão:

Quando então ressoaram os cânticos de natal das crianças, do coral da comunidade, com acompanhamento de harmônio e de violinos; quando foi lida a antiquíssima e sempre nova história do nascimento do Salvador; quando as crianças, com olhos brilhantes, vinham à frente para, de acordo com a idade, declamar uma frase ou um verso, podíamos esquecer que víamos na selva. Não era o mesmo Deus a quem festejávamos nessa noite, tanto na velha como na nova pátria?

Através da aproximação da nova realidade com a antiga, da procura de semelhanças entre o novo contexto e o anterior, da consideração de que se comemorava a mesma data em ambas as culturas, Claire consegue estabelecer uma comparação e aproximação entre os dois mundos da vida. Embora o ambiente físico fosse realmente muito diferente, ela vivia uma única realidade – que foi trazida consigo e inserida no novo campo social: “a selva”. Utilizando-se de suas vivências espirituais (fé), conclui que independente do local geográfico e do grupo no qual se encontra, existe a unidade de um mesmo Deus – presente tanto em solo europeu quanto em terras americanas. Desta maneira, a autora soluciona a angústia advinda do desencontro entre o seu padrão cultural de referência e o padrão cultural existente no novo contexto, aproximando as duas realidades e encontrando elementos em comum entre ambas.

A seguir, Claire conclui que o que realmente importa são as vivências afetivas despertadas pela festa natalina, os encontros humanos promovidos e a união das pessoas – estejam elas onde estiverem. Relata satisfação ao presenciar a vinda e a assimilação das tradições de sua igreja aqui:

Finalmente desapareceram as lanternas, e os cânticos, mais e mais enfraquecendo, silenciaram por completo. Nunca mais esquecerei essa imagem da minha vida na selva. Na Europa assisti a muitos concertos e tive oportunidade de apreciar os mais famosos artistas, mas raramente uma música me emocionou tanto como aqui – em sua forma mais simples – nesse ambiente – na selva.

Neste momento observa-se o despertar da autora para a nova realidade através da comparação com o seu passado; entretanto, ela assume um novo posicionamento: demonstra a capacidade de encontrar a beleza em seu novo ambiente. Compara o cântico do coral entoado na selva com os concertos musicais europeus, mas, desta vez, rende-se à nova realidade que se apresenta e se permite tocar pelo novo panorama no qual se encontra. A estrangeira começa então a se ambientar neste novo mundo e o pensamento habitual, formado na Europa, mostra-se falho e insuficiente para encarar esta nova realidade. O desdobramento da vida neste novo contexto requer uma nova postura, um novo olhar, uma nova abordagem – desenvolvida com a finalidade de se adaptar no novo local, de fazer da nova moradia um lar e de se sentir em casa neste novo país.

Brüdertal no final do século XIX. No centro, a igreja (Kapelle). À direita, a casa pastoral.

Brüderthal no final do século XIX.

4.1.3 “Aceitar a ideia de que não estamos em casa é muito difícil, para mim é muito desagradável”: O caráter disfuncional do pensamento habitual

Diante da nova realidade que se desvela para o estrangeiro, o seu pensamento habitual acaba se revelando inadequado. Ao se deparar com o novo contexto ambiental e cultural vivenciado, este sistema de valores e esta maneira de interpretar o mundo requer um reposicionamento. Esta visão sobre o novo grupo aproximado e o novo ambiente foi formada em um contexto anterior sem a finalidade de se adaptar a eles. Consequentemente, não responde à necessidade de adequação neste contexto. Portanto, à medida que o tempo vai passando, a maneira habitual de pensar se mostra disfuncional e infrutífera. Este fato requer o aparecimento de uma atitude reflexiva, portanto, de uma vivência do espírito com caráter intencional, à medida que a consciência se coloca diante de um ato específico com a finalidade de interpretá-lo.

Claire relata, em uma de suas cartas escrita em 1888 para seus pais e irmãos, a dificuldade de aceitação deste novo contexto e da sua nova configuração existencial:

Mas aceitar a ideia de não estar em casa nos é muito difícil; principalmente para mim é bastante desagradável.

Embora haja dificuldade em aceitar a nova realidade que a ela se apresenta, a autora tem consciência da necessidade de sua permanência neste novo contexto e apesar do desagrado, continuará se esforçando até assimilar os dados reais que lhe permeiam. Todavia, esta tentativa de adaptação quando embasada no padrão cultural de referência, formado no lugar de sua origem, acaba dificultando a verdadeira aproximação da realidade sem preconceitos e juízos de valores formados de antemão.

Em carta datada de 1892, escrita para seus pais, Claire demonstra uma visão pré-concebida dos brasileiros, uma maneira de classificá-los previamente, antes de entrar em contato com a realidade vivida por este povo:

Em todo caso, muitas pessoas lá são gente muito rude, tanto, que na Europa não se pode nem fazer idéia. Na Europa, no ambiente culto, eles vivem constrangidos, mas aqui, facilmente a pessoa se solta, mostrando-se como ela é na verdade. Isto já está no clima, que a gente fica fisicamente e infelizmente também espiritualmente bastante enfraquecido.

No trecho acima mencionado pode-se observar o caráter disfuncional da visão formada acerca dos brasileiros, e o despreparo da atitude estigmatizante, que acaba atribuindo a estes a falta de auto-controle, justificada pelo clima tropical. Esta aproximação do povo brasileiro partindo de uma imagem formada no padrão cultural de origem do estrangeiro pode ser observada em outra carta, datada de 1900, destinada também aos pais, na qual Claire procura descrever a eles o comportamento da mulher brasileira e as suas características. A seguir, apresenta-se o seu relato e as impressões que lhe despertam a mulher brasileira:

Se vocês repararem na data de minha carta, certamente se admirarão de como eu, uma dona de casa alemã, me sento hoje, ainda por cima de manhã, para escrever. Vocês pensarão que eu me tornei uma das brasileiras legítimas, que o ano todo não se preocupam com a manutenção da casa, enquanto seus maridos lhes fazem o café de manhã cedo e os quais também cuidam das crianças. Uma brasileira assim na verdade não se preocupa, pois a gente as vê em geral a qualquer hora do dia de braços cruzados, sentadas à janela, olhando para o mundo. No inverno ficam acocoradas jun-

to ao fogo e de tempos em tempos empurram um pedaço de lenha, abrem cá e lá a panela de feijão, com um olhar de seus olhos escuros examinam a sopa escura espartana, fecham a panela com a mesma indiferença e voltam a olhar sonhadoras para dentro do fogo.

A brasileira comum não procede de modo diferente. O cabelo, que geralmente é lindo, preto escuro e um pouco ondulado, só é arrumado quando alguma vez tem de sair ou quando espera visita. Avental é coisa que uma mulher assim não conhece. Uma descuidada saia longa lhes pendendo sobre as pernas e é usada tanto tempo, até que se acabe em trapos. Assim também uma blusa solta, restos de antigo esplendor. Envoltas nesses farrapos, uma brasileira se movimenta como uma rainha, em porte e movimentos, em seu ambiente caseiro, superior a tudo e soberba como se nada lhe importasse. Apesar dessa despreocupação, elas envelhecem cedo e o rosto se cobre muito cedo com uma infinidade de rugas. A mim sempre provoca riso o seu ar de importância, quando elas se visitam mutuamente. E ainda mais, como se parece uma sociedade de tais brasileiras? Elas aparecem altamente enfeitadas, cheias de rendas e fitas sobre cores berrantes. Após os primeiros cumprimentos, em que elas se abraçam muito cerimoniosamente, encostando rosto em rosto, com beijos no ar e três tapinhas nos ombros, sentam-se rígidas como estátuas de mármore, sobre os bancos ou cadeiras quando estes existem, rente às paredes da sala, e se olham umas às outras, trocando vez por outra um sorriso cheio de dignidade.

Pode-se observar a disparidade entre a realidade das mulheres brasileiras e o olhar de Claire destinado a elas. Em sua carta, ela descreve as mulheres como desocupadas e despreocupadas com o cuidado dos filhos – generalizando uma atitude de descaso com a família e com o lar no comportamento feminino brasileiro. Salienta-se assim, em um primeiro momento, a atitude classificatória e generalizante sobre as mulheres do grupo. A descrição de Claire é disfuncional na medida em que ocorre uma generalização da conduta humana. Ademais, ela se aproxima do grupo brasileiro como uma estrangeira, como um membro externo. O seu olhar é enviesado. Ela traz consigo opiniões e juízos de valores formados na Europa, preconceitos e ideias pré-concebidas da mulher brasileira. Consequentemente esta forma de abordar as suas novas conterrâneas e esta visão distorcida sobre a sua natureza, acabará dificultando o acesso a elas e a adaptação no território do qual elas se originam.

Não é apenas no que se refere às pessoas que compõem o grupo aproximado que o padrão cultural trazido junto do estrangeiro revela-se disfuncional, mas isso ocorre também em situações práticas do dia-a-dia. Em suas memórias, Claire relata sua dificuldade na lida com as galinhas e o seu despreparo inicial para tratar destas questões:

Ainda hoje preciso rir de mim mesma, quando lembro que eu pensava que cada galinha punha um ovo a cada dia, durante toda a sua existência. (...) Uma vez eu persegui uma galinha qualquer no terreiro, para apanhá-la e co-

locá-la sobre um ninho de ovos para chocar. Admirada, minha empregada exclamou: “Mas Sra.Pastor, ela nem está choca!” “Ah é?”, disse eu, “ela não está choca?”, e pensei: preciso perguntar meu marido o que ela quer dizer com isso. Também como fazer pão eu tive de ainda aprender com minha empregada. Se bem que se poderia conseguir trigo na cidade distante 30km, ele era caro demais para nós. Em vez disso, usava-se milho moído, juntando-se algumas batatas doces e fermento. Conseguia-se assim um pão bem gostoso e nutritivo.

No trecho acima mencionado pode-se observar que a nova realidade exigiu de Claire um novo posicionamento e que, de fato, as “receitas prontas e os códigos de conduta” trazidos do grupo de origem não se adequam ao contexto do novo meio.

Há momentos nos quais Claire admite o descompasso entre a sua conduta habitual e a realidade que se apresenta ao seu redor, como no caso em que ela descreve a incongruência de sua bolsa – símbolo de status na Europa, sobre o ambiente rude da selva:

quando pela manhã a claridade do dia chegou, eu a saudei tão contente como nunca e saltei aliviada do meu leito. Minha bolsa “aristocrática”, como em casa costumava dizer meu pai, por causa de seu acabamento especialmente fino, salientava-se bem curiosamente nesse ambiente e, se ela pudesse falar, talvez me tivesse repreendido quanto a esse “Hotel de primeira classe.

Com estes relatos conclui-se, pois, que as vivências lembradas e relatadas por Claire remetem ao caráter disfuncional do pensamento habitual do estrangeiro diante da nova realidade que a ele se apresenta.

Desenhos de Claire, sem data. Nanquim sobre papel.

À medida que vai vivenciando este novo contexto, ele compreende que o seu sistema de valores trazido da terra natal não é suficiente para assegurá-lo no novo território e que existe, portanto, a necessidade de alteração de alguns pressupostos e de modificação de sua visão de mundo a fim de viabilizar a sua adaptação na nova

terra. Ao entender isso, o estrangeiro percebe o aparecimento de uma ameaça na base de sua concepção relativamente natural de mundo, que interrompe o andamento da rotina habitual e demanda condições de transformação na consciência. Instala-se assim a crise, que destrói o sistema corrente de relevâncias formado até então.

4.2 A Crise: Vivências de choque de confiança no pensar habitual

De acordo com Schutz (2010), à medida que o estrangeiro se aproxima do novo grupo no qual chegou, compreende que o seu pensamento habitual não é capaz de suportar o teste da experiência vivida e da interação social dela decorrente. Não há padrão cultural aprendido previamente, tampouco estilo de vida vivido até então em outra realidade que consiga abarcar o novo contexto e as características e exigências sociais deste.

A descoberta de que as situações ocorridas no novo ambiente se diferenciam da expectativa criada na terra natal, consiste, frequentemente, no primeiro choque do estrangeiro em seu pensamento habitual. Todo o sistema de interpretação corrente vivenciado até então torna-se invalidado. Não pode, portanto, permanecer sendo utilizado dentro deste novo contexto. O estrangeiro assim, encontra-se como um caso à parte, fora do território coberto pelo esquema de orientação corrente do grupo do qual se aproximou. As suas visões de mundo, de homem, seus valores instituídos outrora não correspondem ao sistema de valores correntes no novo ambiente. A nova realidade exige deste um reposicionamento e uma reestruturação de seu olhar. Neste ínterim, acaba ocorrendo um deslocamento social do estrangeiro, e ao se aproximar, resta a ele traduzir os termos e os códigos de conduta do novo padrão cultural nos termos do padrão cultural de seu grupo de origem.

A nova realidade que se impõe exige do estrangeiro uma aproximação do novo padrão cultural, o que ocorre através do processo de indagação frente ao desconhecido e da tentativa de familiarização no novo ambiente que favorece o ajuste social.

Inserido neste novo contexto, resta ao estrangeiro a atitude de protagonização diante desta nova realidade. É preciso que, como afirma Schutz (2010), ele “sal-

te da plateia para o palco”. Deixe de ser um mero espectador e se torne o protagonista de sua existência.

4.2.1 “Com o tempo fui me acostumando mais e mais às circunstâncias...”: O salto da plateia para o palco

Em suas memórias, no relato sobre a travessia feita de Joinville à Bruderthal – local no qual se radicariam, onde Claire viveria por dez anos junto do pastor, a autora começa a tomar consciência da necessidade de deixar de ser uma mera espectadora, de não se limitar apenas à observação da realidade, mas de começar a agir no mundo para transformar esta realidade e ser por ela transformada:

Mas voltemos à nossa viagem! Em pouco tempo terminou o caminho tráfegável. Nossos cavalos haviam chegado ao seu destino, mas nós ainda não, ou seja, agora cabia-nos usar as pernas, e muitas vezes ainda também os braços. (...) Ali eu cheguei à conclusão de que, uma esposa de pastor destinada ao Brasil, deveria, antes de sua viagem, fazer um curso na nobre arte de equilibrista em cordas, para que, ao transpor rios em pontes sem corrimão, pudesse mostrar mais habilidade do que eu.

Quando se viu diante desta realidade que a ela se apresentava, foi preciso que Claire reagisse com o repertório que possuía. Ela não estava preparada para tamanho esforço físico, tampouco apresentava habilidades para tanto, mas foi com o tempo e com a prática que foi aprendendo a conviver com a nova realidade. E à medida que vivenciava cada experiência, foi se tornando consciente do seu papel enquanto mulher de pastor:

Não é fácil – não, não só não é fácil – é terrível ser pastor no Brasil!

Nesta confissão feita aos pais em carta referente aos primeiros anos em Brusque, Claire reconhece as dificuldades vivenciadas diante da função de seu marido e, conseqüentemente, vivenciadas por ela também como sua companheira.

Uma vez ambientada no novo território, aparecem as dúvidas e os receios – processo natural quando se deixa a sua pátria para viver em terras distantes.

Mas voltemos à casa e à cozinha. O que deveria eu cozinhar? O que me adiantava que, durante a viagem no navio, houvesse estudado com tanto empenho as receitas de Henriette Davidis e de ter já preparado o cardápio para a primeira semana? Para poder fazer um bife ou um assado, precisa-

se de carne fresca; aqui, porém, por muitos anos não havia ali um açougue, bem como nenhum padeiro, não havia leite e nem manteiga. (...) Minhas vizinhas – se é que assim se pode chamá-las, considerando a distância – socorreram-me nos primeiros dias com sua ajuda, seus conselhos, com banha, ovos e carne conservada.

Observa-se que, por mais que Claire houvesse tentado se preparar para viver a nova realidade, suas receitas aprendidas na Europa assumiram um caráter disfuncional, uma vez que não existiam estes ingredientes na nova terra. Foi preciso, em seu processo de protagonização, a ajuda dos outros que aqui viviam. Com o tempo, Claire foi assumindo o controle de sua realidade e se ajustando melhor às situações:

Com o tempo fui me acostumando mais e mais às circunstâncias e também aos cuidados do campo, de que inicialmente eu nada entendia. No galinheiro encontrei, na minha chegada, um galo e uma galinha. Como fiquei contente quando, pela primeira vez, ouvi nosso galo cantar. Pareceu-me que nunca, desde a criação do mundo, um galo havia cantado tão alto e bonito.

Neste trecho retirado de suas memórias observa-se o processo de aprendizagem desencadeado pelo contato com a realidade, através de vivências perceptivas – que coexistem junto de vivências de temporalidade e afetivas. À medida que assume o papel principal em sua existência diante do novo ambiente, elementos afetivos começam a aparecer. Em sua vivência perceptiva, desencadeada pela sensação de escuta do canto do galo, Claire se sentiu privilegiada e projetou elementos internos naquela situação, interpretando aquele canto como o mais bonito que já ouvira.

Os filhos do casal Pastor Lange, da esquerda para adireita, Meta, Walter (sobre a mesa), Clara (Klärchen), e Rodolfo (Rudi).

Ao chegar, ela se recordava da pátria como aquela que possuía a natureza mais bonita. À medida que foi se ambientando ao novo contexto, passou a enxergar a beleza existente neste e a se identificar com os elementos deste novo mundo, como ocorreu ao ouvir o coral natalino na selva e ao ouvir o galo cantar no espaço pertencente a eles. Conforme o tempo foi passando, a nova realidade foi então sendo melhor assimilada por Claire.

4.2.2 “Um pedacinho de pátria alemã em meio à selva.”: A transformação do novo padrão cultural em caráter ambiental

À medida que o tempo passava e a nova realidade se desvelava no cotidiano de Claire, o novo padrão cultural foi se transformando e assumindo um caráter ambiental, as imagens que se tinham acerca do novo território e da nova cultura transformaram-se com o desenrolar da experiência vivida neste ínterim, seu teor anônimo passou a assumir um caráter pessoal. Com a atitude de protagonização no novo ambiente e a revelação de que o padrão cultural trazido do grupo de origem seria disfuncional, a nova realidade foi-se impondo e foi sendo absorvida pela imigrante através de indagações frente ao desconhecido, visando confrontar o sentimento de estranheza e de familiaridade.

Em suas memórias, Claire relata a maneira com a qual procurou trazer um pouco da sua história pessoal, dos seus familiares e das suas lembranças para o novo contexto quando elabora comentários acerca da função das cartas escritas pelos familiares e trazidas junto dela para serem abertas no dia de seu casamento:

Nós lemos as cartas que eu havia trazido comigo da pátria e que só deveríamos abrir no dia do casamento. Elas continham votos de bênçãos e saudações dos queridos pais, de parentes e de amigos. Foram escritas com olhos lacrimejantes, e com olhos lacrimejantes foram lidas, mas nós também nos sentíamos reconfortados e fortalecidos, na certeza de que as orações de nossos entes queridos nos acompanhariam e nos ajudariam a superar a saudade de casa.

No trecho acima citado pode-se observar, através da descrição da vivência afetiva da autora, o mecanismo de familiarização no ambiente estranho – ocorrido através da mediação das cartas escritas por seus familiares e lidas sob o impacto de forte emoção no novo contexto. Utilizando as palavras de Edith Stein (Cardoso, 2016), pode-se afirmar que Claire discorre sobre o sentimento de sentir-se acolhida

pelos familiares através da leitura das cartas – este acolhimento é nomeado por Stein como “descansar em Deus” e ocorre, para a autora, não apenas quando a energia vital é restabelecida através deste contato com o transcendente, mas inclusive quando estamos diante de outras pessoas que nos ofertem descanso e amor – que têm a capacidade de influenciar na reposição da energia vital de uma pessoa em estado de esgotamento. Neste sentido, observa-se que Claire encontrou este “descanso” na presença longínqua mas decisiva de seus familiares no dia do casamento. Embora não estivesse ali na selva fisicamente, aquelas cartas representavam seu apoio e seu comparecimento afetivo, além da participação na cerimônia através do interesse pela felicidade dos noivos.

As cartas representam o elo que os estrangeiros tentaram estabelecer entre o mundo que era seu, conhecido e familiar – embora distante – e uma realidade intrigante, desconhecida, misteriosa – a realidade nova que os recebia. Neste contexto, pode-se afirmar que as cartas podem ser abordadas como “remédios para a dor da ausência”. A experiência da saudade, não se refere apenas ao sentimento de perda do outro, mas expressa também a consciência de que este relacionamento embasa a identidade psicossocial na nova situação em que este indivíduo se encontra. De qualquer maneira, as cartas são expressões repletas de significado e sentido do processo de reconhecimento de si mesmo e do outro, viabilizando a compreensão da dinâmica psicológica e social característica das experiências dos autores e de seus interlocutores – no caso, os destinatários. Sendo assim, as cartas representam um instrumento valioso para a comparação dos modelos culturais próprios do mundo da vida dos autores e de seus destinatários. (Massimi et al,1997)

Pode-se ponderar que Claire estabeleceu este elo entre o seu mundo passado e o conectou à nova realidade que a envolvia. É pertinente observar que as cartas de fato foram abordadas como “remédios para a dor da ausência” – expressão utilizada por Massimi et.al (1997), uma vez que se encontra na própria descrição de Claire a função que estas tiveram na superação da saudade de casa.⁴

⁴ Lembrando que as memórias pertencem ao gênero autobiográfico e trazem à tona acontecimentos e situações vividos no passado, interpretados e re-significados com o decorrer do tempo sob a luz de um olhar reflexivo do momento presente, e as cartas são redigidas no momento presente, com vistas à estabelecer uma ligação entre o estrangeiro e as pessoas que compartilharam com ele um passado.

Em carta escrita em Março de 1905 para a mãe e a tia, Claire novamente demonstra a importância da correspondência em seu processo de adaptação na nova pátria – e a sua necessidade de se utilizar desta para se fortalecer diante da nova realidade:

Vocês novamente me colocaram água na boca, com sua carta, querida e longa, que recebi após tanto tempo. Eu quero receber novas notícias de vocês e por isso venho novamente mendigar, bem ao jeito de mendigos, incansavelmente, ainda que seja só por um pouco. Eu acredito que entremontes vocês receberam minha carta e espero que a mesma tenha encontrado a todos vocês com saúde, Tia Ida novamente fortalecida.

Depreende-se que as cartas trocadas fornecem à Claire o sentimento de segurança e de pertença, originado de seu grupo de origem, já que receber notícias das pessoas que ama e de como a vida tem se desdobrado na pátria por ela deixada constituem um elo entre a realidade distante e passada e realidade presente, vívida e futura. Novamente, em uma carta escrita em 1900 para seus pais, Claire se detém na atitude de gratidão diante do gesto acolhedor destes de manterem viva a troca de correspondências, escrevendo:

Agradeço sinceramente a querida carta de vocês. Como é bom, quando eu reconheço a querida letra de vocês no endereço! Muito obrigada também à fiel Tia Ida.

Compreende-se, com a leitura deste trecho, o quanto Claire se sentia agradecida e agraciada com as cartas escritas pelos pais e por sua tia, e o impacto positivo que elas exerciam em sua personalidade. Colaboraram, assim, com a familiarização no novo ambiente, já que traziam um pouco da realidade deixada para trás, intermediavam notícias e compartilhavam vivências.

Em carta datada de 1890, destinada a seus pais, Claire discorre sobre a vivência afetiva e o impacto das cartas, descrevendo a percepção que elas causam e o conforto que lhe oferecem, comparando-as com um bálsamo – capaz de consolar e diminuir a aspereza da realidade:

Querida Mãe, agradeço mil vezes pelas receitas; também à Tia Ida, Papai e por todas as queridas cartas. Elas são aqui, na selva, um verdadeiro bálsamo para nós.

Dentre os mecanismos utilizados por Claire para se familiarizar na nova pátria e para confrontar a estranheza, salienta-se, além das cartas, o esforço para tornar o

novo ambiente mais próximo daquele deixado para trás, através da utilização de objetos e enfeites trazidos da pátria e de retratos dos entes queridos no novo lar:

Eu havia trazido da Europa bastante pano para forração de móveis, com o qual agora pude revestir os grosseiros móveis feitos de caixotes. Assim, havíamos nos proporcionado um pedacinho de pátria alemã em meio à selva. Das paredes nos olhavam os retratos de nossos entes queridos; sobre mesas, cómodas, sofá, estavam lembrancinhas pintadas, bordadas, costuradas, que haviam sido preparadas por mãos carinhosas. Tínhamos arranjado nosso ninho de modo bem agradável e caseiro, e não invejávamos a nenhum senhor feudal por seu palácio.

Observa-se o contraste existente entre os móveis construídos em sua nova moradia, rudes, feitos de caixotes de madeiras, diante dos tecidos finos de revestimento trazidos por Claire da Europa. Mas foi através destes símbolos – como o pano que forrou os móveis e os objetos que enfeitaram a decoração, que a estrangeira conseguiu se identificar com o novo espaço que ocupava e com a nova realidade que a envolvia. Havia também um piano, recebido como herança e enviado da terra natal posteriormente à sua chegada, sobre o qual Claire colocou uma foto de seu pai, conforme relatado para sua mãe em carta de Janeiro de 1905:

Pelo natal Meta me presenteou com uma moldura pirogravada, para a fotografia do querido Papai. Esta agora está sobre o piano, de modo que eu o tenho sempre diante de mim, já que tenho de dar muitas aulas de piano.

A maneira de lidar com a saudade foi reelaborada e transformada na prática do dia-a-dia, porquanto Claire contemplava o retrato do pai enquanto se dedicava às aulas de piano que dava para as moças da comunidade.

Recorrendo a estes mecanismos de tentativa de familiarização para confrontar a estranheza advinda da nova realidade, Claire permaneceu lutando por sua identidade, por mais diferente que lhe parecia o meio que a recebia. E, apesar da aceitação da nova pátria, jamais abandonou seu respeito pela Alemanha e tampouco abdicou de sentir-se uma europeia, ainda que radicada no Brasil. Em carta escrita nos primeiros anos em Brusque, sobre o comentário de um conhecido de origem alemã, Claire afirma:

Mas porque é que eu sempre me aborreço com esse homem? Ele falou para mim: “Mas senhora Pastor, seu marido também não é mais um alemão.” E eu respondi: “Pelo nome não, mas é alemão por sentimento e participação, e eu quero ver se ele está sozinho em Brusque!”

Diante do comentário feito por Claire, observa-se uma fidelidade ao seu grupo de origem. Por mais que ela e seu marido estivessem no Brasil, não deixavam de se considerar alemães e não negavam sua pátria distante. Procuraram conjugar alguns elementos da realidade distante e se adaptar ao novo contexto, sem abandonar a cultura alemã, mas admitindo e incorporando costumes e hábitos brasileiros.

Foi vivendo e passando por cada nova experiência proporcionada por este novo lugar que Claire procurou se adaptar e se encontrar nesta nova realidade. Mas esta realidade nova que surgia não era nem confortável, tampouco facilitadora. Apresentou-se, muitas vezes, como um campo de aventuras, exigindo que Claire fosse forte tanto física quanto psicologicamente para enfrentar seus desafios e dificuldades.

Escola da comunidade luterana em Brusque. Claire no centro da foto, de roupa escura, na extremidade do lado esquerdo, o Professor Lehmann.

4.2.3 “Eu estava amedrontada”: Nova realidade - campo de aventuras

De acordo com Schutz (2010), o padrão cultural do grupo aproximado e vivido na nova realidade pelo estrangeiro não funciona como um abrigo, mas como um

campo de aventuras, não funciona como algo natural, mas como um processo de investigação constante, não como um instrumento utilizado para solucionar problemas, mas como o problema em si que requer uma solução. Neste ínterim, a pessoa recém-chegada é identificada como um “indivíduo marginal”, ou seja, uma mistura cultural à margem de dois padrões culturais diferentes, não sabendo a qual pertence de fato.

Quando encontramos em nossa realidade algo diferente do que estamos habituados, automaticamente iniciamos um processo de indagação originado desta estranheza. Isto ocorre também com o estrangeiro que chega em um novo ambiente – o processo de indagação contínuo do novo padrão cultural do grupo aproximado, com vistas à adaptação na nova realidade e à promoção do ajuste social do indivíduo.

Pode-se observar, nas memórias de Claire seu relato diante da insegurança gerada pela nova realidade – através da vivência afetiva do medo:

...pois eu não conseguia vislumbrar como seria minha vida futura, e eu estava amedrontada. Tudo me era tão novo, tão estranho, e o que estava à minha espera poderia ser ainda mais estranho. (...) Uma porção de dificuldades e confusões estavam por vir: eu o sabia, e não me preocupava muito com isso. Desconfortos e incômodos podem ser superados com indiferença, até com humor.

Claire transcreve a sua consciência a respeito da novidade que a aguardava, seu receio diante do porvir e a estranheza causada pela nova realidade. Em outro relato contido nas memórias, a autora discorre sobre as sensações e as vivências perceptivas presentes na experiência de se hospedar na casa de conhecidos em meio à “selva”:

Pela minha cabeça passavam uma série de aventuras, sobre as quais a gente lê em casa, recostada confortavelmente no canto do sofá, de modo que eu, nesta choupana isolada, no fundo da selva em que ainda vivem índios, longe de qualquer habitação humana, não me sentia muito à vontade. E se viesse um tigre? Se houvesse uma cobra no meio dessa palha? Se... se... se... – tudo imaginações alucinadas que me passavam pela cabeça e espantavam o sono...

Encontra-se nesta transcrição o processo de indagação da estrangeira diante do desconhecido. Pode-se reparar também na referência ao grupo de origem, quando ela afirma lembrar-se de aventuras contidas em livros que se lêem confortavelmente no sofá de casa. Evidentemente, estas aventuras eram, no passado, objeto

de leituras. Na experiência presente da autora, pode-se observar que tais aventuras estavam sendo vividas por ela.

Além da realidade que se apresentava diante dos próprios olhos desvelar-se uma aventura e trazer consigo a exigência de uma reconstrução no olhar, ocorreu à Claire uma vivência de crise dentro da própria crise na qual ela estava instalada. Como estrangeira, consciente de que o seu pensar habitual não serviria como base para se orientar naquele novo ambiente – que exigia dela um reposicionamento e uma nova visão de mundo, Claire também passou por uma crise quando teve a casa em que morava incendiada. Estava ausente com o pastor, fora acompanhá-lo na realização de um casamento, e quando voltaram, encontraram o lar em chamas. A casa na qual iniciavam seu processo de familiarização com a nova pátria fora incendiada. Claire descreve sua angústia diante do ocorrido:

Eu vi que meu marido, a quem haviam conduzido à parte, de repente ficou pálido. Uma forte tremedeira tomou conta de mim e o sangue parou em minhas veias. “O que foi? O que aconteceu?” Meu marido, que me havia tomado pelas mãos, conduziu-me adiante e me contou que nossa recém construída casa estava em cinzas e ruínas desde o meio-dia, e que quase nada mais possuíamos de nossas coisas, além das roupas que estávamos usando. - Meus pés teriam virado chumbo?

Só com muita dificuldade eu pude ir me arrastando. Eu temia, com pavor, a visão do local de incêndio, e teria preferido correr de volta, selva a dentro, já que eu não tinha mais um lar. Meu marido puxou-me lentamente consigo. Ele estava silencioso e controlado, apesar de ter perdido tanto quanto eu!

Salienta-se na descrição de Claire o processo de crise alavancado pela destruição do local no qual ela estava investindo seus esforços psíquicos para superar a crise gerada por sua situação de estrangeira. Emerge em sua fala a presença de uma vivência que consome a energia vital sem renová-la, esgotando seus recursos psicológicos e enfraquecendo sua disposição física. O impacto da notícia a afeta de tal maneira que a própria corporeidade é abordada em seu relato, ao questionar se seus pés teriam virado chumbo e afirmar em seguida que foi “se arrastando” com muita dificuldade. Observa-se, nesta mesma pergunta, o processo de indagação recorrente vivido na situação de estranheza. A seguir, Claire se questiona sobre a origem do desastre, concluindo:

Como se originou o desastre? Alguns se declararam dispostos a testemunhar, perante o juizado, que o fogo tinha sido provocado criminalmente. Mas nós não queríamos saber disso, mesmo porque o acontecido não seria remediado com isso.

Embora se indague sobre o contexto no qual o incêndio ocorreu, prefere se desvincular desta questão, por acreditar que descobrir o culpado não traria de volta os objetos perdidos, tampouco a casa incendiada.

Casa do Pastor Lange em Brüdertal antes do incêndio, 1887.

Na descrição destas vivências realizada por Claire em suas memórias, pode-se observar como o novo ambiente se revelou como um campo de aventuras, abordado em processo de indagação constante e vivenciado muitas vezes como um problema a ser solucionado. Esta característica foi apresentada através da transcrição de vivências afetivas e perceptivas ocorridas concomitantemente. E o caminho percorrido para superar a crise instaurada foi aquele que serviu de motivação para Claire imigrar para o Brasil. Ela encontrou na vivência espiritual da fé as respostas para suas indagações, a segurança para enfrentar o campo de aventuras e a perspectiva da solução dos problemas encontrados aqui.

4.3 Mecanismo de superação da crise

Para Schutz (2010), quando um ser humano se depara com um fenômeno até então desconhecido por ele, e que, portanto, ressalta da ordem do comum em seu

sistema de valores, inicia-se o processo de indagação. Em um primeiro momento, define-se o fato, depois há a tentativa de compreender o seu significado, até que se transforme gradativamente o esquema de interpretação do mundo desta pessoa, de tal forma que o fato estranho e o seu significado tornem-se consistentes e compatíveis com os demais fatos de sua experiência e os seus respectivos sentidos. Quando se cumpre este processo, aquele que anteriormente foi um fato estranho e um problema enigmático é transformado em um elemento a mais do sistema de conhecimento do indivíduo, ampliando desta maneira, o seu estoque de experiências.

No que diz respeito ao processo de adaptação do estrangeiro no novo grupo que à primeira vista se desvelou como estranho e não familiar, pode-se afirmar que ocorre um processo contínuo de indagação do padrão cultural do grupo aproximado e dos hábitos vigentes na nova realidade. Se houver sucesso neste processo de indagação, o mesmo padrão cultural outrora estranho será assimilado pelo estrangeiro, tornando-se um abrigo e uma proteção. Caso isso ocorra, a pessoa não será mais uma estrangeira e os problemas advindos desta condição peculiar terão sido resolvidos.

No caso da autora das cartas e das memórias que analisamos, recém-chegada em nosso país, pode-se observar que ela se submeteu ao processo de indagação quando instaurada a crise, e que este processo foi superado através de sua experiência religiosa, de sua vivência espiritual da fé. Foi no transcendente que Claire encontrou a solução dos problemas enfrentados no Brasil e foi em seu relacionamento estabelecido com o sagrado que ela conseguiu forças para superar a crise profana ocorrida neste mundo físico e material.

4.3.1 A vivência da fé

Ales Bello (2006) afirma que através das vivências humanas podemos compreender uma série de processos psicológicos vivenciados e podemos acessar diversas experiências, podendo falar inclusive de Deus. De acordo com a autora, encontramos uma série de fenômenos específicos que demonstram o quanto somos limitados. Estes fenômenos referem-se a uma busca da totalidade, que corresponde ao elemento mais profundo existente dentro da busca religiosa.

Analisando o livro de Gerardus van der Leeuw (*Fenomenologia da Religião*), publicado em 1933, Ales Bello (2004) discorre sobre a necessidade de se compreender os sentidos que os fenômenos têm, especificamente, aqueles entendidos do ponto de vista sagrado e religioso, uma vez que na análise da vida cotidiana se faz presente também a dimensão religiosa.

Adentrando a teoria de van der Leeuw, encontra-se a religião como um fenômeno cuja essência é passível de compreensão. Encontra-se então a essência da religião no ser humano. Busca-se compreender o que há dentro e o que existe em comum com os outros, através da utilização da empatia na vertente da religião. Analisando a vida humana, van der Leeuw afirma que o homem não se conforma com a aceitação passiva da vida que lhe é dada. Procura desde sempre a potência – e se não a encontra ou quando se depara com ela de maneira insuficiente, ele busca fazer penetrar em sua existência a potência na qual acredita. Assim, procura elevar sua vida, conquistando um sentido mais amplo – o autor defende que o homem se encontra na linha horizontal. E a religião seria a ampliação da vida até seu extremo limite, em que o homem religioso procuraria uma forma de existir mais profunda, mais verdadeira e mais extensa. Ele anseia pela potência, buscando na sua vida e para ela uma superioridade, seja para servir-se desta ou desejando invocá-la. O elemento da potência tem a finalidade do indivíduo realizar-se plenamente. E esta busca é feita também diante de cada atividade humana efetivada, seja nas obras de arte, nos costumes ou na economia, em que o homem procura sempre uma potência e uma realização.

Por outro lado, o ser humano compreende que todas estas realizações advindas de seu trabalho e de suas atividades não abarcam sua realização plena, não configuram a última potência. É neste aspecto que sobrevêm um sentido da totalidade, um significado mais profundo, o do senso religioso. O senso religioso de algo configura, para Van der Leeuw, o mais profundo e o mais amplo que se possa existir. O sentido do todo, o significado último. Advindo da tentativa humana de compreender a vida com a finalidade de ter sobre ela o domínio, acessando uma superioridade última, que vem ao encontro do homem, na linha vertical. Assim, o indivíduo procura a potência em sua caminhada pela vida, que se dá na linha horizontal, mas a encontra apenas na linha vertical. Esta revelação vem de fora, ultrapassando o

limite das vivências humanas. Pode-se dizer que carregamos em nós o caráter de abertura a uma totalidade, a uma potência, e esta potência nos encontra quando, em seu limite, compreendemos que não se pode realizá-la. Nas palavras de Leeuw:

O homem que procura a potência da vida, não somente chega até o limite, mas sabe-se conduzido a um país estrangeiro. Não somente chega até um lugar onde se abre um instante infinito, mas enquanto está caminhando, tem consciência de se encontrar a cada instante circundado de coisas prodigiosas e distantes. Não está presente somente o que é superior, mas ele é tomado pelo superior. Não somente vê o trono do Senhor em direção ao qual ele teria feito seu coração correr rapidamente, mas ele sabe que aquele é um lugar formidável, sendo uma casa de Deus, uma porta no céu. (Van der Leeuw, *Fenomenologia da religião*, 1992. Parágrafo 110)

A questão é que o homem sabe, tem plena certeza de que alguma coisa vem em direção a ele no caminho que percorre.⁵

Van der Leeuw conclui que esta potência que vem ao nosso encontro é estranha, vem como um estrangeiro, alheia à nossa vontade, independente de nós. O que depende do humano é a busca desta potência, mas encontrá-la requer o reconhecimento da existência de algo alheio e diferente. O autor reconhece que há um caminho feito pelo ser humano, que, quando chega a um certo ponto, percebe que não tem mais força para caminhar. Ele deseja superar este limite e neste momento encontra algo que vem em sua direção: esta potência. Procura ser salvo por ela. Esta salvação pode designar muitas coisas, como melhoria de vida, ampliação de horizontes, crescimento pessoal – estas produções também podem representar a salvação para o ser humano, advinda de uma nova vida. Em todo caso, a religião se dirige sempre à salvação. Se orienta a uma existência que se mostra superior à existência vivida cotidianamente. Deste ponto de vista a religião aparece como um elo de redenção. A religião para nós está ligada à espiritualidade porque corresponde a uma busca do espírito humano. (Bello, 2004)

É interessante observar a teoria proposta por van der Leeuw, citada por Ales Bello, da condição de alteridade da potência quando esta se encontra com o ser humano. Caminhando pela linha horizontal de sua existência, à procura de sua ple-

⁵ Van der Leeuw refere-se ao ateísmo como a postura humana de não reconhecimento da potência que lhe vem ao encontro. Ocorre, neste caso, uma negação da potência que existe e que se encontra na existência. Para ele o ateísmo aparece então como a religião da fuga, já que não existe um ser humano que não seja religioso, porque esta abertura em direção à totalidade é inerente à condição humana. O ateísmo ocorre através da substituição da potência da totalidade por outros elementos de potência, como a ciência, os negócios, o dinheiro...

na realização humana, o homem se depara com uma potência que lhe é externa e alheia e que lhe acomete em linha vertical, colocando-o em contato com o alto, o sublime, as estrelas e o céu. É deste encontro que o homem pode sair potencializado e fortalecido, preparado para iniciar uma nova vida. É o encontro com esta potência que lhe pode salvar de uma existência limitada vivida até então e oferecer a ele um novo sentido para recomeçar.

Haja vista que Claire Lange imigrou para o Brasil por uma motivação religiosa, a vivência espiritual da fé foi sua companheira na selva e sua busca no novo país foi balizada pelo encontro com a potência sagrada. Pode-se afirmar também que esta procura norteou o horizonte de toda a comunidade que veio junto de seu marido, havendo a ocorrência de vivências supraindividuais compartilhadas pelos membros da comunidade religiosa, que partilhavam dos mesmos objetivos e das mesmas experiências, das mesmas vidas, dividindo sua movimentação interna, e não apenas suas tarefas habituais. Um elemento marcante presente na comunidade de Claire é a solidariedade entre os seus membros.

Quando abordada através da ótica de Edith Stein, a vivência da fé desponta como um tipo de vivência do ânimo – constituída por emoções e sentimentos. Tais vivências desencadeiam tomadas de posição na forma de atitudes ou reações – delimitando assim a origem das ações que as pessoas tomam. Estes atos, estimulados pelo aparecimento de determinado sentimento são por ele motivados. Um sentimento que envolve um indivíduo pode ter efeitos tão paralisadores – quando ocorre de maneira arrebatadora – que acabam prejudicando a intensidade da própria reação que seria desencadeada por este sentimento. Para a autora, citada por Cardoso (2016), existe a possibilidade de um determinado objeto, como um poema, promover descanso e renovação das forças. Ou, mais especificamente, uma oração – no caso de Claire. O vivenciar deste sentimento de fé acaba desencadeando a liberação da energia vital e o conteúdo desta vivência acaba atuando na renovação desta energia. Este tipo de processo ocorre quando o conteúdo da vivência é egoico, ou seja, refere-se ao Eu. Vivências que não emergem acompanhadas deste traço singular não trazem consigo a possibilidade de revitalização dos estados anímicos.

Não foram poucas as vezes nas quais a força da autora das cartas e das memórias relatadas neste trabalho se originou deste tipo de vivência de fé que pro-

moveu a renovação de sua energia vital. Quando não faltavam motivos para que ela desistisse de seus objetivos e se permitisse abater pelas adversidades, o sentimento de pertencimento àquela comunidade de fé e a missão que havia a impulsionado a imigrar para a nova terra emergiam fornecendo a ela a certeza de que deveria permanecer forte, e esta certeza revitalizava seu estado anímico.

Pastor Wilhelm Gottfried Lange e Claire Reuge Lange, já idosos. Foto sem data.

4.3.2 “Jesus, segue à minha frente”: A experiência de fé vivida e relatada por Claire

À medida que se aproximou da nova realidade e entrou em contato com o padrão cultural de referência apresentado pelo grupo aproximado, observamos que Claire percebeu o quanto o seu padrão cultural trazido da Europa era disfuncional para as situações cotidianas vividas aqui no Brasil, onde a nova realidade se apresentava como um campo de aventuras e as vivências de choque no pensamento

habitual a colocaram diante de uma situação de crise, que exigiu dela um reposicionamento, uma nova interpretação de mundo e o enfrentamento da realidade tal qual esta se apresentava.

Foi na vivência da fé que Claire encontrou forças para superar a experiência de crise e a angústia dela originada. Encontra-se presente, em todas as cartas por ela escritas, e em vários trechos de suas memórias, a experiência da ligação com o sagrado, da entrega de sua vida para um Deus maior que cuidaria de tudo, a confiança de êxito na aventura vivida na selva, garantida pela crença de que, quando se tem um Salvador, todos podem se salvar. Logo no início de suas memórias, encontra-se referência à sua experiência de fé, quando compartilha com o leitor as lembranças de seu casamento – feito logo após a sua chegada no Brasil:

como foi bem escolhido o texto que serviu de base à cerimônia do nosso casamento: “Nós caminhamos na fé, e não na espuma.” E como nos tocou o coração a apresentação do mesmo. Após a cerimônia, o Grupo de Canto de Brüderthal apresentou algumas frases de bênçãos, das quais mais me marcaram e permaneceram na memória as conhecidas palavras “Jesus, segue à minha frente”, que muitas vezes se tornaram para mim uma prece que brotava de meu coração durante as muitas impressões novas naqueles dias. (...) Como nos sentiríamos solitários e órfãos em tal situação no dia do casamento, se não tivéssemos o nosso Salvador! “Nós caminhamos na fé, e não na espuma”, isto valia também para as circunstâncias exteriores, pois eu não conseguia vislumbrar como seria minha vida futura, e eu estava amedrontada. Tudo me era tão novo, tão estranho, e o que estava à minha espera poderia ser ainda mais estranho. Mesmo assim, “Jesus, segue à minha frente”, ainda que na selva. Eu não achava que as exterioridades pudessem abalar-me muito. Uma porção de dificuldades e confusões estavam por vir: eu o sabia, e não me preocupava muito com isso. Desconfortos e incômodos podem ser superados com indiferença, até com humor. Mas se somos forçados a viver tais condições dia a dia, ano após ano, só Deus poderá dar-me a força para não fraquejar e ser impaciente.

Observa-se no trecho acima transcrito a força e a segurança advindas do texto e do cântico que orientaram a autora em momentos de temor do desconhecido. Ciente das dificuldades que se apresentariam em sua nova realidade, Claire apegou-se à certeza de que não as enfrentaria sozinha, acrescentando que poderiam ser vividas até mesmo com humor, desde que se estivesse na presença de Deus. Em sua descrição mesclam-se vivências afetivas e perceptivas de sua realidade presentes em seu testemunho de fé. Pode-se observar o fenômeno de renovação das forças e da energia vital ocorrido através da vivência espiritual de sua experiência religiosa, sustentando nela a certeza de que o seu Deus a protegeria e acompa-

nharia sempre – por mais desagradável que fosse a situação na qual se encontrasse e por mais estranho que pudesse ser a nova realidade que a cercava.

Encontra-se também a vivência da fé presente na descrição da crise que acometeu Claire e o pastor, quando estes, enfrentando diariamente o desafio da crise de sua situação de estrangeiros, depararam-se com sua casa em chamas. Foi uma nova adversidade que se apresentou a ambos e exigiu que eles fossem fortes para enfrentá-la. Novamente, a força necessária para o enfrentamento da situação foi encontrada na Providência:

Nós ainda tínhamos um ao outro, e tínhamos ainda o nosso Deus. Nesse momento senti que foi Ele quem, por amor, nos havia tomado nossos bens terrestres, para que o coração aprendesse a perseguir o bem melhor. Eu fiquei mais calma e, intimamente mais controlada, pude caminhar ao longo das ruínas fumegantes, em direção à casa da escola. Só que então tivemos uma agradável surpresa, pelas ali amontoadas coisas salvas. Havia sido um mal-entendido, de que “nada foi salvo”, tanto que reencontramos muitas coisas, que, peça a peça, saudamos como novos presentes, um motivo para agradecermos a Deus.

Observa-se a intensidade da fé que fez com que Claire se conformasse com o incêndio, redirecionando o seu olhar para que, naquela situação de perda, saudasse a preservação do que tinha: o vínculo com o pastor, a vida de ambos e ainda alguns objetos materiais que tinham sido salvos das chamas. Mais à frente, Claire confessa a possibilidade de que o incêndio em sua casa tenha sido provocado criminalmente, mas reflete quanto a isso demonstrando serenidade e até mesmo compreensão da atitude, amparada pelo seu olhar de fé diante do ocorrido:

Se os acusadores tinham razão com sua afirmação, de que o incêndio fora motivado por um ato de vingança pessoal, então que o culpado veja como irá acertar-se com sua consciência e com Deus; ele carece mais de pena do que nós.

Entregando à justiça divina o incêndio de seu lar e o culpado pelo mesmo, Claire encontra descanso em sua ligação com o sagrado, consciente de que a culpa que assolaria a consciência do homem responsável pelo desastre o acompanharia e seria para ele um castigo, e que uma pessoa capaz de proceder desta maneira se encontrava em situação ainda mais triste que a deles. A sua religiosidade aparece mais uma vez, recorrendo à teologia e à moral cristã para tratar do retorno da consciência pelo incendiário – contando com uma punição divina justa com relação ao comportamento da pessoa que incendiou a sua casa.

Em carta datada de Setembro de 1887, escrita para seus pais, Claire menciona o ocorrido e a interpretação por ela feita diante da situação do incêndio, demonstrando confiança em Deus no que se refere ao presente – literalmente, destruído, e ao futuro que virá:

hoje o Senhor nos atingiu severamente. Nós estivemos ausentes por 2 dias numa pequena viagem, e, ao retornarmos, encontramos nossa casa queimada até a base. (...) Nós reconhecemos ambos, que: Este castigo nos era muito necessário para nossa humilhação, para recordar-nos de que nosso Salvador requer o coração por inteiro, não dividido. Sim, nós bem reconhecemos isto inteiramente, e pedimos perdão a Ele, enquanto ao mesmo tempo agradecemos a Ele, que nos tenha deixado tanta coisa. Ele é muito misericordioso. Nós confiamos em que Ele também cuidará de novo para o futuro, dando-nos o nosso pão de cada dia e alguma vez novamente uma casa. Agora nós estamos morando em nosso salão, que naturalmente não tem paredes perfeitamente fechadas e nem assoalho e teto.

“Não temas, apenas crê.”

“O Senhor é meu Pastor...”

Nós pedimos muito sua oração por nós, pois o coração fraco necessita dela.

Parafraseando a própria Bíblia, Claire investe em sua crença para superar a perda, pedindo aos pais o reforço nas orações, para que Deus os ampare e auxilie nesta vivência difícil e aflitiva.

Em outro contexto, discorrendo em suas memórias acerca do Natal na “selva”, Claire descreve suas vivências afetivas e de temporalidade, relata a saudade dos familiares e as lembranças da festa passadas em território europeu, mas conclui que embora distante geograficamente, é o mesmo Deus que se celebra em todos os continentes do mundo:

Quando então ressoaram os cânticos de natal das crianças, do coral da comunidade, com acompanhamento de harmônio e de violinos; quando foi lida a antiquíssima e sempre nova história do nascimento do Salvador; quando as crianças, com olhos brilhantes, vinham à frente para, de acordo com a idade, declamar uma frase ou um verso, podíamos esquecer que vivíamos na selva. Não era o mesmo Deus a quem festejávamos nessa noite, tanto na velha como na nova pátria?

Embora imersa em lembranças de Natais pregressos, quando se entrou no clima natalino, a autora compreendeu que a essência da festa estaria preservada independente do território em que se encontrava. Era o mesmo Deus. E Este Deus a acompanharia na nova pátria, o que foi constatado através da experiência religiosa que a assegurou da Presença Divina junto de si. E uma vez convencida da proteção

transcendental que a acompanhava, Claire relatava as adversidades vividas e as conquistas feitas sob a ótica de uma filha amparada pelo Pai:

Graças a Deus não nos falta nada. (...) E se Mamãe em Berlim perguntar: “Então, do que é mesmo que vocês vivem?”, então eu poderei lhe dizer que nós somos filhos bem mimados por Deus. E se alguma vez também tivermos de dizer “Não há mais nada na caixa”, então poderei dizer por experiência própria, que justamente em tais tempos nossa mesa esteve mais farta, de modo que ainda tínhamos de sobra, pelo que sempre me ocorre a história dos 5 peixinhos e as 5000 pessoas. Depender diretamente de Deus é muito melhor do que dos homens. A gente se sente muito mais protegido. E com isto estamos muito felizes e nos queremos muito bem.

No trecho acima, de uma carta escrita em Março de 1888 para seus pais, Claire recomenda que a mãe não se preocupe com relação a seus ganhos e à sua subsistência, declarando que a dependência direta de Deus garante muito mais proteção do que a dependência de outros homens. Através de sua vivência de fé, tranquiliza os familiares distantes, envolvendo-os em sua certeza da presença divina. E em situações específicas de sofrimento, como quando o pastor ficou doente, encontram-se nas cartas de Claire pedidos de oração aos pais:

Nossos filhos vêm diariamente ver como está o Papai. Nossa comunidade nos mostra grande solidariedade e amor, o que nos faz muito bem! O dia todo eu gostaria de clamar: “Oh Deus, ajuda, que meu marido fique bom novamente. Mas Senhor, que seja como Tu queres.”

Por favor, ajudem a rezar! Deus os proteja!

Nesta carta, escrita em Junho de 1908 em Brusque, Claire pede aos pais que a auxiliem a enfrentar a doença do pastor, usando da fé de cada um para pedir o apoio e a proteção de Deus. Desta maneira, pode-se observar que a ligação de Claire com o sagrado é desvelada diante de cada acontecimento. Seja diante da emoção causada pelos cânticos natalinos, seja diante do medo da perda material ou mesmo do temor de perder um familiar. Perante a ameaça da crise e a iminência da angústia, Claire recorre à fé. E na fé encontra o conforto salutar para suas aflições e o descanso perene das adversidades mundanas. Encontrou em seu Salvador e salvação da crise instaurada em sua condição de estrangeira.

Foto de Claire, sem data.

Para Schutz (2010), a adaptação do estrangeiro no grupo novo que o acolheu acontece através do processo contínuo de indagação da nova realidade, que, se tiver sucesso, tornar-se-á para o recém-chegado um abrigo, uma proteção. Claire passou por este processo e encontrou as respostas às suas questões traçando o caminho que leva a Deus. O mesmo caminho descrito por Van der Leew de ampliação máxima da potência humana, que aparece como possibilidade de realização plena do indivíduo. Realizando este percurso, encontrou abrigo e amparo. Recorrendo ao seu Salvador, salvou-se. Em terras sagradas não há estrangeiros. Todos são iguais. Foi transitando pelo espaço invisível da fé que Claire elaborou suas questões e foi vivenciando suas experiências que deparou com a veracidade de sua afirmativa. Ao ler suas cartas e suas memórias encontramos em seus relatos a magnitude da fé que a acompanhou nesta terra – embora geograficamente estranha – religiosamente familiar. Talvez por isto, tenha se adaptado. Foi o que ficou registrado em suas narrativas. Foi assim que Claire deixou de se sentir uma estrangeira. Reconhecendo o mesmo elemento sagrado em ambas as realidades - o mesmo Deus presente na nova terra, deixado na Alemanha com seus familiares, mas desvelado no Brasil junto dela e do grupo do qual se aproximou.

Família de Claire Reuge da Suíça. No centro, sentada, sua mãe adotiva. 1919.

5. Considerações Finais

Nas cartas e nas memórias de Claire Lange foram encontrados diversos elementos de análise, que viabilizaram a compreensão do processo pelo qual passa o estrangeiro na nova pátria até se adaptar à nova realidade e às suas imposições culturais. Estes elementos adequam-se às características elencadas por Schutz (2010) em seu ensaio “O Estrangeiro”, no que se refere ao processo pelo qual um estrangeiro passa quando se aproxima do novo grupo e deseja ser assimilado, passando a fazer parte dele.

Foram encontrados, concomitantemente às afirmações do estudo de Schutz, relatos de vivências passíveis de análise através da proposta de Husserl e de Edith Stein. Dentre elas emergiram vivências tais como a vivência perceptiva - que se direciona sempre a um objeto externo à consciência, despontando como uma vivência inicial que se refere à corporeidade. O aspecto percebido do objeto afeta diretamente os sentidos, sendo a percepção constituída pelas sensações. Outros atos intencionais, por sua vez, direcionam-se para algo que os transcenda – como a imaginação e a recordação – vivências recorrentes nos relatos de Claire, que compartilha suas lembranças ao escrever as suas memórias – fundamentadas pela vivência da recordação das experiências do seu passado.

Neste aspecto, pode-se observar a emergência de vivências de temporalidade, apontando as formas e as maneiras pelas quais a autora processou a vivência do tempo em sua história. Cabe salientar que o nível das vivências pode ser alterado pela mudança de um estado vital. Analisando a estrutura das vivências, pode-se afirmar que elas são compostas por três aspectos constitutivos, sendo eles: um conteúdo, o vivenciar deste conteúdo e a consciência que acompanha o vivenciar deste conteúdo. Para Stein, estes conteúdos podem ser não-egoicos – quando se referem aos dados das sensações – ou egoicos – quando os conteúdos são experienciados mais nitidamente pelo Eu, por se referirem diretamente ao Eu. Desta maneira, a intensidade do vivenciar influi no modo de apreensão de seu conteúdo, e também na consciência do próprio vivenciar.

Analisando-se o campo das vivências intencionais – aquelas que dependem da presença do Eu em sua constituição, pode-se afirmar que a partir deste elemento

intencional, estas designam outra esfera de vivências: as do espírito. O almejo intencional direciona o Eu para objetos que se encontram de “fora” do fluxo da consciência, que o transcendem. Claire descreve vivências espirituais ocorridas em seu dia-a-dia, por nós denominadas “vivências de fé” – por aparecerem com frequência neste âmbito de vivências espirituais em seu relato. São vivências que emergem atreladas à sua intensa vida religiosa e ao seu movimento de busca do sagrado nas situações mais corriqueiras do cotidiano.

A ocorrência das vivências é norteadas pela energia ou força vital, assim como o vivenciar de cada ato. Os atos e as ações muitas vezes são desencadeados a partir da emergência de determinados sentimentos e emoções. Para Stein é possível estar diante de um objeto que provoca o descanso das forças e até mesmo a sua renovação. No caso de Claire, observa-se esta renovação das forças através de suas orações, em sua prática de se expressar com Deus e também com seus familiares através das cartas. A mulher do pastor encontra o descanso do esgotamento vital e a renovação de sua energia no testemunho de sua fala – seja por consciências imanentes que se encontram presentes no mundo, seja pela consciência transcendente que ela não cessa de buscar. Sempre intermediado pela linguagem, Claire encontrou no hábito da fala e da escrita, o repouso a restauração de sua força vital.

Todas as experiências compartilhadas pela autora das cartas aparecem permeadas por vivências afetivas, que demonstram a maneira e os modos pelos quais as situações afetaram o psiquismo de Claire, além dos sentimentos vitais e das emoções que emergiram nestas circunstâncias.

Em nossa análise observamos que os fenômenos desvelados através da leitura das cartas e memórias de Claire se constituem por facetas impregnadas às vivências humanas, facetas estas que se encontram presentes nas categorias de análise do texto de Schutz, que estão descritas a seguir. Embora tenhamos entrado em contato com o relato de Claire despidas de teorias e pré-concepções valorativas, por ter sido esta a nossa proposta inicial – haja vista o embasamento fenomenológico desta pesquisa, não houve como deixar de reconhecer em sua vivência – tão rica e singular – determinadas experiências citadas pelo sociólogo (também adepto da fenomenologia) em seu estudo acerca da dinâmica psíquica e social vivenciada pelo imigrante, por ele denominado “estrangeiro”. Portanto, cabe salientar que foi feito um

movimento de entrar em contato com o fenômeno sem nenhuma tentativa de adequação à teoria alguma. Após lidas e relidas cada carta e cada relato das memórias, inúmeras vezes, observamos a emergência de muitos elementos do ensaio de Schutz e então propusemo-nos a atrelar a sua perspectiva à análise das vivências de Edith Stein em nosso estudo – acreditando que ambos os olhares contribuiriam com uma apreciação mais completa do todo.

As primeiras vivências do estrangeiro como recém-chegado revelam uma atitude de observação da nova realidade na tentativa de abarcá-la. Esta observação não acontece com neutralidade, uma vez que está impregnada de vivências perceptivas, afetivas, de temporalidade e vivências espirituais – especificamente, vivências de fé no caso de Claire. Schutz (2010) acredita que o estrangeiro traz, junto de si, um sistema de valores elaborados em sua terra natal e que este sistema que era suficiente para interpretar os dados que se apresentavam no passado torna-se insatisfatório para decifrar a nova realidade. No exame das memórias de Claire, em que esta narra suas primeiras impressões acerca do Brasil e dos brasileiros, desvelam-se vivências perceptivas integradas às diversas sensações provocadas pela observação dos dados da realidade, juntamente com vivências afetivas compostas por sentimentos e emoções, provocadas pela percepção mesma. As vivências de temporalidade que emergem se vinculam à maneira como Claire processa a temporalidade, ou seja, como articula as dimensões de passado, presente e futuro. Nesta categoria, aparecem lembranças passadas, recordações, expectativas futuras e relatos presentes. No que tange às vivências espirituais de fé, estas encontram-se presentes durante todo o percurso percorrido por Claire em terra brasileira, uma vez que a autora das cartas encontra em seu relacionamento com o sagrado a solução para os problemas enfrentados, advinda do seu encontro com Deus.

Na elaboração deste trabalho, os dados que emergiram da leitura das confissões de Claire, indicaram um fenômeno significativo já descrito por Schutz: o caráter disfuncional do pensamento habitual. Claire demonstra, em seus escritos, a expectativa que tinha da nova realidade - vinda de seu padrão cultural de referência - e a sua tentativa de se adaptar a este novo contexto utilizando-se das ideias e dos conceitos formados em sua pátria, dos aprendizados trazidos da Europa e das condutas funcionais e efetivas vividas naquele lugar. Claire interpreta os novos dados do real a partir de suas vivências pregressas – tão díspares e distantes de seu contexto presente. Afirma seu padrão cultural de referência quando compara a realidade bra-

sileira com a realidade alemã: desde as cidades, a geografia dos entornos montanhosos, até a representação de construções concretas: uma moradia, uma Igreja, uma comunidade.

Aparece assim, em seus relatos, a dificuldade de se adaptar à nova realidade utilizando-se de conceitos concebidos em uma realidade outra. Constata-se assim que, quando ocorre uma mudança, esta acaba exigindo um novo posicionamento diante do mundo e do universo valorativo formado pelo estrangeiro. O pensamento habitual demonstra-se falho, porque não é capaz de sustentar as experiências vivenciadas no novo contexto e requer uma reelaboração que dê subsídio à nova realidade vivida. Uma vez averiguada esta imposição, instaura-se a crise na experiência do estrangeiro. Foi o que ocorreu com Claire. Uma crise cerceada por vivências perceptivas da dificuldade de se adaptar à sua nova configuração existencial, demarcada por vivências afetivas de medo, desamparo e insegurança, cujo enfrentamento se deu através da vivência espiritual da fé, na qual a protagonista desta análise encontrou acolhimento e força. Além da vivência espiritual da fé, Claire encontrou a renovação de sua força vital no relacionamento estabelecido com os familiares queridos deixados na pátria distante. Renovava-se, em momentos de dificuldade, através de suas orações e por meio da leitura das cartas das pessoas que a queriam bem.

Segundo Schutz, a crise do estrangeiro origina-se de vivências de choque de confiança no pensar habitual, que começam a emergir no momento em que atravessa a tênue barreira que separa a plateia do palco. Ele deixa de ser espectador e se torna protagonista no novo contexto, assumindo para si a responsabilidade de escrever a sua história. A aproximação do novo padrão cultural é viabilizada pela indagação frente ao desconhecido e pelo emprego de mecanismos de familiarização a fim de confrontar a estranheza apresentada no novo ambiente. Desta maneira, Claire relata em suas cartas e memórias a tomada de consciência da necessidade de se transformar diante dos imperativos da nova realidade, uma vez que assume o lugar de sujeito de ação e de responsabilidade diante de suas escolhas. Esta tomada de consciência ocorre através das vivências perceptivas pelas quais Claire passa, juntamente com as vivências afetivas decorrentes da percepção de sua inadequação frente ao novo panorama que a ela se apresenta.

À medida que o tempo vai passando, o novo padrão cultural assume um caráter ambiental, sendo assimiladas pelo estrangeiro as normas culturais vigentes no novo ambiente, a realidade que antes era estranha e distante começa a se mostrar

presente e vívida, o sistema de valores estabelecido pelo novo grupo passa a se tornar corriqueiro na configuração existencial do estrangeiro. Neste processo, é de suma importância a familiarização do novo ambiente para que o sentimento de estranheza seja reduzido. A familiarização acontece, para Claire, através das cartas que recebe de seus familiares – portadoras de informações da pátria, de notícias sobre os membros de seu círculo social, da cumplicidade da falta que a sua presença causa, confessada na saudade que restou nos corações europeus. Claire declara que se sentia reconfortada e fortalecida diante destas cartas, que eram para ela como um “bálsamo” na áspera realidade da “selva”. Naturalmente, estes relatos contêm vivências perceptivas, afetivas e de temporalidade, e como demonstra em vários momentos de sua vida, Claire não deixa de mencionar inúmeras situações nas quais a sua experiência de fé foi vivenciada.

A fim de reduzir a estranheza provocada pela realidade que se impôs, Claire procurou aproximar o novo ambiente daquele deixado para trás, utilizando-se de objetos de decoração que remetiam à pátria distante e enfeitando a casa com retratos de entes queridos que haviam ficado na Europa. Refere-se a um piano trazido da Alemanha, no qual dava aula para as moças da comunidade, em que colocou uma moldura com o retrato de seu pai, a fim de que enquanto desenvolvesse sua prática na nova pátria, pudesse se lembrar do rosto familiar que evocava lembranças afetivas.

Apesar dos mecanismos utilizados para familiarizar o novo ambiente, a apresentação da nova realidade se deu como um campo de aventuras. Não se mostrou confortável, tampouco facilitadora, exigindo de Claire crescimento psicológico e preparação física para enfrentar os desafios apresentados no decorrer do seu percurso.

Schutz já dizia que o padrão cultural do grupo aproximado não funciona como um abrigo, mas como um campo de aventuras, não como algo natural, mas como um processo de investigação constante, não como a solução de um problema, mas como o problema em si que demanda uma solução. Portanto, foi enfrentando esta aventura apresentada pelo novo ambiente que Claire passou por diversas vivências perceptivas, de temporalidade e afetivas e foi através da sua vivência de fé que encontrou apoio para superar a crise instaurada por sua situação de estrangeira. As cartas e as memórias testemunham o sentimento de medo e de insegurança causados pela nova realidade, alicerçado pela indagação frente ao desconhecido.

Pode-se alegar que a crise de Claire não se reduziu àquela vivida pelo estrangeiro, conforme coloca Schutz, porque em seu texto ele enfoca a crise originada diante da inadaptabilidade do pensamento corrente à realidade atual, do caráter disfuncional do padrão cultural trazido perante o padrão cultural vigente. Claire passou por isso, mas neste processo deparou-se com outra crise, advinda da perda da sua casa causada por um incêndio. Encontrou em chamas o local que habitava, o lar que havia se proporcionado na selva com vistas à se familiarizar. A casa na qual havia espalhado objetos trazidos da Alemanha, retratos dos familiares, mobílias decoradas com detalhes que remetiam à realidade passada. Em seus relatos, a autora discorre sobre a vivência perceptiva e afetiva que a acometeu diante da notícia do incêndio, demonstra a angústia que lhe tomou o coração e a dúvida diante do acontecimento. Por fim, a vivência da fé é revelada, trazendo alento para sua dor e conforto diante da perda – através do direcionamento do seu olhar para tudo aquilo que poderia ser perdido, mas foi salvo.

Após este episódio Claire e o pastor iniciam novamente o processo de construção de um espaço destinado à sua moradia e recomeçam a familiarização neste lugar, outra vez. Resignados, amparados no Deus em que acreditavam, no Deus que lhes possibilitou a adaptação nesta nova terra, repleta de dissabores e de estranhas condições.

É se entregando à fé que Claire supera as crises que se colocaram em seu caminho e a angústia delas originadas. Na vivência perceptiva da crise, repleta de sensações físicas e de sentimentos e emoções que muitas vezes interferem na corporeidade, a autora das cartas descreve em suas confissões as experiências de rompimento com as expectativas criadas, nos momentos de dúvida e indagação, nas situações de inadequação frente à realidade nas quais os significados estabelecidos até então se desfizeram. Deslocada de seu ambiente passado, perdida na “selva”, Claire se rendeu à sua religiosidade e ao encontro que a impulsionou ao longo de sua existência para frente: o encontro com Deus.

Encontro este promovido por uma força alheia à vontade humana – de acordo com Ales Bello, citando Van der Leeuw – um encontro com a potência; com a totalidade; com o sagrado. Esta potência tem a finalidade de realizar o indivíduo plenamente e o acomete em linha vertical, embora sua caminhada pela vida ocorra horizontalmente. Na busca pela totalidade encontra-se o senso religioso, que configura o mais amplo e mais profundo que se possa existir – o sentido do todo, o significado

último. E o homem sabe e tem a plena certeza de que algo vem em direção a ele no caminho que percorre. Em sua caminhada, quando suas pernas já não se mostram capazes de sustentar a experiência de peregrino, o homem deseja superar este limite, esta imposição, encontrando esta potência que vem em sua direção. Procura ser salvo por ela. Esta salvação pode designar muitas coisas, como melhoria de vida, ampliação de horizontes, crescimento pessoal – estas produções também podem representar a salvação para o ser humano, advinda de uma nova vida. Em todo caso, a religião se dirige sempre à salvação. Se orienta a uma existência que se mostra superior à existência vivida cotidianamente. Deste ponto de vista a religião aparece como um elo de redenção.

Pode-se observar que a religião foi, para Claire, um elo de redenção. Que em seu trajeto, quando já cansada de caminhar, depositou no encontro com a potência divina a sua crise, a sua angústia e os seus medos. Procurou a salvação na vivência da fé. E a sua salvação, em seu contexto, foi o redirecionamento do seu olhar para a nova realidade e a flexibilidade para se adaptar a este novo panorama. Procurou a redenção quando passou pela vivência perceptiva de inadequação diante do novo ambiente que a cercava – caracterizado por uma cultura específica, um sistema de valores diferente, um pacto social distinto. Encontrou a salvação através do seu encontro com Deus. A potência para se realizar plenamente, para se conformar diante de sua condição de estrangeira.

Desde suas primeiras memórias, até suas últimas cartas encontramos seu registro de fé. Foi o recurso por ela utilizado para enfrentar a saudade, a ausência, a crise e a dor. A fé registrada nas correspondências, respondida e confirmada por pedidos de orações aos familiares, recomendações a Deus, esperanças de reencontro e descanso além da vida.

Os relatos de Claire confirmam o estudo de Schutz acerca da experiência do estrangeiro. E lançam uma nova hipótese no que tange à adaptação no novo mundo que se apresenta diante do seu olhar: seria a vivência espiritual da fé capaz de sustentar os impactos pelos quais passa o estrangeiro? Poderia a crença em um Deus que salva garantir a salvação e sustentar a experiência de desamparo presente na vivência da crise? O fenômeno desvelado nos registros de Claire Lange demonstra que sim. Que é possível se aproximar da nova realidade, observá-la, entrar em crise devido a um pensamento disfuncional, saltar da plateia para o palco, enfrentar o campo de aventuras no qual consiste a nova realidade e transformar o novo padrão

cultural em caráter ambiental, uma vez que se permite ser conduzido por Deus. Uma vez que se crê Nele e que se enxerga a sua presença invisível pelo caminho. É possível ser estrangeiro e resolver as suas questões, reconstruir seus paradigmas e adaptar-se à nova realidade quando esta realidade traz junto de si a certeza inabalável da constância de Deus. Na vivência de Claire e de seu marido, a fé não foi apenas um achado, mas também um ponto de partida. Foi ela que os impulsionou a imigrar para o Brasil e foi através da vivência espiritual desta que ambos não se perderam no caminho diante das crises e que enfrentaram as dificuldades e os períodos difíceis.

É possível superar a crise quando se escrevem cartas repletas de saudades e quando se recebem respostas: testemunhos de laços criados na pátria distante, relatos de amor e de afeto, confissões de lembranças compartilhadas no passado.

O casal Pastor Lange à direita (Claire à frente) diante de sua casa em Pomerode no ano novo de 1921. Claire faleceu pouco depois, em março.

A análise das cartas e das memórias de Claire apontam para a possibilidade de superação da crise imposta ao estrangeiro através do compartilhamento de vivências com as pessoas deixadas na pátria e com o Deus trazido junto de si. Com o mundo humano e com o mundo transcendental. Com as criaturas e com o criador. É no encontro com o outro que Claire se reencontra. É no confronto com a realidade que se adapta às suas imposições. É na vivência da fé que se fortalece. “Caminhando na fé e não na espuma, com Jesus seguindo à sua frente” – conforme relatado por Claire no texto que serviu de base na cerimônia de seu casamento. Foi na fé que ela caminhou. E foi no encontro com a potência sagrada, com o Cristo que seguia ora à sua frente, ora acima de si, que ela se estabeleceu no Brasil e escreveu a sua história, suas memórias e as cartas que tivemos o privilégio de analisar.

Após a morte de Claire, ocorrida no dia 14 de Março de 1921 por complicações de diabetes, o pastor deixou registrado em suas memórias o seguinte trecho para seus filhos:

Queridos filhos, vocês perderam sua mãe. Eu lhes dou testemunho: Uma mãe que amou todos vocês de coração e que rezou muito fielmente por vocês. Mamãe era de temperamento muito alegre, tinha um coração muito compassivo e era cheia de fé filial. (...) Sua índole era dourada e cheia de amor. Mas quando alguém não dorme só uma, no máximo duas noites em média por semana, então às vezes o corpo se sobrepõe ao espírito. Em suas noites de insônia mamãe escrevia muito, também seus pensamentos a respeito de vocês, filhos. (...) ficou ali registrada a confissão de um coração materno realmente fiel e de uma filha de Deus. Eu encerro com alguns versos que a senhorita Ziehlendorf me enviou em resposta à comunicação do falecimento de Mamãe:

De todo o sofrimento da terra
Tu agora descansas!
De todas as dores
Na casa silenciosa.

Agora está cumprida tua esperança
Tua fé fica visível.
O céu para ti está aberto
Com prados eternamente verdes.

Tua face suave e de paz
Fala de paz na pátria.
Tu buscavas incansavelmente
A pátria eterna.

Lá nós nos encontraremos
Nós, que aqui tão fielmente estávamos unidos.
Então nossos cânticos louvarão
Aquele que nos une eternamente.
(Lange, organização de Adami, 2003, p.174)

Foi desta maneira que o marido descreveu o legado de Claire para seus filhos e para a posteridade que haveria de chegar. As palavras do pastor, acrescidas dos versos da amiga do casal comunicam a busca que movimentou a imigrante ao longo de sua existência: a pátria, a familiaridade, o lugar comum, receptivo e acolhedor. E discorrem sobre o hábito da escrita, tão presente no cotidiano da mãe, da dona de casa, da mulher. Procuram sintetizar o significado da presença de Claire na existência de seus contemporâneos e a força da vivência espiritual da fé com que enfrentou as adversidades encontradas pelo caminho. Compartilham sua herança humana que ficou no mundo naquela época. E inspiram a formação de novas opiniões de quem conheceu Claire através de seus registros, de suas confissões. Nos inspiram a compartilhar o impacto pessoal que o acesso às suas memórias gerou em nosso universo de sentido.

Trabalhar com Claire foi trabalhar com a minha porção feminina que habita em um mundo de homens. Foi evocar o melhor de minha feminilidade – como diria Simone de Beauvoir. Foi mobilizar conteúdos internos e olhares acerca de situações, pessoas e grupos. Ter acesso – em época de crise migratória – ao relato de Claire e às suas vivências enquanto imigrante numa terra desconhecida foi entrar em contato com a minha porção estrangeira, alheia à realidade, diferente do comum. Foi me relacionar com minha situação de estranheza em determinados contextos, com as minhas vivências de adaptação em lugares que fogem ao hábito frequentar, foi entrar em contato com a novidade, com o desconhecido, com a inovação – sem deixar para trás o passado.

Trabalhar com Claire foi revisitar a minha própria história – tanto individual quanto social. Foi encontrar a mim mesma no passado, as cartas que escrevi ao longo de minha trajetória de vida, as pessoas que amei e me forneceram descanso e renovação de energia vital. Foi ter acesso aos meus ascendentes e até mesmo àqueles que não nasceram, mas ainda virão. Foi situar a minha própria existência em meio ao passado que me trouxe até o momento presente e ao futuro que me espera logo adiante.

Trabalhar com Claire foi encontrar a fé adormecida que havia dentro de mim. Foi mobilizar minha força para a crença na justiça divina, para a esperança em dias melhores, para o enfrentamento das adversidades. Foi enxergar a sacralidade ima-

nente a cada ser humano e o componente profano contido na religião. Foi procurar no outro a força para seguir em frente e encontrá-la na alteridade da presença almejada.

Trabalhar com Claire foi rememorar as crises pelas quais passei e as luzes que se apresentaram para facilitar a minha caminhada. Foi retomar minhas vivências perceptivas que me marcaram, bem como os afetos delas suscitados. Foi encontrar meus anseios e meus sonhos sonhados e ansiados há séculos atrás.

Trabalhar com Claire foi trabalhar com a filha que sou, com a mãe que serei - ou poderia ter sido, com a maternidade existente em cada mulher (independente da geração de filhos), com a conselheira que vive dentro de mim. Foi entrar em contato com a dona de casa, com a educadora, com a ajudante do marido a que um dia tive acesso – seja em mim mesma, seja em pessoas que encontrei que eram assim. Tudo isto através da vivência da empatia. Me reconheci nesta mulher única, como cada uma de nós, que habitou nossa pátria nos idos anos do século XIX. Me projetei nesta autora e nestas cartas que compartilham angústias, aspirações, desejos e sofrimentos. Cada qual vivido à sua maneira. Especificamente em um contexto. Mas as vivências são as mesmas. Enxerguei nela minhas imperfeições – tão humanas, meu nítido desejo de acolhimento e receptividade social, minhas tentativas fracassadas de acertar. Consta nos registros que Claire nasceu em 1857, na Suíça. E que morreu em 1921, no Brasil.

Mas será mesmo que ela deixou de existir? Ao entrar em contato com a sua história, tão vasta e bela, algo dentro de mim diz que ela permanece vivendo... não só ela, quanto cada mulher anônima que fez parte da constituição do mundo... quanto cada estrangeiro que deixou a sua terra em busca de um futuro melhor... quanto cada pessoa que não sucumbiu em meio aos problemas e que recorreu à fé para sobreviver.

Resta-me ofertar a minha gratidão à Claire Reuge Lange – sujeito de nossa pesquisa. O meu respeito extremo. A minha admiração. Estendo estes sentimentos à Claire que leu o nosso trabalho, à multifacetada Claire que ama, que chora, que se adapta às circunstâncias e que crê em um mundo melhor. Para finalizar: a Claire que existe em mim saúda a Claire que existe em você.

Claire Reuge Lange (17/02/1857 – 14/03/1921)

Referências

- ADAMI, Luiz Saulo (Org.) (2003). *Testemunho de fé – memorial do pastor Wilhelm Gottfried Lange*. Blumenau, SC: Nova Letra
- ALENCASTRO, Luiz Felipe e RENAUX, Maria Luíza. (1997). Caras e modos dos migrantes e imigrantes. Em: ALENCASTRO (Org.) *História da vida privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo, SP: Companhia das Letras
- ALES BELLO, Angela. (2004). *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. Organização e Tradução Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, SP: Edusc
- ALES BELLO, Angela. (2006). *Introdução à Fenomenologia*. Tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc
- ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. Em: SEVCENKO (Org.) (1999). *História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo, SP: Companhia das Letras
- ARENDT, Hannah. (2014). *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. 11 ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária
- BROZEK, Josef. MASSIMI, Marina (ed.) (2001). *Curso de Introdução à Historiografia da Psicologia – Apontamentos para um curso breve*. Memorandum, v.1, p.72-78
- CAEIRO, Alberto. In: PESSOA, Fernando. (1999). *Obra completa*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar
- CARDOSO, Carolina de Resende Damas. (2014). *Contribuições de Edith Stein para a Psicologia Científica*. Curitiba, PR: Editora Appris
- CARDOSO, Carolina de Resende Damas. (2016) *A psique entre a natureza e a cultura em Edith Stein e William Stern* – tese de doutorado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- CRITELLI, Dulce Mara. (2012). *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica existencial*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense
- GALLE, Helmut. OLMOS, Ana Cecília. (2007). Apresentação. Em: GALLE et al. (Org.) *Em primeira pessoa – abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo, SP: Fapesp
- HEIDEGGER, Martin. (2006). *Ser e Tempo*. Tradução Marcia Shuback. 6 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes
- LEEuw, Gerardus Van Der. (1992). *Fenomenologia da Religião*. Tradução de L. Conte. Torino: Boringhieri
- MASSIMI, Marina. (2016). *Saberes Psicológicos no Brasil*. Curitiba, PR: Juruá

MASSIMI, Marina., MAHFOUD, Miguel., Silva, Paulo José Carvalho., AVANCI, Sílvia Helena Sarti. (1997). *Navegadores, colonos, missionários na Terra de Santa Cruz: um estudo psicológico da correspondência epistolar*. São Paulo, SP: Edições Loyola

RICOUER, Paul. (2012). *Tempo e Narrativa*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes

SCHÜTZ, Alfred. (2010). *O Estrangeiro – Um ensaio em Psicologia Social*. Revista Espaço Acadêmico, v.113, p.117-129.

SEYFERTH, Giralda (2016). *Estudos sobre a imigração alemã no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa livraria Ltda

ANEXOS

ANEXO A – Memórias de Claire Lange
MEMÓRIAS DE CLAIRE REUGE LANGE – PRIMEIROS

TEMPOS NO BRASIL

Página 1. (Ilegível)

Página 2. (Parcialmente ilegível)

.....

.....

..... são um pouco mais claros; Negros com olhar bondoso nos olhos escuros, os grossos lábios entreabertos, de modo a deixar transparecer o brilho dos lindos dentes brancos. Estão vestidos nas cores mais claras e berrantes. “Vermelho e azul existe.....

mas aqui ainda se junta o verde, amarelo e lilás.

3.

Ainda agora, depois de 20 anos, essa imagem me está tão claramente diante dos olhos, como se eu a tivesse visto ontem; muitas vezes ainda tive de lembrar-me dela como que de um pesadelo, da assim tão movimentada vida da selva, com suas diversificadas experiências de cunho interno e externo.

A cidade de São Francisco está maravilhosamente situada paisagisticamente. Nas encostas das colinas e morros estão construídas as casas, que, com sua

pintura branca, destacam-se lindamente do fundo escuro das verdes florestas. Na ampla enseada estão espalhadas uma série de ilhas. Batidas o ano inteiro pelas ondas do mar, que apesar de seu trabalho incansável, nenhum mal lhes podem causar. Porém, quem for suficientemente ousado para entrar na cidade, verá em pouco tempo sumir o romantismo. A gente tem a impressão de encontrar-se numa cidade em ruínas, pois na maioria se vêem só altos muros com bem pequenas janelinhas, e entre elas cá e lá telhados e cumieiras de formas diversificadas. Na praia.....

..... algumas casas comerciais brasileiras,

.....mantidas abertas o dia inteiro,

.....portas pintadas conservadas. Assim era a

..... agora, aliás, também aqui já existem

..... .

4.

Eu estava de pé no convés, com as mais diversificadas sensações. Meus olhos observavam, sim, o movimento colorido à minha frente, mas no fundo apenas superficialmente, pois naquela confusão procuravam pela figura do meu noivo, que havia feito a travessia um ano antes de mim, para preparar o ninho na selva como religioso de uma comunidade de emigrantes, e que agora viria aqui para buscar-me. Meus curiosos companheiros de viagem tinham-se postado ao meu redor e queriam presenciar o encontro da noiva com o noivo. Dá para imaginar, que essa participação não era bem do meu agrado, mas eu nada podia mudar nisso, e tive de aceitá-lo ainda que a contragosto. Foi então que vi um pequeno barco aproximando-se por entre os grandes vapores, dentro do qual havia mais um passageiro além do canoeiro. Eu imaginei que deveria ser o meu noivo, e como parecia que ninguém ainda o havia notado, afastei-me rapidamente para o outro lado, na esperança de que meus companheiros não notassem o meu propósito quando o pequeno barco alcançasse seu

alvo.

5.

Mas eu havia me enganado: Uma polonesa, que eu havia conhecido no navio e que, como jovem viúva, me havia transmitido sábios conselhos sobre o casamento, aproximou-se de mim rapidamente, dizendo: “Mas Senhorita, porque você fica por aqui? Pois o seu noivo virá do outro lado!” Assim falando, ele tomou maternalmente o meu braço e me conduziu de volta para junto do grupo que eu justamente havia querido evitar. Com sua simpatia, essas pessoas estavam sendo cruéis, e a situação se tornou ainda mais constrangedora pelo fato de que meu noivo, agachado no barco, teve de esperar no mínimo $\frac{1}{4}$ de hora, até que a Comissão Sanitária tivesse terminado sua visita a bordo. Cada vez que ele pretendia virar a cabeça para cima, eu via como ele era admoestado pelo canoeiro para não se mexer, devido ao forte movimento das ondas. Assim eu tive bastante tempo para, olhando de cima, olhar o meu noivo e observar sua aparência após um ano de vida na selva. Ele havia ficado mais magro, mas no mais parecia o mesmo.

6.

Apenas seu terno estava com aspecto de selva, e eu tenho de reconhecer que fiquei um tanto assustada com o tom avermelhado adquirido por seu chapéu, e com o tecido de seu paletó luzindo na mesma tonalidade. Naquele momento pensei: “É bom que eu venha, eu lhe ajudarei bastante a cuidar de si.” Ilusão! Pura ilusão! Muito em breve eu mesma aprenderia com que aparência a gente fica após cavalgar em picadas, durante 2 dias, em caminhos do mato. Aí não dá para levar muita bagagem, e meu noivo havia deixado sua roupa boa com o Pastor D., em casa de quem deveria acontecer nosso casamento. Aliás ele soube esconder muito bem que, mesmo em seu traje de casamento faltava

um botão, mas logo depois do casamento ele me falou, com a recém adquirida autoridade marital: “Ah, minha velha, agora prega esse botão para mim.”

Quando meu noivo finalmente foi liberado de sua incômoda posição no barco e veio a bordo, naturalmente não pensei mais no feltro avermelhado do chapéu, nem me incomodei com as pessoas curiosas em torno de nós. Eu não ligava mais para eles. Eu só via um único, e este era o mais bonito de todos.

7.

Meus 27 caixotes foram levados para a alfândega, para no dia seguinte nos serem redespachados. Nós fomos para o hotel. Mas, daria para se chamar isto de hotel? Ai! Ai! Uma porta se abria num muro, e a gente se encontrava num pátio, do qual se entrava, através de uma outra porta, num desagradável buteco de madeira semi-escuro, cujo único mobiliário consistia num balcão, sobre o qual alguns copos e garrafas levavam uma suja e esquecida existência. Além disso havia ainda uma longa mesa com um banco em sua frente, para a freguesia. O dono do bar e sua mulher eram alemães, que nos cumprimentaram com uma saudação alemã e aperto de mão, o que foi acolhedor. No mais, tudo ali era bastante decrépito, e meu noivo se desculpou por haver-me trazido ali, como se eu pudesse querer que ele mandasse construir especialmente um outro hotel. Se eu vim, havia que aceitar! Mas à noite a situação ficou mais melindrosa, quando ratos e camundongos resolveram fazer uma visita de boas-vindas sobre minha cama. Esse quartinho era ao rés-do-chão, sem janela.

8.

Sua iluminação vinha de uma porta de vidro, que dava para um outro quarto de dormir, no qual estavam pernoitando brasileiros, mulatos e negros. Por isso, eu não me aventurei a acender a luz à noite, e pendurei minha roupa dian-

te das vidraças da porta de vidro, como cortina. Na manhã seguinte, era um domingo, descemos até a alfândega. Como éramos os únicos a serem atendidos, os funcionários não se apressaram, ficando até meio-dia divertindo-se e examinando minha bagagem de moça e meus biscuits, pelos quais sempre tive uma predileção, e com cujo auxílio eu pretendia enfeitar minha salinha de estar, em meio à selva: vasos, figurinhas, bauzinhos, famílias de cachorros e de macacos em posições engraçadinhas, coisas alegres. Por sorte terminaram antes da partida do vapor fluvial, que nos levou em 4 horas até Joinville. Com isso terminara nossa aventura na água.

9.

Joinville é uma cidadezinha bonitinha, e, com suas casas simpáticas cercadas de bem cuidados jardins, dá a impressão de ser um pequeno balneário alemão. Nas ruas ouve-se falar quase só alemão, pelo que um alemão em pouco tempo se sente em casa aqui, se puder esquecer o grande mar que o separa da pátria. É claro que, observando melhor, chama a atenção a vegetação estranha. Não é uma alameda de tílias pela qual caminhamos, e sim uma majestosa alameda de palmeiras reais. Entre as casas se vêem os mais diversos tipos de palmeiras, e laranjeiras com sua folhagem verde e frutos amarelodourados. Nas varandas das casas vêem-se as mais maravilhosas folhagens e nos jardins floresce uma multiplicidade de flores, em quantidade esbanjadora o ano inteiro. É um eterno verdejar e brotar, e nada na natureza lembra morte. Mas, com o tempo, esse quadro não nos satisfaz mais, porque não condiz com a realidade, com a vida. Eu sinto falta do outono, com seu tapete crepitante, do inverno, com seu espesso manto branco e cintilante cobrindo tudo.

10.

Depois a natureza despertando, em maio. Como tudo germina e brota da terra!

As mais delicadas cores surgem nas árvores e arbustos. Os bichinhos despertam para uma nova vida, fortificados e refrescados. – Agora, 10 anos mais tarde, meus olhos têm saudade dessas paisagens da pátria. Eu quero novamente ver uma rua congelada, com os rostos alegres dos patinadores, quero ver crianças de escola com seus narizinhos vermelhos de frio, que antes de entrarem na sala de aula precisam primeiro sacudir a neve de seus casacos. Muita coisa da pátria eu quero rever. Ainda que outros, que talvez nunca viram os trópicos, sonhem com a exuberância de suas árvores, flores e pássaros. É claro que aqui também tudo é bonito, mas mais bonito é lá em casa, onde neva e faz frio, onde todas as folhas murcham e novamente brotam verdejantes.

11.

II - O Casamento

No dia seguinte fomos para Joinville, onde iríamos celebrar nosso enlace. Fomos recebidos com muita simpatia pelo Pastor e sua mulher. Para o dia seguinte ficou combinada uma pequena festa de casamento, para a qual foi convidada uma série de colonos. De Brüderthal, nossa futura comunidade, vieram a pé entre 20 e 30 jovens, o Grupo de Canto, que queria embelezar a festividade com suas canções. Ali eu logo tive a oportunidade de me alegrar sobre as vozes jovens e claras do nosso pessoal, na maioria originários da Boêmia.

A casinha paroquial – não casa paroquial, na qual tivemos tão simpática acolhida, era bastante simples, despretensiosa e pequena, de acordo com as circunstâncias. Separava-a da estrada um pequeno jardim, muito bem cuidado e cercado de uma densa e bem podada cerca viva de ligustro. Alguns ciprestes frondosos e palmeiras de diversas espécies protegiam os canteiros de flores contra os fortes raios do sol.

Praticamente lado a lado com a casa paroquial encontra-se a

escola, que ao mesmo tempo serve de igreja.

12.

Essa construção não é diferente das demais casas dos colonos, apenas sendo mais comprida e que, com suas pequenas janelas sem cortinas dá uma impressão bastante desolada. Quando nela se entra, qualquer olho europeu mal acostumado terá dificuldade em perceber que este recinto seja o de uma igreja. Ali não abóbadas pintadas com arabescos e ornamentos de toda espécie; em vez disso, vê-se o madeiramento do telhado e as próprias telhas. As paredes pintadas de branco trazem sinais da criançada que ali entra e sai, que, não diferente da juventude européia, deixa gravados os sinais de sua atividade escolar, através de manchas de tinta, riscos a lápis, números e letras, e também nomes. Cá e lá, onde o reboco caiu, ficam expostos os tijolos vermelhos. O quadro negro, durante a semana serve aos seus propósitos escolares e, aos domingos, nele se escrevem os números dos cânticos a entoados. Mediante colocação de uma toalha sobre a cátedra do professor, esta é transformada num púlpito, servindo assim durante 6 dias à comunidade juvenil, e, no sétimo dia a comunidade adulta.

13.

Como estava lindamente enfeitado esse recinto singelo, para o dia do casamento! Os esteios estavam ornados com folhas de palmeiras, enquanto mãos habilidosas haviam preparado girlandas em grande quantidade. Com que cuidado e simpatia o casal Pastor D. havia dirigido e organizado tudo, e como foi bem escolhido o texto que serviu de base à cerimônia do nosso casamento: “Nós caminhamos na fé, e não na espuma.” . E como nos tocou o coração a apresentação do mesmo. Após a cerimônia, o Grupo de Canto de Brüderthal apresentou algumas frases de bênçãos, das quais mais me marcaram e per-

maneceram na memória as conhecidas palavras “Jesus, segue à minha frente”, que muitas vezes se tornaram para mim uma prece que brotava de meu coração durante as muitas impressões novas naqueles dias. - Nós lemos as cartas que eu havia trazido comigo da pátria e que só deveríamos abrir no dia do casamento. Elas continham votos de bênçãos e saudações dos queridos pais, de parentes e de amigos. Foram escritas com olhos lacrimejantes, e com olhos lacrimejantes foram lidas, mas nós também nos sentíamos reconfortados e fortalecidos, na certeza de que as orações de nossos entes queridos nos acompanhariam e nos ajudariam a superar a saudade de casa.

14.

Já duas noivas de pastores haviam celebrado suas bodas naquele local, em circunstâncias semelhantes, e haviam seguido com seus esposos selva a dentro. Como não terá também a elas batido forte o coração! Como nos sentiríamos solitários e órfãos em tal situação no dia do casamento, se não tivéssemos o nosso Salvador! “Nós caminhamos na fé, e não na espuma”, isto valia também para as circunstâncias exteriores, pois eu não conseguia vislumbrar como seria minha vida futura, e eu estava amedrontada. Tudo me era tão novo, tão estranho, e o que estava à minha espera poderia ser ainda mais estranho. Mesmo assim, “Jesus, segue à minha frente”, ainda que na selva. Eu não achava que as exterioridades pudessem abalar-me muito. Uma porção de dificuldades e confusões estavam por vir: eu o sabia, e não me preocupava muito com isso. Desconfortos e incômodos podem ser superados com indiferença, até com humor. Mas se somos forçados a viver tais condições dia a dia, ano após ano, só Deus poderá dar-me a força para não fraquejar e ser impaciente.

15.

Ainda agora preciso sorrir quando lembro que meu marido, quando estávamos sentados na sala de jantar do hotel em Joinville, deliberadamente sentou-se de tal modo que eu não visse as baratas que corriam em grande quantidade pelas paredes. Esses bichos, de 3 – 4cm., de cor marron escura, pertencem à família dos “suábios”, na Pomerânia chamados de “franceses” e na França de “prussianos”. Não dá para dizer que seu aspecto seja agradável, antes algo nojento. Em certas épocas elas voam, e quando à noite nos esvoaçam em torno da cabeça, isto não é lá muito agradável. Aí só há uma solução: um sono pesado e firme. Elas causam muitos estragos em roupas, livros e produtos alimentícios, mas às pessoas propriamente ditas não causam nenhum mal maior do que, eventualmente, durante o sono beliscarem cá e lá um pedacinho de pele, principalmente da ponta dos dedos. Esses “prezados” bichos são encontrados em todas as casas. Com uma rigorosa limpeza pode-se reduzir o seu número, mas nunca dá para livrar-se delas ao todo. Muito me incomodaram, porém, quando eu tinha de manter minha cozinha sem guarda-comida, na selva. Ninguém, que não tenha vivenciado isto pessoalmente, pode ter uma idéia da quantidade em que as mesmas aparecem na selva recém derrubada. Inicialmente aparece um tipo menor, que desaparece no espaço de um ano, para fazer lugar a uma espécie maior, felizmente em menor quantidade.

16.

Depois do casamento permanecemos alguns dias em Joinville, quando eu tive oportunidade de conhecer melhor e apreciar minha colega, que já estava há 5 anos neste país.

Era uma esposa de pastor quieta, confiável e modesta, que não era de muitas palavras, mas em compensação de muito mais ação. Nós recordamos com gratidão o amor que aqui pudemos vivenciar.

17.

III - Selva a dentro

No dia 5 de setembro pusemo-nos a caminho para o nosso lar Brüderthal. Um colono havia assumido levar-nos até lá, ou pelo menos até onde houvesse uma estrada transitável. Em vez de uma carruagem, subimos numa simples carroça da roça. Por sorte fazia tempo bom e ainda não havia muito calor, pois ainda estávamos no inverno, um inverno com laranjas douradas maduras, lavouras e campos verdes e roseiras floridas. Na pequena localidade de A. (?) , que constava de uma escola e 3 – 4 outras casas, tomamos o almoço, ao meio-dia, em casa de um ferreiro. Dali em diante o caminho foi-se tornando mais acidentado, irregular, da mesma forma as clareiras aos dois lados, isto é, a faixa de mato abatido foi ficando mais estreita, as moradas mais parecidas com choupanas, os pastos semeados de tocos e galhos de árvores meio carbonizados, entre os quais cá e lá pastavam cavalos e vacas. As choupanas constituem-se de algumas estacas fincadas no solo, entre as quais são colocadas paredes feitas de palmitos rachados ao meio. Uma, no máximo duas aberturas serviam de janela. O telhado é feito de folhas de palmitos. Não existe assoalho ou forro no teto. No centro do ambiente é acendido o fogo, onde, sobre duas hastes de ferro atravessadas sobre pedras, é colocada a panela, inicialmente para diariamente repetida sopa de feijão preto com carne seca.

18.

Esta é a refeição principal do brasileiro, e também do colono até que este esteja em condições de colher outros alimentos em sua propriedade. Quando um “novato”- assim era chamado lá o novo imigrante – parte selva a dentro, geralmente ele é provido somente de feijão, carne seca e farinha (uma farinha

produzida da raiz de mandioca). Isto é um alimento bastante forte, que nutre bem em caso de trabalho pesado. Caso o “novato” tenha dinheiro, talvez traga consigo também café; se não, a dona de casa alemã, que é quem menos dispensa essa nobre bebida, sabe dar um jeito, ainda que tenha de desistir da gostosa bebida: ela torra grãos de milho ou de arroz e, provida de uma excepcional fantasia, sonha estar bebendo “café mocca”, de cujo sabor porém seu preparado é inocente. Nossos colonos tomaram anos a fio essa bebida. Aos Srs. Kneip, Kuhne, Hahnemann, e como mais se chamavam os opositores do café, teria portanto agradado a permanência ali. Entretanto, algumas mulheres se queixavam que o “café-de-milho” lhes causava dores de estômago.

19.

Até onde isto é medicamente comprovável eu não sei; em todo o caso tais queixas faziam com que o marido, vez ou outra, trouxesse da cidade mais um quilo de café, cujo melhor sabor e cheiro acabava provocando um reflexo agradável no semblante da dona de casa.

Mas voltemos à nossa viagem! Em pouco tempo terminou o caminho trafegável. Nossos cavalos haviam chegado ao seu destino, mas nós ainda não, ou seja, agora cabia-nos usar as pernas, e muitas vezes ainda também os braços. Dependia de as árvores, que se achavam atravessadas por sobre o caminho ou que serviam de ponte sobre riachos, serem de maior dimensão ou não, e se os precipícios ao lado eram muito íngremes, de modo que, por segurança, melhor era a gente agarrar-se na ramaria e raízes, já que o solo era bastante úmido e escorregadio, enquanto o mato alto impede a entrada dos raios de sol. Ali eu cheguei à conclusão de que, uma esposa de pastor destinada ao Brasil, deveria, antes de sua viagem, fazer um curso na nobre arte de equilibrar-se em cordas, para que, ao transpor rios em pontes sem corrimão, pudesse mostrar mais habilidade do que eu.

20.

Mas a mata era linda; maravilhosamente formava sobre nós e em torno de nós uma abóbada verde, através da qual só cá e lá brilhava o céu azul. Misteriosamente sussurrava o vento vindo do mar, que todas as tardes nos trazia brisa fresca, através das gigantes árvores seculares; misteriosamente murmurava a água do rio, sobre pedras e raízes. Vez ou outra se ouviam os mais diversos gritos de aves, nunca dantes percebidos por ouvidos humanos. Aos nossos pés, escapavam correndo os animais assustados por nossos passos, havia um farfalhar nas folhagens e arbustos, mas só raramente se podia ver algum desses seres vivos. Papagaios coloridos voavam em grandes grupos e horrível gritaria por sobre a mata. Mimosos colibris, em todas as tonalidades, vojavam em torno das flores, especialmente ao redor de uma árvore toda coberta por barços floridos de brinco-de-princesa. Os brasileiros, de modo descritivo e acertado, chamam o colibri de beija-flor. Em locais de pantanal viam-se frangos selvagens, com suas pernas amarelas ou vermelhas. Também a jacotinga estava lá, que, com suas lindas penas marron-azuladas e um penacho colorido sobre a cabeça, anda por aí olhando cuidadosamente para a esquerda e a direita.

21.

É... toma cuidado, pobre bichinho! O homem, cruel, não repara na tua beleza, mas tem para ti sua arma sempre pronta para o tiro. Esses animais, que alcançam o tamanho de uma perua, fornecem um ótimo assado. Muitas vezes, já que ele dá uma ótima sopa, também o disforme tucano – o papa-pimenta, é muito caçado. Sua penagem é de um preto luzidio, mas o pescoço e o peito são enfeitados de lindas penas amarelas e vermelhas. Seu bico anormalmente grande deu origem à lenda indígena, de que essa ave dorme dentro do seu

próprio bico.

Nossa picada seguia em zigue-zague através de vales e montanhas, de modo que nosso pessoal, carregado com vários caixotes e sacos, às vezes apareciam acima e às vezes abaixo de nós. De repente os que iam adiante pararam, e quando eu me aproximei, vi pela primeira vez uma enorme serpente, cinza-marron, com um desenho escuro sobre as costas. Era uma caninana de uns 2 metros de comprimento, aqui chamada pelo povo de “cobra rateira”, que pertence às cobras não venenosas.

22.

Nosso pessoal, que já havia sido instruído a respeito pelo nosso Engenheiro, de que essa cobra come não só ratos, mas também sua venenosa irmã jararaca, declararam unanimemente: “Deixar viva!” . A mim pareceu estranho que se deixasse tal réptil prosseguir se arrastando. Para mim, “serpente é serpente”, e se eu tivesse tido a coragem, tal animal teria morrido pelas minhas mãos. Isso teria sido ilógico, mas “mulheres não sabem pensar com lógica”. Essa crença me foi inculcada suficientemente por meu marido, naturalmente não naquelas semanas de lua-de-mel, quando manteve para si essa sabedoria.

Pouco depois desse acontecimento a picada alcançou um ponto elevado de onde pudemos ver, no vale aos nossos pés, a nossa futura aldeia. Aldeia? Isso realmente seria uma aldeia? Uma ampla clareira na floresta, sem nenhuma torre de igreja, nenhuma chaminé de fábrica, nenhuma cobertura de telhas, nenhuma estrada serpenteando como uma faixa branca, nenhum pasto com cavalos e vacas ... não ! O que víamos diante de nós era uma confusão desordenada, um campo de guerra, um lugar de luta entre o homem e a natureza.

23.

Ali estavam, derrubadas e destruídas, as ruínas da selva, das centenárias enormes árvores, em louca desordem do jeito que haviam caído, meio carbonizadas entre os pontos de queimada, nos quais a galharia e ramagem já haviam virado cinza. Apenas altas palmeiras, com seus troncos claros e suas folhas verdes haviam sido deixadas de pé, expostas ao vento tempestuoso, que no entanto nenhum mal lhes pode causar, pois esse tronco se curva mas não quebra. – Nessa confusão, em meio ao campo de luta, o homem fez sua morada. Nós víamos vários ranchos de palmitos. Paredes e telhados eram feitos de folhas de palmitos, por entre as quais a fumaça dos fogões procurava seu caminho para o ar livre externo. No centro reparamos em três telhados maiores, mais compridos, formando o centro da “cidade”. É o rancho dos imigrantes, uma verdadeira casa de folhas, na qual temporariamente moraram até 20 famílias. O segundo telhado pertencia ao prédio da escola e igreja, cujas paredes eram feitas de palmitos fendidos. Tínhamos, portanto, diante de nós um tipo de construção melhorado, mais evoluído.

24.

A terceira casa é a semi-acabada casa paroquial. A cumieira da mesma brilha ao nosso encontro, pois é feita de tijolos, verdadeiros tijolos, ali queimados no barro por um colono e levados nas costas, peça a peça, pela relativamente longa distância até o local da construção. Aquilo formava um quadro original, quando vinham, o oleiro à frente, seguido de sua mulher e depois 6 crianças, rapazes e meninas, e até o pequenos de cinco anos carregava, todo orgulhoso, geralmente um tijolo.

Eu fiquei parada pensativa. Isto portanto era o meu novo lar. Eu o via pela primeira vez. Certamente eu não havia criado ilusões e estava preparada para ambientar-me mas condições mais simples que fossem. Mas o quadro que aqui se apresentava aos meus olhos era algo tão novo, tão estranho, tão ines-

perado, tão simples e ao mesmo tempo tão grandioso, que eu precisei de algum tempo para me recuperar.

25.

IV – Problemas de Dona-de-Casa

A casa apenas parcialmente acabada estava coberta com folhas de palmitos. Dois quartos estavam prontos, pintados de branco e com grandes janelas e portas de vidro, que davam para uma varanda a ser ainda construída. Nossa casa estava separada da estrada, que também ainda não existia, por um jardim já instalado. Meu trabalho mais próximo era agora desempacotar e instalar as coisas trazidas. Meu marido havia mandado fazer, por um marceneiro, camas, um armário, mesas e bancos. Naturalmente não eram móveis polidos, e sim crus e simples, mas fortes. Eu havia trazido comigo várias coisas: um sofá dobrável, cômodas e pequenos armários, e duas lindas cadeiras estofadas, forradas de pelúcia vermelha e bordadas por uma querida amiga, que naturalmente não combinavam com o estilo do mobiliário restante, principalmente com suas colegas de madeira crua forradas de cipó. Uma mesinha de costura que eu deveria ter recebido, não havia chegado a tempo a Hamburgo. Aí meu marido teve de ajudar, sendo que, de uns caixotes, fabricou uma espécie de monstrinho que ele chamou de “mesa de costura”.

26.

Se essa mesa não era bonita, ao menos era prática, porquanto pude guardar dentro dela uma porção das coisas trazidas. Eu havia trazido da Europa bastante pano para forração de móveis, com o qual agora pude revestir os grosseiros móveis feitos de caixotes. Assim, havíamos nos proporcionado um pedacinho de pátria alemã em meio à selva. Das paredes nos olhavam os retratos de nossos entes queridos; sobre mesas, cômodas, sofá, estavam lem-

brancinhas pintadas, bordadas, costuradas, que haviam sido preparadas por mãos carinhosas. Tínhamos arranjado nosso ninho de modo bem agradável e caseiro, e não invejávamos a nenhum senhor feudal por seu palácio. Em grande contraste com este pedacinho de civilização no interior da casa, estavam os arredores dela, o que se via ao olhar pela janela. Ali havia selva por tudo, ambiente selvagem para olhos e ouvidos. Estranhos soavam os gritos alongados dos bugios, que, isoladamente ou em coro, emitiam seus berros melancólicos audíveis a longa distância. Estranho era o martelar dos sapos, que emitiam um som muitíssimo parecido com o de um martelo batendo num barril vazio, e que por isso mesmo são chamados de “sapo martelo”.

27.

Mas voltemos à casa e à cozinha. O que deveria eu cozinha? O que me adiantava que, durante a viagem no navio, houvesse estudado com tanto empenho as receitas de Henriette Davidis e de ter já preparado o cardápio para a primeira semana? Para poder fazer um bife ou um assado, precisa-se de carne fresca; aqui, porém, por muitos anos não havia ali um açougue, bem como nenhum padeiro, não havia leite e nem manteiga. Meu zeloso pai de criação me havia presenteado com 180 latas de leite condensado, mas estas, por motivo de sua quantidade, tiveram de seguir para D. (*Desterro?*) para serem submetidos a tributação e, portanto, não estavam disponíveis. E quando chegaram após 4 semanas, tornaram-se vítimas das chamuscas, como quase todos os nossos bens e pertences. Mas havíamos trazido, da cidade, arroz, farinha, feijão e carne seca, mas ai!, o que eu havia visto numa cidade de porto brasileira, mas que aqui não posso repetir por questões éticas, tirou-me decididamente o apetite para este tipo de carne, por longo tempo. Minhas vizinhas – se é que assim se pode chamá-las, considerando a distância – socorreram-me nos primeiros dias com sua ajuda, seus conselhos, com banha, ovos e carne conservada.

28.

De tempos em tempos também a floresta fornecia carne fresca, quando alguém caçava um pássaro ou um galo selvagem, ou quando algum tatu caía na armadilha. Existe também um tipo de lagarto comestível, cuja carne tem sabor e aparência entre os de galinha e de peixe. Se o caçador estivesse com sorte, abatia vez ou outra um veado, ou também, mas muito raramente, um tapir, aqui denominado anta. Esta foi, durante muitos anos, a nossa carne fresca, até que, com o sucesso da criação, galinhas e porcos ofereceram novas alternativas.

Cheio de boa intenção estava certamente o negro que, determinado dia, bateu à janela de minha cozinha oferecendo à venda um pássaro, chamado macuco, com as clássicas palavras: “Tu também comes macuco?”

No samovar russo de meu marido preparava-se um excelente chá mate. Mas a essa bebida tive muita dificuldade de me acostumar, enquanto que agora ela me é quase indispensável, sendo também mais saudável do que chá da China. Em vez de leite, juntávamos um ovo batido ao café, e, nos primeiros tempos, em vez de pão comíamos farinha para o desjejum. Até que pudéssemos colher algo de nosso próprio quintal, o único legume era o palmito, isto é, a parte interna superior dos pés de palmitos. Mas nosso pessoal não entendia do seu preparo, até que, perguntando cá e lá, acabei aprendendo. Quando mais tarde um negro que nos prestava serviços, e que antigamente fora cozinheiro na casa de um general no Rio de Janeiro, me ensinou esse preparo, aprendi a apreciar esse vegetal como uma iguaria fina.

29.

Como membro de nossa família na selva encontrei, quando de minha chegada, um jovem conde que havia sido encaminhado ao meu marido para que o educasse, por sua mãe, a qual, segundo um engano muito divulgado, conside-

rava o Brasil como uma instituição de recuperação. Não muito distante de nós ele tinha sua casinha e um pedacinho de terra. Para as refeições e na maioria das vezes à noite, ele era nosso hóspede. Um jovem marceneiro, que com ele dividia a morada, mas que tinha sua bancada de trabalho na parte inacabada de nossa casa, também fazia as refeições conosco. Juntava-se a eles um garoto de 12 anos que meu marido havia trazido da selva. Ele era descendente de pais alemães completamente corrompidos, que moravam sozinhos no meio do mato, bem longe rio acima. O pobre rapaz na verdade entendia apenas de 2 coisas: fumar e beber cachaça. Conosco teve de aprender a vestir sua primeira calça. Em pouco tempo apareceram ainda outros pensionistas, pagantes e não pagantes, principalmente desse último tipo, entre os quais crianças que queriam freqüentar nossa escola, mas também adultos.

30.

Assim, quase nunca éramos menos de 12 pessoas à mesa, muitas vezes até 18. Por muitos anos a fio a casa paroquial precisou ser, ao mesmo tempo, hospedaria. Tivemos oportunidade de hospedar muitos e muitos hóspedes queridos, que se tornaram bons amigos nossos. Naturalmente não se podia esperar luxo, oferecendo-se o que havia para dar. Diz-se que "a fome é o melhor cozinheiro", e como nossos hóspedes geralmente haviam percorrido um bom pedaço de caminho a pé, por esse exercício físico já se havia a fome.

Com o tempo fui me acostumando mais e mais às circunstâncias e também aos cuidados do campo, do que inicialmente eu nada entendia. No galinheiro encontrei, na minha chegada, um galo e uma galinha. Como fiquei contente quando, pela primeira vez, ouvi nosso galo cantar. Pareceu-me que nunca, desde a criação do mundo, um galo havia cantado tão alto e bonito.

31.

Ainda hoje preciso rir de mim mesma, quando lembro que eu pensava que cada galinha punha um ovo a cada dia, durante toda a sua existência. Por isso eu tinha feito ao meu marido a proposta: “Vamos arranjar 10 galinhas, para termos todos os dias alimento para nosso desjejum.” Por isso, até hoje ele tem a seguinte convicção a meu respeito: “Fracas de matemática”. Uma vez eu persegui uma galinha qualquer no terreiro, para apanhá-la e colocá-la sobre um ninho de ovos para chocar. Admirada, minha empregada exclamou: “Mas Sra. Pastor, ela nem está choca!” “Ah é?”, disse eu, “ela não está choca?”, e pensei: preciso perguntar meu marido o que ela quer dizer com isso. Também o fazer pão eu tive de ainda aprender com minha empregada. Se bem que se poderia conseguir trigo na cidade distante 30km, ele era caro demais para nós. Em vez disso, usava-se milho moído, juntando-se algumas batatas doces e fermento. Consequia-se assim um pão bem gostoso e nutritivo.

32.

As batatas doces acima mencionadas, naquele tempo eram nossas únicas batatas, que, ao final, principalmente preparadas como salada, nos pareceram bastante gostosas. De frutas só havia bananas, que crescem e amadurecem depressa. Essa fruta gostosa e nutritiva pode ser preparada de muitas maneiras. Nós as refogávamos e também dela fazíamos geléia; fritas dão uma maravilhosa sobremesa e assadas no forno podem ser usadas com massas, ou cruas, com um pedaço de pão, podem ser servidas no café da manhã.

33.

V - Viagem de canoa

Foi quatro semanas após a minha chegada, que pela primeira vez deixamos nosso confortável lar por 2 dias. Meu marido foi solicitado, por um brasileiro que morava bem longe dentro da selva, a realizar seu casamento. Desse ho-

mem se contavam coisas estranhas, p.ex. que ele se entendia com os bugres, os índios que viviam nos nossos matos. Ele havia prometido ao meu marido, eventualmente levá-lo até os índios, entre os quais talvez fosse possível iniciar-se uma missão. Por outro lado ouvia-se que não se poderia confiar nesse homem, pois ele era – o que corresponde à verdade – um bandido foragido de Portugal, que havia se instalado na selva num ponto tão estratégico, que ninguém poderia aproximar-se dele sem ser visto. Além disso era um homem rico. Seria por essa razão de “peso” que um homem, recentemente imigrado da Alemanha, havia levado sua filha adulta até ele para que com ela casasse? Teve, porém, de retirar-se desatendido, pois o assim pretendido já tinha conseguido uma brasileira, com quem agora queria ser casado.

34.

Como acompanhantes e guias ele nos havia enviado 2 negros. Eu decidi ir junto. Nossos hóspedes foram encaminhados a uma vizinha, para as refeições.

Após deixarmos nossa localidade, nosso caminho nos levou por selva ainda completamente intocada. Desse caminho poderia-se, com razão, dizer: “este caminho não é um caminho”. Era uma estreita picada, pela qual andamos nas próximas horas, morro acima e morro abaixo, passando por cima de troncos de árvores ou nos arrastando por debaixo deles, segurados ou arranhados por cipós e espinhos, tropeçando em raízes. Mas assim, andando, engatinhando, escorregando, acaba-se indo em frente, e assim também nós alcançamos nossa meta para a caminhada desse dia, ou seja a margem de um rio em que se achava uma canoa na qual deveríamos prosseguir nossa viagem. Cuidadosamente embarcamos, pois esse meio de locomoção, feito de um tronco de árvore escavado, não deixa de ser perigoso. Estreito e sem quilha, facilmente pode virar. Precisa-se ficar sentado nele bem quietinho, e não sobre bancos, mas sim no chão do barco.

35.

Não faz diferença se, numa viagem dessas, que demora 7 horas como no nosso caso, as pernas da gente adormecem ou parecem estar formigando, se em vez de pernas parece termos tocos de pau, ou nem as sentimos mais, nada importa, não há piedade, não dá para se endireitar ou se esticar, só “parar quietinho” é a solução.

Nossa canoa não era bem à prova d’água, pelo que não sentávamos diretamente no chão e sim sobre uma tábua colocada sobre o mesmo. De vez em quando sentíamos que, a parte do corpo destinada a sentar-se, entrava em desagradável contato com a água que se havia juntado no fundo da canoa. Então, com uma cabaça trazida junto especialmente para esse fim, a água era retirada. Sim, nós o aprendemos: “A alegria pura da vida não é concedida a nenhum mortal.”

Mas mesmo assim, a viagem foi bonita. Agora relembro, foi maravilhosa! À esquerda e à direita apenas selva virgem, e isto até às margens do rio, de modo que os galhos das árvores, com seus cipós pendentes, alcançavam bem para dentro sobre o rio, lançando profundas e compridas sombras, que davam à água uma coloração escura. De modo geral o rio era bem profundo, de modo que nosso barco deslizava facilmente, impulsionado pelas fortes remadas dos negros, que então conversavam, ou entoavam uma de suas melodias uníssonas adaptadas ao trabalho, no ritmo das batidas dos remos.

36.

Muitas vezes, porém, eram interrompidos nessa atividade, quando nos aproximávamos de corredeiras, onde a água procurava seu caminho entre pedregulhos e rochedos, espumando e rugindo. Então um dos canoeiros pulava para cima de uma das pedras e ajudava o barco, ou então os dois saíam, um

puxava enquanto o outro empurrava a canoa, no que tinham de empregar toda a sua não pouca força, pela forte correnteza. Quando depois chegávamos a águas mais calmas, nossos negros se lembravam de que o homem não foi feito só para o trabalho, e sim também para o prazer, e preparavam um cigarro de palha. Isto não vai tão depressa como a gente pensa, e precisa de bastante paciência. Primeiro metem a mão no bolso, de onde tiram uma coisa, que um desavisado tomaria por uma lingüiça preta. É tabaco especialmente preparado para fumar, enrolado como uma corda forte.

37.

Agora é tirado da cintura o facão de 30-40cm de comprimento, e com ele se corta uma certa quantidade de pedacinhos da corda de tabaco, que depois são esmigalhados esfregando-os nas mãos sujas dos negros. Assim preparado, o fumo é enrolado numa folha de milho, e então podem dar início as baforadas. Mas o negro sempre só fuma algumas puxadas seguidas; depois ele se lembra em amor cristão do seu próximo, de modo que um desses cigarros vai de boca em boca, ou ele o coloca atrás da orelha para posterior aproveitamento, com o que os não raro numerosos habitantes do cabelo carapinha podem participar do prazer no cigarro.

Aos poucos fomos sentindo fome. Por sorte eu havia levado umas fatias, pois se fôssemos nos basear nos nossos negros, que parecem ter em si algo da natureza dos camelos, nosso estômago teria ficado em falta. Essa gente consegue, após terem tomado um café reforçado às 8 horas, passar o dia todo sem outro alimento, apenas de tempo em tempo tomando um trago de sua garrafa de cachaça, aguardente de cana.

38.

Eu não estava passando bem. Seria por causa da água de beber estranha? Ou estava eu nauseada? Não adiantava – à la guerre comme à la guerre – eu sabia que um gole daquela garrafa me faria bem; assim, propus , com toda simpatia, uma troca aos nossos negros: eles receberam uma fatia e eu ... bem, não preciso dizer mais. Todo mundo sabe como a gente se sente nesses momentos críticos, quando o estômago nos aperta e incomoda. E eu não tinha a possibilidade de desembarcar ou de me esticar. Aí acaba qualquer cerimônia e a gente agarra qualquer remédio. A cachaça me fez bem; mas eu não pude ficar indiferente quando, ao chegarmos perto da morada de um brasileiro e o dono da casa perguntou, de lá da margem, se alguém aceitaria uma cachaça, tive de ouvir a resposta: “Ele não bebe, mas ela.” Quantas vezes ainda agora tenho de ouvir isto!

39.

A noite chegou; numa curva do rio apareceu uma propriedade, e nós decidimos passar a noite ali. Maior foi nossa surpresa, ao sabermos que ali morava um alemão, o único em horas de distância. Com dificuldade nossas pernas endurecidas nos levaram barranco acima. A casa ficava em meio a uma plantação de café, um cenário que para mim pareceu a própria imagem do conforto. Eu acho que uma casa acolhedora, não poderia ter cartaz mais convidativo do que a moldura de cafeeiros. Antecipadamente parecia-me respirar o nobre aroma do mocca, mas desta vez meu nariz havia me pregado uma peça. Fomos recebidos com muita simpatia. A dona de casa, uma dinamarquesa que falava mal-e-mal um alemão difícil de entender, alegrou-se enormemente por ver novamente uma européia, após muito tempo. Ela foi trazendo tudo o que lhe parecia favorecer nosso conforto, e também na comida queria mostrar seu melhor lado. Seu marido sugeriu-lhe fritar panquecas, pois não havia pão. De nada adiantou que eu recomendasse que não se desse trabalho conosco. O resultado foi que a mulher, que aparentemente não era muito hábil ao cozi-

nhar, nos fez esperar inteiras 2 horas por suas panquecas pobres em gordura e em ovos.

40.

Elas tinham uma consistência de couro, mas com um bom gole de café dá para engoli-las. Mas, oh vã ilusão ! A bebida marron no bule de lata não tem mais aroma de mocca. É uma fervura de arroz torrado, mesmo quando, através das janelas, se poderiam colher os frutos maduros dos pés de café. Como soube-mos mais tarde, esse homem era um avaro, que tudo queria transformar em dinheiro e nem à sua família proporcionava beber café. Nossos negros fizeram uma cara bastante decepcionada, pois os brasileiros são mestres em preparar um café bom e forte. Mas como todas as coisas têm seus 2 lados, nosso café de arroz tinha a vantagem de não agitar nossos nervos, pelo que poderíamos contar com uma boa noite de sono. Nosso leito para essa noite foi preparado, isto é, foi despejada uma boa camada de palha de milho seca.

41.

Então a dona de casa tirou de um baú seu único lençol, um presente de seus patrões, e o colocou sobre a palha de milho no local em que eu deveria dormir. Desejaram-nos boa noite, e nós quatro, isto é, meu marido, eu e os dois negros, ficamos sozinhos no ambiente. Pela minha cabeça passavam uma série de aventuras, sobre as quais a gente lê em casa, recostada confortavelmente no canto do sofá, de modo que eu, nesta choupana isolada, no fundo da selva em que ainda vivem índios, longe de qualquer habitação humana, não me sentia muito à vontade. E se viesse um tigre? Se houvesse uma cobra no meio dessa palha? Se... se... se... – tudo imaginações alucinadas que me passavam pela cabeça e espantavam o sono, apesar do café de arroz. Os negros

roncavam. Mas o que era isso se mexendo lá em cima? Seria uma cobra? Mau marido acendeu a luz... era uma galinha que, com seus pintinhos, havia se acomodado entre a palha. Certamente isto explicava também a coceira e formigamento que senti ainda por longo tempo, isto é, pelos piolhos de galinha que havíamos recebido grátis.

42.

Nessa noite eu não dormi muito, mas depois de me recomendar à proteção de Deus, fiquei mais calma, e quando pela manhã a claridade do dia chegou, eu a saudei tão contente como nunca e saltei aliviada do meu leito. Minha bolsa “aristocrática”, como em casa costumava dizer meu pai, por causa de seu acabamentoo especialmente fino, salientava-se bem curiosamente nesse ambiente e, se ela pudesse falar, talvez me tivesse repreendido quanto a esse “Hotel de primeira classe”. Dessa bolsa aristocrática, tirei pente e toalha de rosto, e meu marido e eu descemos até o rio, sentamo-nos sobre uma pedra e fizemos ali nossa toilette. Quando subíamos, refrescados, fomos recebidos por nosso hospedeiro com as palavras: “Ah!

Vocês se lavaram! Isto é bom. Eu também o faço muitas vezes, mas a minha velha o faz no máximo uma vez ao ano!” Isto explica, portanto, a estranha tonalidade de sua pele!

Também não posso afirmar que, em consequência dessa revelação, o café de arroz tivesse melhorado de sabor, mas nós o engolimos corajosamente, até 2 xícaras cheias, para não melindrar essa boa gente.

43.

Era uma manhã maravilhosa! Todos os bichos do mato, refrescados pelo descanso à noite, rejubilavam à sua maneira saudando o sol nascente. Após

uma viagem de canoa por cerca de duas horas, vimos de repente, ainda a uma boa distância, a propriedade do Sr.D. Era para lá que estávamos indo. Aliás, o Sr.D. não poderia ter encontrado um ponto mais estratégico, para não ser pego pela polícia. Uma aproximação só era possível por via do rio, o qual se podia supervisionar bem à distância nos dois lados, a partir da casa, enquanto que no lado de trás a selva, na qual uma perseguição seria impossível, encostava rente ao terreiro. Cães enormes anunciavam nossa chegada já 10 minutos antes, correndo raivosos de um lado a outro, e nenhum de nós teria podido desembarcar, se não fossem chamados à calma com um assovio de seu dono.

44.

O Sr.D., que aliás não causava uma impressão ruim, recebeu-nos com cordialidade. A morada estava agradavelmente limpa e sobre a mesa estava estendida uma toalha branca com uma larga renda de crochê. A noiva tinha uma aparência modesta e bonitinha. Já haviam chegado vários parentes, e também as testemunhas oficiais. Serviram-nos vinho de laranjas, depois um bom café, desta vez não de “arroz”, e doces de ovos muito bem preparados. Infelizmente nada havia de mais consistente, por exemplo pão, batatas ou feijão, que pudesse servir de base para nossos estômagos bastante vazios. O doce de ovos bem poderia ter ficado para sobremesa, mas nós o dividimos cristãmente. Os brasileiros devem ter-se admirado de que esvaziamos os pratos, pois aqui é de bom tom comer-se pouco e, em todo caso, deixar algo sobrando em cada prato e em cada copo. Eu procurei lisonjear a dona de casa quanto à sua boa mão para cozinhar, a fim de consolá-la quanto à nossa voracidade, fazendo várias vezes um gesto alisando da garganta até o estômago, com as palavras: “Muito bom!”

45.

Enquanto isso, as mulheres observavam meu vestido. Elas praticamente giravam em torno de mim, para ver como estava costurado o enfeite nele pregado. Para elas isto era algo novo, e elas ficaram contentes quando eu o mostrei a elas detalhadamente. Entrementes o noivo havia se aprofundado na leitura do Novo Testamento, que meu marido lhe havia trazido em sua língua materna.

Após o par haver sido casado, e os papéis, que meu marido deveria levar para confirmar no cartório, foram colocados em ordem, pusemo-nos a caminho de volta, pois queríamos chegar em casa ainda hoje. O último pernoite ainda nos doía nos ossos e nós tínhamos saudades de nosso confortável lar, sem sabermos que, justo naquela hora, tornava-se vítima do fogo.

46.**VI - Horas difíceis**

Voltando do casamento do Sr.D., alcançamos perto das 5 horas as primeiras propriedades pertencentes a B. (*Brüderthal*). Ali estavam alguns dos nossos vizinhos, que aparentavam estar à nossa espera. Trocamos algumas palavras com eles, mas, como eu estava realmente cansada, porque o calor do meio-dia fora grande, sugeri ao meu marido para continuarmos andando, pois eu ansiava por chegar em casa. Mas qual foi a resposta que recebi de um dos colonos? “Senhora Pastor, a senhora chega cedo o bastante!” E essas pessoas estavam com uma expressão tão séria! Eu vi que meu marido, a quem haviam conduzido à parte, de repente ficou pálido. Uma forte tremedeira tomou conta de mim e o sangue parou em minhas veias. “O que foi? O que aconteceu?” Meu marido, que me havia tomado pelas mãos,. Conduziu-me adiante e me contou que nossa recém construída casa estava em cinzas e ruínas desde o meio-dia, e que quase nada mais possuíamos de nossas coisas, além das roupas que estávamos usando. - Meus pés teriam virado

chumbo?

47.

Só com muita dificuldade eu pude ir me arrastando. Eu temia, com pavor, a visão do local de incêndio, e teria preferido correr de volta, selva a dentro, já que eu não tinha mais um lar. Meu marido puxou-me lentamente consigo. Ele estava silencioso e controlado, apesar de ter perdido tanto quanto eu! O que teria sido se eu o perdesse pela morte? Nós ainda tínhamos um ao outro, e tínhamos ainda o nosso Deus. Nesse momento senti, que foi Ele quem, por amor, nos havia tomado nossos bens terrestres, para que o coração aprendesse a perseguir o bem melhor. Eu fiquei mais calma e, intimamente mais controlada, pude caminhar ao longo das ruínas fumegantes, em direção à casa da escola. Só que então tivemos uma agradável surpresa, pelas ali amontoadas coisas salvas. Havia sido um mal-entendido, de que “nada foi salvo”, tanto que reencontramos muitas coisas, que, peça a peça, saudamos como novos presentes, um motivo para agradecermos a Deus.

48.

O fato de tanto ter sido salvo, devemos-lo principalmente ao nosso amável Engenheiro K., que, com muito sacrifício, jeito e habilidade, tomou em suas mãos a condução da ação de salvamento.

Como se originou o desastre? Alguns se declararam dispostos a testemunhar, perante o juizado, que o fogo tinha sido provocado criminalmente. Mas nós não queríamos saber disso, mesmo porque o acontecido não seria remediado com isso. Se os acusadores tinham razão com sua afirmação, de que o incêndio fora motivado por um ato de vingança pessoal, então que o culpado veja como irá acertar-se com sua consciência e com Deus; ele carece mais de pe-

na do que nós.

Na casa de palmitos, que ao mesmo tempo servia de igreja e de escola, acomodamo-nos do jeito melhor possível. Com armário, cômoda e panos separamos uma pequena área para nós. Ali cabiam as duas camas de ferro e também o sofá e uma mesa semi-carbonizada. Na verdade as paredes externas, com os troncos de palmitos bastante distantes entre si, não ofereciam muita proteção. Não havia assoalho, de modo que as cobras, lagartos e galinhas tinham livre acesso ao nosso sacrossanto lar.

49.

Mas como todas as coisas têm dois lados, isto acontecia também aqui: O levantar, na manhã do primeiro dia, ficou mais fácil, pois os pés de ferro de nossas camas se haviam enterrado um bom pedaço durante a noite. Nosso cantinho também não possuía forro no teto, de modo que, durante o dia, os passarinhos podiam entrar voando livremente pra dentro e pra fora, bem como à noite os morcegos e as corujas. Era pequeno e apertado, contudo acolhedor. Isso me traz à lembrança um pequeno desenho que um dia, na Alemanha, mergulhada em lembranças saudosas da Suíça, eu rabisquei num pedaço de papel, como distração entre o trabalho de corrigir cadernos. Era uma choupana de pastores e alguns pinheiros. Minha amiga, que me observava, perguntou: “É assim que imaginas teu futuro lar? São estes os teus castelos nas nuvens?” , e escreveu debaixo: “Na menor choupana há lugar para um casal amoroso.” Assim, às vezes a brincadeira se torna realidade. Ao lado de nossa sala de estar, isto é, também na casa da escola e por nada separada do ambiente restante, instalamos nossa “cozinha”. Com certeza muitas vezes meu marido teve dificuldade em manter a atenção dos alunos em suas lições de matemática, pois os olhos, principalmente das meninas, gostavam de fixar-se em minhas panelas, especialmente quando nelas começava a ferver e a rumorejar.

50.

Nessa época, muitas vezes fazia frio. É, também no Brasil pode-se sentir frio, no inverno, pois o termômetro podia descer até 2 graus acima do ponto de congelamento. Meus edredons haviam quase todos sido queimados. Amigos, da cidade, mandaram-nos alguns cobertores, e nossas mulheres juntaram o que possuíam em penas. Embora fossem penas de galinha, preenchiam de imediato sua finalidade: elas aqueciam. Caso eu me sentasse, à tarde, para costurar ou outros trabalhos manuais, era necessário levantar os pés à moda dos turcos, para esquentá-los. Agora eu lamentava não ter trazido comigo meias de lã.

Alguns dias após o incêndio, chegou até nós nosso amigo Pastor D., para ver como estávamos. Ele me convidou para ir com ele e ficar em J. (*Joinville*) até que uma nova casa estivesse construída para nós.

51.

Isto era muito bem intencionado, mas como poderia eu ir embora, deixando meu marido sozinho? Eu muito bem poderia morar num casebre de palmitos, como outras mulheres.

Para nosso hóspede instalamos um local para dormir na casa da escola, colocando o grande quadro negro e a tampa de um caixote sobre bancos escolares, onde lhe preparamos um leito.

Isto também funcionou. O que não está claro, é se o repouso noturno foi bastante doce ...

52.

VII - Natal na Selva

A um europeu parece bastante estranho, quando pela primeira vez tem de passar sua festa de natal nos trópicos, e com certeza dificilmente consegue colocar-se logo no devido clima emocional. O calor faz-se sentir mais desagradável justamente nessa época, e as pessoas ficam moles e cansadas: a comunidade da igreja que, em B. (*Brüderthal*) , na noite de natal havia se juntado em torno da árvore folhosa tirada do mato e enfeitada festivamente, estava constantemente ocupada em abanar-se com panos para proporcionar-se ar fresco e enxugando o suor da testa. Apesar disso gosto de lembrar-me daquele tempo, quando ainda festejávamos essa festa com nossa pequena comunidade, isolada do resto do mundo. Eu havia assumido as aulas de canto. No tempo do advento ensaiamos bastante nossas queridas canções alemãs. Se alguma vez eu ia para a frente da porta e começava a cantar “Ó Santíssima”, ou “Ó vinde, meninos” , logo de um lado e de outro, onde mesmo se encontravam, nossos jovens da escola entravam no canto, que dos diversos terreiros e plantações soava como um eco alegre através da silenciosa mata.

53.

Na noite de natal, a sala em nossa modesta casa da escola, parecia um bosque de palmeiras. Não havia necessidade de economizar palmeiras e, como não havia assoalho, esses troncos podiam ser facilmente enterrados no chão. De uma palmeira a outra estavam penduradas girlandas, as paredes nuas estavam revestidas de verdes, sobre o estrado e em torno da mesa do pregador estavam colocadas folhagens de diversas formas e colorações, como a selva as fornecia. A árvore de natal, de folhas e não fagulhas, estava ornamentada com luzes e correntes de enfeites de prata e ouro. Foi na segunda festa de natal que passávamos na selva, quando houve uma grande agitação. Um dos nossos jovens aproximou-se da árvore para acender as velas, quando

se ouviu um farfalhar entre os ramos e uma grande cobra venenosa o encarou, com língua irrequieta. Meu marido primeiro afastou as crianças escolares que estavam sentadas quase debaixo da árvore, então pedindo à comunidade que se levantasse bem calmamente e saísse do ambiente. Feito isto, o réptil foi abatido. É bem verdade que, no momento, a concentração ficou abalada, mas por outro lado sentíamos de modo muito claro, como nossa vida está nas mãos de Deus, e oferecemos nosso agradecimento.

54.

Quando então ressoaram os cânticos de natal das crianças, do coral da comunidade, com acompanhamento de harmônio e de violinos; quando foi lida a antiquíssima e sempre nova história do nascimento do Salvador; quando as crianças, com olhos brilhantes, vinham à frente para, de acordo com a idade, declamar uma frase ou um verso, podíamos esquecer que vivíamos na selva. Não era o mesmo Deus a quem festejávamos nessa noite, tanto na velha como na nova pátria?

Terminada a cerimônia, os fiéis partiram para casa, nas mais diversas direções. Maravilhoso era o som de suas árias uníssonas, através do mato, maravilhosas as vozes dos jovens, moças e rapazes, que cantavam de cor e com correção cada cântico do hinário, vários salmos como “Eleva os teus olhos” ou “O Senhor é meu pastor” . A luz de suas lanternas desaparecia atrás das árvores e reapareciam, tal qual os milhares de vagalumes que brincam à beira da selva.

55.

Finalmente desapareceram as lanternas, e os cânticos, mais e mais enfraquecendo, silenciaram por completo. Nunca mais esquecerei essa imagem da minha vida na selva. Na Europa assisti a muitos concertos e tive oportu-

tunidade de apreciar os mais famosos artistas, mas raramente uma música me emocionou tanto como aqui – em sua forma mais simples – nesse ambiente – na selva.

Numa outra ocasião, quando o tempo nos pareceu favorável, celebramos a festa de natal em nosso grande jardim paroquial, em cujo centro estava um bonito cipreste, alto e bem formado. Este foi ornado com lanternas coloridas, uma espécie de ala foi formada com palmeiras, e debaixo delas sentou-se a comunidade. Cada família trouxe a sua lanterna, as quais foram penduradas nas palmeiras e nos forneciam a necessária luz. Do portão do jardim, à beira da estrada, pendia uma grande estrela de natal, iluminada. Uma fresca brisa noturna nos trazia uma agradável refrigeração. Os vagalumes voavam às centenas em torno de nós, iluminando cá uma roseira florida, ou lá uma fuchsia. Diversos tipos de grilos se faziam ouvir e os sapos-martelo martelavam mais alto do que nos convinha, fazendo um exótico acompanhamento ao nosso canto.

56.

Mais tarde, quando a estrada estava construída e nossas condições o permitiam, pudemos mandar vir pinheiros da cidade. Essas árvores oferecem, enquanto são jovens, um bom substituto para nossas árvores de natal alemãs. Elas têm folhas de agulhas, largas e formando pontas muito agudas. Apesar do grande calor, essas árvores se conservam verdes até além do ano novo. No planalto os pinheiros formam grandes florestas. Quando adultas, as árvores tomam a forma de guarda-chuvas: um longo tronco liso e, acima, uma copa em forma de prato. Aqui, na faixa litorânea, eles também são plantados, mas esta não é seu verdadeiro lar.

57.

VIII – A vida no Rancho dos Imigrantes

Humboldt tem razão quando diz: “A palmeira é a mais alta e mais nobre de todas as espécies de plantas.” Uma bela árvore, com seu esguio e alto tronco e sua copa de folhas com fantásticos leques. Mas não é por senso de beleza que o colono deixa de pé apenas as palmeiras, quando derruba o mato para formar suas plantações. Nos primeiros tempos de trabalhos pesados, ele liga menos para o que é bonito, do que para o que é útil, e nisto, ao menos para o iniciante, a palmeira supera todas as outras madeiras. Do tronco são feitas as estruturas, vigas e sarrafos para a casa; com o tronco várias vezes partido no sentido do comprimento, são feitas as paredes e também as cercas para jardim e pasto do gado, enquanto as folhas dão material para formar os telhados. Com o cerne da parte superior do tronco prepara-se um legume, parecido em aparência e sabor com aspargos.

58.

Com o material fornecido pela palmeira, foi construído em B. (*Brüderthal*), na maior parte, o “rancho dos imigrantes”. Assim era chamada uma construção feita pela Direção da Colônia, na qual eram abrigados os novos imigrantes que chegavam, até que tivessem derrubado mato suficiente em suas terras e construído uma choupana. Nosso rancho de imigrantes tinha 40m de comprimento e 10m de largura, ao todo um único ambiente, no qual, ao longo das paredes, foram instalados leitos feitos de palmitinhos redondos. Estes eram desnivelados e duros. Quem tivesse tal artigo de luxo, colocava sobre o mesmo um colchão ou saco de palha, se não, deveria contentar-se com uma camada de folhas secas. Inicialmente havia umas 40 famílias morando juntas em nosso rancho dos imigrantes. Cada uma tomava para si um pedaço da maca, sem nenhuma separação. Imagine-se a confusão e gritaria das não poucas crianças pequenas! A área livre, no centro do rancho, foi aproveitada para os fogões improvisados, pois cada família cozinhava somente para si própria. A fumaça encontrava buracos suficientes para escapar para fora, como também havia suficiente ventilação, pois as paredes laterais eram feitas de folhas de palmeiras. Os utensílios de cozinha raramente iam além de uma panela para o feijão preto, uma jarra de lata para o café, e uma frigideira para apetites mais requin-

tados, p.ex. bolinhos de batatas ou um ovo frito.

59.

Aqui não existia mágica; nem mesmo uma mesa. Cada um, equipado com seu prato de esmalte, colher e caneco de lata, tirava da panela sua comida, para consumi-la sentado sobre algum toco de madeira ou sua cama. Era um verdadeiro acampamento de ciganos! Mas era tão acolhedor e tão cheio de poesia!

Não era bem assim, quando há pouco eu dizia que o rancho dos imigrantes era formado um único ambiente, pois um canto estava separado por palmitos, formando de certa maneira um quarto. Era a morada do Engenheiro, que estava encarregado de medir os terrenos e abrir a estrada. Ali havia uma cama, uma mesa e uma cadeira. Vários mapas ficavam espalhados sobre a mesa, e nas paredes estavam penduradas espingardas, revólveres, bolsa de couro e facão. Sobre uma taboa ficavam garrafas bojudas contendo cobras conservadas em éter, e alguns livros para entretenimento em dias de chuva.

60.

Quando eu vi nosso Engenheiro pela primeira vez, sua aparência, principalmente sua espessa barba já um tanto acinzentada, de tal maneira me lembrou a figura do “Rübezahl”, que mais tarde, quando ficamos mais conhecidos, muitas vezes eu assim o chamava, por brincadeira. Aliás, para os novos imigrantes, esse Rübezahl das selvas, que já estava no país há mais de 40 anos, era de incalculável valor, por seus conselhos práticos e sua disposição prestativa para ajudar em casos de doença, dificuldades e desgraças. De todos os lados e por todos ele era chamado. Seus conhecimentos medicinais o transformavam num médico, seu sentido de justiça fazia dele um juiz e todo tipo de discórdias. Nós, principalmente, o tínhamos em elevado apreço e ele

se tornou um querido amigo nosso.

Mais tarde, quando o Engenheiro havia arranjado uma outra residência, o “quartinho bom” passou a ser ocupado por um jovem conde e herdeiro, que entrementes havia chegado. Sua mãe o havia enviado ao meu marido, para que fizesse dele uma pessoa útil, de boas maneiras e limpa, pois nem esta última qualidade possuía esse rebento de antiga linhagem nobre, como o comprova o seguinte pequeno episódio.

61.

O quarto do conde estava instalado com refinamento, ornado até com um sofá trazido da Silésia, um verdadeiro e inteiro sofá. Em eventuais visitas feitas, meu marido reparou que o assento estofado desse sofá começava a ficar bastante duro. E o que descobrimos mais tarde? Na falta de tabaco, nosso conde se servia da palha do forro do sofá, para encher seu cachimbo. Até então tínhamos em vão tentado descobrir a marca que o conde fumava, pois cheirava a tudo, menos a Havana.

Três ou quatro passos distante do rancho dos imigrantes ficava a “casinha de pão-de-mel”, de meu marido. É claro que não era feita de doces e chocolate, pois, como seu vizinho maior, tinha esteios de madeira e paredes de folhas. Mas seu estilo de construção e tamanho, que sobressaíam duplamente ao lado do rancho grande, lembravam a conhecida lenda.

62.

O seu interior estava arranjado de modo bem aconchegante. Mesas, armário, cadeiras e sofá tinham sido feitos com a ajuda de caixões e caixotes, e até um pequeno fogareiro ficava num canto, menos para aquecer do que contra a umidade, porquanto em clareira de mato recém derrubada, o mofo

agride diariamente livros e roupas e especialmente qualquer couro. Um tronco oco servia de chaminé.

De manhã cedo o rancho se esvaziava, pois cada pai de família partia, com os filhos já aptos ao trabalho e armados de machado, serra e facão, para sua colônia a fim de preparar a terra para as plantações ou livrar a área para a construção da casa, pois todos ansiavam por entrar o mais breve possível em sua casa própria. É um trabalho pesado e quente, de modo que eles voltavam para casa bem cansados. Depois do jantar ainda se fazia uma horinha de conversa e, sentados em torno do fogo aberto, contavam-se mutuamente os acontecimentos vividos. Um havia visto uma enorme cobra, o outro um gato do mato ou rastros de um jaguar, quando não até de bugres.

63.

Dava para ficar arrepiado ao ouvir todas essas aventuras, se a gente não soubesse da “fama dos caçadores”. Assim, também aqui são feitos exageros, embora nem sempre consciente ou propositadamente. Assim, uma noite um deles contou, cheio de agitação, que detrás de um arbusto tinha visto dois olhos brilhantes fixados nele. Esses olhos só poderiam ser de um tigre. O bicho estava pronto para o pulo, mas ele, o homem, tinha rapidamente disparado sua espingarda e, como costura dupla agüenta melhor, havia dado um golpe de enxada sobre a cabeça do animal, fugindo rapidamente dali. “Foi ali, na curva do caminho, e em toda minha vida não esquecerei esse susto” concluiu ele sua narrativa. No dia seguinte porém, chegou chorando a mulher de um dos colonos, mostrando seu lindo gato recentemente comprado, mas que agora estava morto, duplamente morto até: com um tiro e um crânio despedaçado.

64.

Ele havia sido encontrado “atrás de um arbusto, lá na curva do cami-

nho”, exatamente ali onde o tigre de ontem havia perdido sua lendária vida.

Cedo iam todos para a cama, mas não sem antes haver cantado um cântico noturno em conjunto, após uma bênção para a noite, celebrada por meu marido no rancho. - Agora reinava silêncio dentro do rancho. Ainda que lá fora, na selva, os animais rugissem e gritassem, aqui se dormia sob a proteção de Deus. O que se poderia temer?

65.

IX – Todo tipo de hóspedes

Com isto não me refiro aos diversos turistas e caçadores isolados, que de vez em quando passavam uma noite na selva e na maioria das vezes eram hóspedes bem-vindos. Refiro-me, sim, a hóspedes pequenos, bem pequenos, que apesar de seu pequeno tamanho, conseguiam, pela grande quantidade, durante 6 semanas espantar da cama os moradores do rancho de imigrantes, toda noite durante 6 semanas. Eram as assim chamadas “viajantes”, uma espécie de formigas relativamente grandes. Vinham em bandos, em grupos ordenados por sobre diversas ruas, mas todas com um mesmo destino.

Assim elas assaltam uma casa, sem luta nem grito de guerra; entram pelas portas e janelas e pelas fugas do chão, em grandes grupos. Aí tudo começa a ficar vivo: baratas, aranhas, carochas e demais insetos saem de seus esconderijos e correm desesperadas para um lado e outro; mas geralmente não chegam longe, pois em pouco tempo assentam-se em cada perna sua, 5,6,8 formigas, que se deixam arrastar junto por algum tempinho, até que o fugitivo cansado não consiga mais prosseguir. Ele está perdido e instantaneamente coberto por suas inimigas pretas.

66.

Uma tal limpeza geral da casa em geral é vista com bons olhos, só que já várias pessoas se viram forçadas a deixar sua cama no meio da noite e procurar abrigo em casa de vizinhos, por causa dessas caçadoras caseiras. Em todo caso, no rancho dos imigrantes as “viajantes” devem ter-se sentido tão bem naquele tempo, provavelmente por realmente terem encontrado alimento, que, como foi dito, vieram todas as noites durante 6 semanas. O pessoal ficou bastante esgotado pelas noites sem repouso. Alguns possuíam suficiente paciência para deixar as formigas andar sobre seus corpos, sem se mexerem. A estes nada acontecia. Mas aí daquele que tentasse se defender. A picada desses bichinhos é bastante dolorida. Na verdade, não é de todo desinteressante observar o trajeto dessas formigas; elas marcham enfileiradas, como soldados alemães. Ao seu lado e a determinados espaços, anda uma formiga maior e de coloração mais clara. São as oficiais, que às vezes se permitem andar para frente e para trás, para ver se tudo está em ordem. A disciplina é admirável nesse exército da selva.

67.

Menos apreciada, não, até profundamente odiada e perseguida até a morte, é uma outra espécie de formigas. Chamam-nas de “carregadeiras”. Elas cortam as folhas e florações, principalmente de flores e plantas de legumes, das quais se apoderam, desde pés de laranjas, de pêssegos e outras árvores úteis, e as carregam para seus ninhos. Também elas marcham em filas organizadas. É interessante, mas irritante, principalmente quando penetram em nosso próprio jardim, observar esses animais. Elas carregam, segurando com suas tesouras verticalmente sobre as costas, as folhas verdes ou coloridas, por sobre trancos e barrancos, ora acima ora abaixo da superfície da terra. Nenhum obstáculo existente em seu caminho as faz desistir, até que tenham alcançado seu ninho, às vezes distante várias centenas de metros. Se por acaso estão trabalhando numa roseira, seu cortejo oferece uma visão bastante

bonita, mas muitas vezes é bastante difícil acompanhá-lo através de capins e densa capoeira. Quando o ninho é encontrado, é destruído com fogo ou água fervente. Essa luta incômoda e irritante contra as formigas, consome não pouco tempo do colono, principalmente nos primeiros tempos, mas é absolutamente necessária, se não o homem sucumbe a estes pequenos animais na luta pela existência.

68.

“Viajantes”, “carregadeiras”, são nomes estranhos e em todo caso não científicos, mas como nós não somos cientistas, denominamos esses animais segundo seu ofício, e, mantendo esse costume, aproveito para apresentar ao prezado leitor ou leitora mais alguns desses bichos, inicialmente um com o nome nada elegante de “tio piolhento”. Esse tio é um pássaro preto, que gosta de sentar-se sobre o lombo de cavalos e vacas, catando deles as pragas. Até os mais ariscos cavalos gostam disso e toleram o pequeno cavaleiro. – O “pássaro do trem” é um tipo de grilo que, durante os meses de verão, emite um som agudo, muito semelhante ao longo e agudo apito de uma locomotiva. – O “carregador de lanterna”, assim é chamado um vagalume que emite, dos dois lados da cabeça, uma luz clara e de longo alcance. Numa noite eu peguei três desses vagalumes e os coloquei debaixo de um copo de vidro. Eles emitiram uma luz tão forte, que me foi possível ler com sua ajuda.

69.

Nas noites dos meses quentes eles estão mais vivazes. É uma visão realmente majestosa, quando os carregadores de lanternas cruzam os ares, enquanto miríades de vagalumes menores piscam entre arbustos e capins.

Ai, ai! Gritávamos todos horrorizados, quando chegavam os “prussianos” ou os “cantores”, e nem éramos franceses nem desprezantes da música. Então porque esse grito assustado? Ora, porque todo o conforto terminava

enquanto permaneciam entre nós esses intrusos, os mosquitos. Na verdade eles nunca faltam totalmente, mas assim uma vez ao ano eles aparecem de repente em bandos numerosos, para desaparecerem 2 a 3 semanas depois, da mesma forma repentina, talvez após uma tempestade. Nessas horas não se podia pensar em um bom sono, em trabalho; ficar sentado tranqüilo era igualmente impossível. Era um constante gemer e reclamar e bater em torno de si. Os mosquitos eram abatidos às centenas, e aos milhares revoavam novamente pelas casas, campos e florestas.

70.

Alguém poderá pensar que... são apenas mosquitos. Sim, apenas mosquitos, mas a incrível quantidade dessa praga torturante fazia com que em nenhum lugar podíamos ficar a salvo deles. Da selva saíam o Engenheiro e seus ajudantes, carregando seus pertences, tão apressadamente como se o inimigo os perseguisse de perto. Chegavam com o rosto e mãos inchados, todos picados. Em alguns surgiam bolhas, que depois supuravam e ocasionavam feias inflamações. Até mesmo o “Rübezahl”, que de modo nenhum era frágil, estava entre os fugitivos. De dentro das casas e choupanas saíam grossas nuvens de fumaça, pois só a fumaça conseguia manter afastada essa praga. Mesmo em nossa casa paroquial de paredes firmes de alvenaria, eles sabiam achar um jeito de entrar. À noite se fazia no quarto de dormir, com portas e janelas fechadas, um fogo fumacento sobre uma folha de latão, até que o ar estivesse tão espesso como se pudesse ser cortado à faca. Então as janelas eram abertas e várias pessoas enxotavam os mosquitos parede abaixo e para fora. Então, rápido para dentro das camas! Embora a fumaça pesasse sobre o ar, podia-se ao menos dormir algumas horas sossegado, talvez até meia-noite, quando o seu canto dos sugadores de sangue novamente nos

Tirava impiedosamente do sono. Recomeçava então a luta entre humanos e mosquitos, e novamente se produzia fumaça. Pela manhã, bem cedo, era-se novamente acordado para a enervante luta. Nem mesmo dava para pensar em

sentar-se tranqüilamente para comer. Andávamos para lá e para cá com nossos pratos e xícaras, ainda assim não escapando do risco de ter de engolir um pão semeado de mosquitos. Como respirávamos aliviados quando, após 14 dias, esses hóspedes desapareciam, deixando para trás seus hospedeiros semi mortos e nervosos. “Prussianos”, era como chamávamos esses mosquitos sem dons musicais. Eles chegavam silenciosos, tinham uma longa tromba guarnecida com ferrão, e excepcionalmente compridas pernas listradas de preto e branco – por isso o seu nome. Os “cantores” sabiam não só “cantar” sentimentalmente, como também picar sentimentalmente. Quais tu preferes? ouvia-se frequentemente perguntar. Bem, nisso os gostos diferem, e “quem tem a escolha, tem a dúvida”. Nós não tínhamos escolha, mas sim suficiente tormento.

São folhas soltas, que eu acima

queria oferecer, juntadas livremente

num buquê despretencioso.

Embora não contenha eventos

violentos, nenhum acontecimento,

mas sim um pedaço de vida

para quem o vivenciou, e, por isso,

um pedaço de história do mundo e

da humanidade, que, como tal,

espera por aceitação amigável

e complacente.

----- **End of Forwarded Message** -----

Faculdade de Medicina de Ribeirao Preto - FMRP-USP
<http://www.fmrp.usp.br/>

ANEXO B – Cartas Claire Lange

Queridos Pais amados no Senhor!

Permitam-me chamá-los assim, tanto mais, que hoje escrevo em nome de sua e minha Claire. Depois de termos festejado há 4 semanas nosso casamento e vivido desde então um tempo tão feliz, hoje o Senhor nos atingiu severamente. Nós estivemos ausentes por 2 dias numa pequena viagem, e, ao retornarmos, encontramos nossa casa queimada até a base. Como? Não é possível saber se foi incêndio criminoso. Mas, que sentimento! Ah, é tão difícil! Pobre Claire! A maioria das coisas foi salva, mas na maior parte estão danificadas. Camas e sapatos estão praticamente destruídos, e também muitos móveis.

O que nos resta dizer sobre isso? Por hoje só uma coisa: Nós reconhecemos ambos, que: Este castigo nos era muito necessário para nossa humilhação, para recordar-nos de que nosso Salvador requer o coração por inteiro, não dividido. Sim, nós bem reconhecemos isto inteiramente, e pedimos perdão a Ele, enquanto ao mesmo tempo agradecemos a Ele, que nos tenha deixado tanta coisa. Ele é muito misericordioso. Nós confiamos em que Ele também cuidará de novo para o futuro, dando-nos o nosso pão de cada dia e alguma vez novamente uma casa. Agora nós estamos morando em nosso salão, que naturalmente não tem paredes perfeitamente fechadas e nem assoalho e teto.

“Não temas, apenas crê.”

“O Senhor é meu Pastor...”

Nós pedimos muito sua oração por nós, pois o coração fraco necessita dela.

Com a mais íntima saudação, seus filhos

Claire e Wilhelm

Brüderthal, 28.9.1887

(Provavelmente início de 1888)

Meus queridos Pais e Irmãos.

Mil vezes obrigada pela participação de vocês e pela ajuda que vocês queriam me prestar. Pois vocês, pequenas irmãzinhas, queriam ajudar a costurar para o enxoval. E como eu teria gostado de ver se meu pequeno menino, ou menina, pudesse vestir algo costurado pelas jovens tias! Mas o envio para cá certamente deverá ser difícil. Aqui geralmente não se usam roupas de lã. Eu vou comprar algum tecido cru (Percal?), porque flanela etc. aqui é muitíssimo cara. – Willy já encomendou um pequeno carrinho de bebê. A Sra. Pastor Dehmlow, que me é uma amiga fiel, queria que eu fosse para a casa deles, porque aqui não existe uma “Elisabeth” e porque aqui se teria de pagar uma enorme quantia de dinheiro para conseguir uma. Mas aceitar a idéia de não estar em casa nos é muito difícil; principalmente para mim é bastante desagradável. Assim, portanto, eu permaneço aqui, e a Irmã Rubin, uma atenciosa irmã daqui que entende algo do assunto, quer me ajudar nesta situação. Então também Deus certamente cuidará e me ajudará!!

Tenho ainda um pedido, em nome de meu marido e meu próprio, à Meta: Querida Meta, tu não queres ser madrinha de minha criança, se ela permanecer com vida? Além de ti, nós pedimos o mesmo ao Hermann Lange e a Louisa. Por favor, tu me farás uma grande alegria com isto.

Envio saudações cordiais a Ella Theile Markgrafen e congratulações a ambos os pais. Eu fiquei muito contente!

Agora fiquem todos bem! Sua fiel e agradecida

Clara

Brüderthal, 19 de março 1888

Meus queridos e bons pais.

Em toda a pressa quero escrever-lhes hoje, e lhes peço que não fiquem zangados se a carta desta vez, mais que de outras vezes, ficar prejudicada por isso. É que hoje é 19 de março, e o domingo de ramos e a páscoa, bem como no dia 22 o aniversário de meu marido, estão à frente da porta. Além disso, agora somos 6 pessoas à mesa, quase todos jovens que têm um bom apetite. Nesta semana estamos agora aguardando a chegada do Irmão Wullschlägel, que será admitido por nós como professor. Mas disto falarei mais adiante. Ele irá morar e fazer as refeições conosco, até que se tenha acomodado e construído uma casinha.

Para o domingo de ramos eu ainda tenho de acabar de bordar a toalha para o altar. Até agora tínhamos apenas uma toalha branca bem fina, que agora está com uma aparência muito ruim e nem esconde mais as pernas pretas de meu marido quando este está de pé atrás do altar. Willy trouxe da cidade, para mim, bonitas bordas pretas, que eu ainda forrei; e embaixo bordei uma borda e no meio uma grande cruz, com fio dourado que eu ainda havia trazido comigo da Europa. A toalha para a mesa grande está pronta; ah, ela ficou mesmo bonita. Mas agora eu preciso ainda acabar aquela para o púlpito, antes do domingo.

Eu estou aqui, por 8 dias, com uma mocinha da Estrada do Sul, uma confirmanda. A mesma está fazendo seu vestido de confirmação, sob minha orientação, já que ela antes nunca na vida tinha costurado. É muito desajeitada e ainda vagarosa, e eu preciso ajudá-la bastante. Mas estou contente que assim posso ajudá-la a economizar um pouco. Ah! quanto trabalho haveria a fazer aqui! Seu eu pudesse fazer mais! Como há crianças que não sabem ler nem escrever! E moças, na redondeza, que não sabem nem tricotar nem costurar! No sábado em que eu abri esta escola de trabalhos manuais, as pobres moças vieram para cá, de até 2 a 3 horas de distância, para aprender, e alguns dos pais de posses estão agora mandando seus filhos para a nossa escola. Por todos os lados Deus parece nos mostrar novos campos de trabalho.

O Dr.Fabri, que agora está à cabeça da nova Direção, promete uma contribuição para uma igreja e escola do outro lado de Brüderthal, em Itapocu, e pede que meu marido assuma também o atendimento dessa igreja. Meu marido está de acordo e discutiu a proposta do Dr.Fabri lá com a diretoria; eles parecem estar muito a favor. Na Estrada do Sul a igreja deveria ficar pronta agora para a páscoa, mas não ficou. Assim, os confirmandos de lá terão de ser confirmados com os nossos daqui, à nossa maneira em Brüderthal. Assim Willy teria, dessa maneira, além da comunidade em Brüderthal, à esquerda e à direita mais 2 igrejas luteranas para atender. E se isto exteriormente quase não lhe traz rendimento, pois essa gente é muito pobre, ainda assim devemos nos alegrar por Deus nos abrir aqui novos campos de trabalho; alegrar-nos em dobro, por isso poder acontecer aqui no Brasil, onde tudo o que é religioso é pisoteado para o pó e ridicularizado.

Nós não pensávamos que receberíamos tão logo um professor. Mas parece que Deus também aqui dirigiu o assunto. O Irmão Rudolf Wullschlägel, de Herrnhut, por algum tempo foi professor em Gnadenfrei juntamente com meu marido Willy. Ele estudou e na verdade queria dedicar-se à teologia, mas devido à sua saúde (ele às vezes sofre de ataques epilépticos noturnos), teve de desistir. Então queria ser farmacêutico; mas quando notaram qual era seu problema, não o quiseram mais. Então, no ano passado, juntamente com o Irmão Hennig, ele chegou um mês antes de mim aqui, isto é, em Porto Alegre, ao sul daqui.

Eles queriam iniciar lá uma floricultura, que entretanto falhou completamente, e então ele se dirigiu ao meu marido. Isto nos foi como apontado pelo dedo de Deus e nós lhe escrevemos em resposta que, para nós, com o tempo o cargo de professor aqui estava ficando demais. Nós lhe dissemos bem claramente que condições exteriores encontraria aqui: até meio-dia, aula; à tarde estará livre e poderá cultivar o terreno da escola; que de início o ordenado será de somente 30.000 mensais. Ele aceitou nossa oferta, na confiança em Deus, e assim está sendo aguardado nesta semana.

Nós estamos passando um tempo muito difícil agora, isto é, experiências tristes dentro de nossa comunidade, que certamente irão terminar em que uma

família terá de ser excluída, ou seja (vocês não teriam esperado que eu lhes mencionasse o nome) : Engelmann . Como é difícil, quando durante anos se colocou inteira confiança em alguém, e de repente tem de reconhecer que a gente se enganou amargamente, o que meu pobre marido teve de experimentar e com o que sofreu muito. Em escolaridade Engelmann certamente está acima dos outros nossos irmãos, pelo que não admira que meu marido se sentia mais inclinado a ele, principalmente em tempos difíceis. Como ficamos sabendo agora, consta que nisto Engelmann sempre tinha em vista esse um objetivo, isto é, conquistá-lo para genro. – Até agora ele não conseguiu viver em paz com ninguém e em todas as desavenças entre os irmãos ele estava envolvido. Willy realmente reconhecia diversos erros dele, mas sempre pensou que entre os irmãos a inveja exercia fator preponderante. Agora que Engelmann viu seu plano frustrado, ele joga tudo para o alto, cristianismo, amizade, e se joga nos braços do maior inimigo de nossa comunidade, o “Sr. Krisch”. Este último é católico, ou melhor, ele é coisa nenhuma no que diz respeito a religião; ri e debocha de tudo o que é cristão, e sua posição desde o começo foi desestruturar a coisa aqui. Ele é a pessoa que daquela vez providenciou as calúnias nos jornais, contra nossa comunidade e contra meu marido, o “Opressor”. Ele aqui tem a função de Supervisor, dá trabalho aos irmãos e lhes paga conforme seus interesses. Ele é o funcionário contratado pela Direção que tem de distribuir os trabalhos feitos em assuntos da Direção. Com isto, nossos irmãos estão de certa maneira dependentes dele, oportunidade que ele aproveita para intimidá-los ou para ganhá-los para si através de gentilezas, e colocá-los contra o pároco, o “Opressor”, como ele chama Willy. É, pois, nas mãos desse homem que se entregou Engelmann inteiramente. Mesmo que nunca consiga encontrá-lo sem que aquele esteja bêbado e que sempre use das mais grosseiras expressões. Aos poucos agora veio tudo à tona; não é possível contar tudo, mas a primeira briga foi por motivo do concerto na cidade. Meu marido tinha uma vez concordado em que nossa associação participasse lá, mas só com a condição de que, de nossa parte, a música deveria preservar um caráter sério e que os irmãos se retirariam imediatamente e não participariam da dança que haveria depois. Mas depois, a Associação de Canto pediu revanche e quis que nossa associação os ajudasse. Meu marido, que colocava inteira confiança em En-

gelmann, permitiu que acontecesse e assim continuou, até que uma vez ouvimos murmurarem que pessoas pouco afeitas a injustiças, de nossa vizinhança, se admiravam de que uma associação de canto da Irmandade pudesse cantar canções levianas no concerto, etc. etc. Willy chamou Engelmann para falar com ele sobre o assunto. Na verdade já tínhamos reparado que Engelmann deixara nosso coral inteiramente de lado, não mais ensaiava conosco e só encontrava tempo para os ensaios para o concerto. Mas ele lhe falou em bem e lhe pediu para tomar cuidado com o tipo de canções, etc. Engelmann disse não saber de nada ruim, embora ficássemos sabendo mais tarde que, depois do concerto, nossa comunidade ainda tinha demonstrado várias coisas, ou seja, que Marie Engelmann tinha apresentado diversas canções e conversas ordinárias, meio fantasiada, e que Engelmann tinha acompanhado vários comentários de músicos da cidade, como esta: “Agora nós sabemos que vocês em Brüdertal não são tão piedosos como se fazem, e sim somente o Pastor de vocês...” , e coisas parecidas. Na mesma época soubemos que Engelmann ensaiava uma canção para o próximo concerto, para a qual uma de nossas jovens irmãs deveria fantasiar-se de homem e, sentada à mesa com outros irmãos, deveria cantar louvores à cachaça, o nome local para “Schnaps”. Isto nos pisou fundo no coração e nós ficamos muito tristes. Nunca eu teria esperado isto de Engelmann, mas também não o que haveríamos de vivenciar no domingo seguinte na igreja. Engelmann negou a questão da canção sobre cachaça, e disse que tinha falado só de brincadeira que a mesma teria de ser cantada no concerto.

No sábado da mesma semana, meu marido mandou levar o harmônio do salão para um outro local. Já havia tempo se falava que ele ali não estava bem, e como havia mesmo dois irmãos ocupados no salão, ele aproveitou a oportunidade. À noite era para ter ensaio da liturgia, mas Engelmann não ficou, como já outras vezes não mais ficara, e os cantores do coral já pensavam, com susto, que novamente teriam de cantar sem ensaio no domingo. Então, na liturgia, ele não entregou notas aos irmãos, de modo que na parte do coral estávamos só nós 4 sopranos, e ainda tivemos de ir buscar as notas. Engelmann porém permaneceu sentado, e deixou acontecer o que quisesse, com o rosto mais indiferente do mundo. Os irmãos , de tão constrangidos, não sabiam o que

fazer, e nós ainda nos levantamos e começamos a cantar, até que ficou claro que nós quatro estávamos cantando sozinhas, sendo alvo de deboche. Eu me virei para os irmãos, vi como todos estavam sem notas, mas o Irmão Engelmann e o jovem Irmão Schmidt (o mais irresponsável e frívolo irmão que eu conheço e também camarada de Engelmann, porque ele, como vocês irão ouvir, mantinha um caso amoroso com Marie Engelmann), os dois estavam aí sentados com cara de riso. Eu fiquei com a garganta como que estrangulada. Com muito custo tive de reprimir minhas lágrimas. A comunidade toda se voltou revoltada, e meu pobre marido parou imediatamente, e mandou cantar somente mais um versículo: “De minha aflição clamo a Ti, Senhor”. Então ele se ajoelhou e pediu veemente a Deus, que nos livre dessas desavenças. No salão só se ouviam soluços e todos estavam revoltados, mas também profundamente abalados, com exceção de Engelmann e Schmidt, que só se alegravam por seu triunfo, etc. Quando meu marido mandou chamar Engelmann para falar com ele a respeito, foi simplesmente horrível. Engelmann estava tão agressivo e realmente enfurecido. Não me ocorre outra expressão: Aí veio à tona um homem tal, que se pôde ver que o fogo já há muito vinha ardendo debaixo das cinzas. Tudo coisas inventadas, que ele jamais poderá assumir, entre as quais ele também disse que todos os irmãos estavam do lado dele e que ninguém mais tinha confiança em meu marido. Enfim, tudo o que a má língua de Krisch lhe tinha dito e feito acreditar. Eu nunca esquecerei essa semana. Eu acho que o incêndio da casa não nos atingiu tanto como essas palavras. No dia seguinte meu marido mandou anunciar uma reunião de oração mais estreita, durante a qual ele falou: Que o Irmão Engelmann tinha dito que ninguém mais poderia dar-lhe sua confiança, que todos estavam de acordo quanto a isso, e que ele só lhes pedia ainda que viessem ter com ele e lhe abrissem o coração do que soubessem. Então disse ele: “Se eu me confesso perante Deus, e mesmo tendo de reconhecer que muitas vezes falhei, eu não sei pelo que perdi a confiança dos irmãos. E se este for o caso, então na verdade minha permanência aqui não é mais possível. Então eu teria de me dirigir a Berthelsdorf.” - Nós tivemos então a alegria de ver que todos vieram, sem exceção. Meu marido então também reconheceu que tinha ido longe demais em sua amizade a Engelmann e que com isso os demais irmãos se haviam sentido preteridos. Mas todos ex-

pressaram sua confiança para com ele, nenhum único deixando de vir, e seu bem-querer nos fez bem. Com a maior paciência Willy procurou falar com Engelmann. Este nos escreveu as mais grosseiras cartas, sob a orientação de Krisch. Nós as queimamos, quando nos pareceu que Engelmann estava algo mais calmo. Mas a coisa não tinha passado de todo; sempre novamente vinham pequenas físgadas, principalmente quando Krisch estava presente. Então aconteceu que meu marido ficou sabendo, por um dos nossos Mais Velhos, que a Marie Engelmann e o Reinhold Schmidt, que estava em pensão na casa deles, todas as noites saíam de casa e ficavam horas juntos por aí. Eu quase não pude acreditar e meu marido também não, pois ambos tínhamos bastante confiança na moça. Mas então se ouvia o mesmo de outros lados e até entre as crianças de escola se falava a respeito. Como Marie já tem 25 anos de idade, meu marido decidiu falar primeiro com ela sozinha e queria convencer os dois a contar o fato imediatamente ao pai, se é que ainda não estivesse sabendo, e então casar imediatamente, ou então separar-se, não mais morando sob o mesmo teto. Nós até lhe oferecemos nossa casa; que ela viesse com sua máquina para costurar comigo, e com isso estaria menos exposta ao falatório da comunidade, pois assim todos pensariam que, se os Pastores a recebem em sua casa, então não deverá ser tão grave como se fala. Engelmann porém falou contra, dizendo que nós queríamos “encarcerar” sua filha, que meu marido era o assassino de seus filhos, etc. etc. Por experiência a gente sabe que tudo é contado pior do que é. Marie reconheceu que realmente havia saído de casa à noite, mas não entendia bem que isso fosse assim tão ruim. Mostrou-se porém muito compreensiva. O pai, entretanto, desde então está como que fora de si e em vez de procurar a culpa em si próprio, joga-a sobre meu marido e toda a comunidade. Nós temos de escutar grosserias como eu nunca pensei ouvir na minha vida e ele procura, com seu amigo Krisch, nos prejudicar de todas as maneiras, procura o possível para nos magoar. Ele tinha pensado que o cântico na igreja não poderia continuar sem ele e sua família. Na verdade eles fazem falta, mas nós nomeamos imediatamente um novo organista, no lugar de Marie, a mudou para a cidade; é o Irmão Hille, que com o tempo também ficará bem familiarizado. E então estamos ensaiando bastante para o tempo da paixão, os irmãos com o Ir.Hille, as irmãs comigo e depois todos jun-

tos. O próprio Engelmann havia se retraído, porquanto durante as reuniões sentava com sua família em lugar diferente de onde sentava o coral e, em vez de cantar conosco, sempre lia nalgum outro livro. Isto foi suficientemente claro. Inicialmente estávamos bastante revoltados com esse tratamento, mas então meu marido falou, após a reunião, que, aqueles que quisessem pertencer ao coral, deveriam apresentar-se a ele. E vejam só, formou-se um coral bem maior do que o anterior, de modo que somos aproximadamente 30 participantes. Os Velhos também se apresentaram, e disseram que queriam dar uma pequena contribuição como membros passivos, para que pudéssemos adquirir mais livros. Assim, pois, entrou com isto uma vida nova bastante alegre em nossa comunidade, o que nos alegra de coração. O amor de todos os outros irmãos nos ajuda a superar os desaforos de Engelmann. Mas esse homem é muito infeliz; de todo o coração temos pena dele e eu acho que, em suas ações, ele não é mais capaz de raciocinar direito. Eu o considero doente. Ainda assim eu acho que muitas vezes Deus terá de intervir muito profundamente antes que ele volte a ter juízo.

Queridos pais, eu lhes escrevi isto assim tão mal, porque tive de fazê-lo com uma terrível pressa, mas mesmo assim quero que vocês o fiquem sabendo bem detalhadamente, também por isso: Porque Engelmann tinha a intenção de escrever para Berthelsdorf; mas meu marido tinha sido bastante sucinto para com o Irmão Richard. Se e quando Engelmann escrever, haverá muita coisa que Willy nem mencionou, de modo que eu pensei que, se for necessário, Papai poderia ter a bondade de enviar minha carta, colocada num alemão melhor, ao Irmão Richard. Meu marido também está de acordo e ele ainda vai reler esta carta.

Mas agora eu não posso mais. Eu ensaiei com as irmãs até às 10 horas e agora é tarde e eu estou tão cansada, que meus olhos não querem mais ficar abertos e minha mão está sem força. Por favor, queridos pais, enviem esta carta à Mamãe em Berlim e, todos vocês que a lerem, sejam tolerantes desta vez comigo e não me levem a mal. Vocês sabem que eu os amo de todo o coração, e isto é o principal. Antes da páscoa eu ainda escreverei uma carta mais razoável, pois eu ainda teria muito a contar, isto é, só outras coisas boas também.

Nós estamos bem e eu agora também vou bem. Graças a Deus não nos falta nada. Queridas duas mãezinhas, não fiquem preocupadas conosco. E se Mãe em Berlim perguntar: “Então, do que é mesmo que vocês vivem?”, então eu poderei lhe dizer que nós somos filhos bem mimados por Deus. E se alguma vez também tivermos de dizer “Não há mais nada na caixa”, então poderei dizer por experiência própria, que justamente em tais tempos nossa mesa esteve mais farta, de modo que ainda tínhamos de sobra, pelo que sempre me ocorre a história dos 5 peixinhos e as 5000 pessoas.

Depender diretamente de Deus é muito melhor do que dos homens. A gente se sente muito mais protegido. E com isto estamos muito felizes e nos queremos muito bem. Até uma outra vez. Fiquem bem, meus queridos. Na próxima carta seguem as respostas às muitas perguntas de grandes e pequenos.

Recomendando-me a Deus,

Sua Clara

Queridos Pais !

Cheios de gratidão ao Senhor, nós lhes damos a alegre notícia de que, hoje à tarde às 3 horas, nos nasceu uma filhinha.

Isto aconteceu bem inesperadamente, pois nós contávamos com no mínimo 4 semanas mais tarde. O parto foi novamente bastante difícil, mas o fiel Deus ajudou e Claire, bem como a pequena, estão relativamente bem. Sim, Ele fez tudo bem feito!

Em breve mais. Ao Herrnhut eu enviei resposta.

As mais cordiais saudações,

Seus Willy e Clara

Brüderthal, 29.VI.1889

Brüderthal, 5 de janeiro de 1890

Meus queridos Pais.

Com certeza já vai dar para escrever, ainda que a letra não fique tão bonita. O principal certamente permanece sempre o conteúdo. Meu marido já lhes escreveu porque meu braço ainda está meio paralisado, e eu não quero escrever ainda mais sobre isso; eu não gosto de lembrar esse tempo. Só uma coisa quero ainda dizer, para louvor de Deus: Ele ajuda maravilhosamente através de todos os tempos e ajuda a suportar dores! Vocês ainda lembram, que uma vez eu lhes falei desse tumor. Então ele ainda era bem insignificante. O médico achou que deveria provir de uma batida ou pressionamento. Se eu naquela época tivesse sabido que ele ainda cresceria, então eu o teria mandado cortar fora ainda na Europa. Agora ele ficou tão grande, que eu mal podia esperar que passasse o parto, para mandar operá-lo! O que não irá custar isso tudo? Eu nem devo pensar nisso. Mas Deus certamente não nos abandonará! Nós agora teremos de economizar muito, para não cairmos em dívidas com isto. Mas isto tinha de ser feito!

Eu fiquei um pouco fraca por causa do parto e da operação. Coincidiu tudo meio mal com a época do ano, pois agora está muito quente. Mas estou feliz de estar novamente na silenciosa casa pastoral, na selva. Esses 14 dias me pareceram uma eternidade, principalmente também porque meu marido teve de passar um tempo difícil com as crianças, sem que eu lhe pudesse aju-

dar.

Na cidade freqüentemente recebi visitas. A Sra. Ritzmann tratou de mim dia e noite, a Sra. Dr.Fritz passava todas as tardes comigo , ou eu com ela. Eu já aprendi a admirá-la e lhe querer bem, quando ele esteve aqui de visita a nós. Tão jovem como ela é, e já viveu tantas experiências, que a deixaram extremamente séria. Eu já devo ter-lhes contado alguma vez sobre o marido dela, que é tão rude e grosseiro, que a gente tem medo de dirigir-se a ele. Além disso ele é debochado e sempre descontente com o fato de que a mulher vai à igreja todos os domingos e que, apesar de amá-la, não lhe dá uma vida agradável. Eu pessoalmente não posso me queixar dele; pelo contrário, ele me tratou muito bem e foi até gentil comigo. Para falar francamente: eu também não teria permitido qualquer grosseria comigo.

O outro médico é muito mais agradável no trato, mas só quando está sóbrio, e para encontrá-lo sóbrio é preciso tirá-lo da cama. Também, ele não opera pessoalmente.

No mais, vêm muitas visitas e também pessoas amigas me mandam uvas, figos, maçãs, etc. Mas neste tempo eu reconheci o quanto seria necessário que o Pastor Kötter fosse casado, independente do fato de que ele é um homem bem pouco prático. Ele lá não tem contatos, nenhuma pessoa do seu nível; e com as famílias com as quais ele talvez pudesse se relacionar algo mais, geralmente ocorre certa rejeição por ele ser solteiro e elas terem filhas crescidas, com o que os mexericos então não têm mais fim. Por isso ele se retrai inteiramente e vive quase como um eremita.

Nossas 3 criancinhas estão muito bem. Elas suportam o verão menos

bem do que o inverno, e as três têm tendência para resfriado. Walter está forte e gordo; eu só sempre passo trabalho com a alimentação, pois infelizmente tive de parar de amamentá-lo após 4 semanas; eu não tinha mais leite. Felizmente nossas vacas ainda estão dando leite agora.

Como se alegraram mãe e filhos quando eu cheguei! Meu marido tinha ornamentado a casa e o jardim com palmeiras; no portão do jardim havia um arco do triunfo e minhas duas filhas estavam ali de pé, com um pequeno cachorro nos braços, o filhote de nossa Moly. “Mama de novo aqui, Mama não embora de novo, Mama não embora de novo!” dizia Meta e não me largava. “Mama, é! Mama, é !”, dizia Clairchen, a pequena levada, e ela está contente quando fala assim. À noite Meta fala sua oração sozinha; mas Clairchen fala “é” para tudo. Mamãe reza: Querido Deus,... “é” fala Clairchen, ... faz-me fiel... “é”... para que eu vá... “é”... etc. Eu ainda não consigo fazer com que ela me repita. O menino balbucia à sua maneira. Quando a gente fala com ele, ele sempre responde e vira a boquinha para todos os lados para emitir sons. Parece que ele terá cabelos escuros, como Clairchen.

Quanto eu ainda teria a contar para vocês! Mas por hoje é suficiente para o meu braço. O começo da noite traz muita coisa consigo: Jantar, dar banho nas crianças (as grandes, pois o pequeno recebe banho de manhã e é lavado à noite.), depois ordenhar as vacas, Meta e Clairchen tomam um potezinho de leite morno da vaca, o que é o jantar delas; e depois há várias coisas para arrumar. Enfim, eu preciso terminar. Amanhã certamente receberei novamente visitas, parentes de nossa Hermine – 7 a 8 pessoas. Se eu puder, escreverei mais num outro dia. Por hoje, Boa Noite e uma muito cordial saudação

a todos. Sua Claire.

Eu não esqueci o aniversário de Meta, mas eu não sabia se poderia escrever novamente; e antes eu não pude escrever, por causa da visita. Uma saudação especial para ela, de Mama, Papa, Meta, Clairchen, Walter Lange.

Meu marido agora recebeu também seu ordenado do Hamburger Verein. Graças a Deus por isso.

Brüderthal, 29 de agosto de 1890

Meus queridos Pais.

Quero logo confessar que me encontro numa disposição bastante ruim, enquanto que a tarde toda já tinha sobre a mesa papel e apetrechos para escrever, e só agora, quando já começa a escurecer bastante, pois são 6 ½ horas, consigo fazê-lo. Mathilde e nosso rapaz estavam na roça para serrar lenha. Nossa pensionista está fazendo um vestido para si e eu tive de talhar e ajudar a costurar.

1ª. Pausa - Não é quase de desistir? Eu lhes mando esta página junto, só para que vejam como eu tenho de arranjar o meu tempo. Veio visita; depois jantar, levar as crianças para a cama, dar-lhes o seu leite etc., e agora logo são 8 horas! E assim me acontece todo dia e, então, à noite vem meu velho e me diz, como hoje novamente: “Só não escreve uma carta muito longa, senão tu ficas sentada a noite toda.”

Mas entrementes eu voltei a ter boa disposição. Meta me fez rir tanto, que me vieram lágrimas aos olhos e, com isso, saíram todos os grilos da cabeça. Como é que as crianças são felizes? E assim nós devemos, ou melhor temos de ficar diante de Deus. Não é isto uma grande graça e amor do Pai Celeste? Desde que eu tenho crianças próprias, isto se torna sempre mais claro e querido para mim; antigamente eu tinha pensado menos nisto.

Nós agora temos bastante o que fazer. Meu marido está sentado à minha frente e fica pensando e pensando em como deveremos organizar nosso horário para dar conta. Na escola recebemos cada vez mais crianças. Estão anunciadas novamente 4 crianças de Itapocu, entre as quais novamente as crianças de Barthol, que então virão todo dia a cavalo. Willy e eu temos de lecionar, ele as classes superiores e eu a classe menor. Além disso ele tem de dar aulas de religião 2 vezes por semana em Itapocu e na Estrada do Sul, cada qual distando 1 ½ horas a cavalo.

Nossa pensionista da cidade tem de receber aulas em matérias separadas, como literatura, gramática, bem como em costura, bordado, culinária etc.

Meta e Clärchen acham que só podem comandar. Se bem que Meta já saiba pedir direitinho, mas Clärchen grita a plenos pulmões, e aí de nós se a fazemos esperar muito. Depois há 5 estômagos de adultos e 2 de crianças para satisfazer, e se eu os deixasse todos roncar de fome, haveria uma bela melodia. A mais impaciente entre eles certamente é Meta. Ela já vem armada de sua colher: “Papa, Mama, almoço, opa ,esa (sopa na mesa)”; e quando nos sentamos, ela rápido põe a colher na mesa, junta as mãozinhas e: “Papa, reza, vem, céu, Amém. Mama, sopa, prato, Meta quer” e já vai estendendo seu prato antes que terminamos nossa oração à mesa. No terreiro há outros estômagos roncando e lá a melodia é um pouco mais violenta e irrequieta e a gente tem de tomar cuidado: as vacas voltaram do pasto, 4 cabeças de gado, que balançam suas cabeças de um lado a outro de modo que suas campainhas batem mais alto. Uma delas até mete os pés dianteiros em sua manjedoura para poder olhar melhor para o paiol, e se demorar demais, elas pulam a cancela e vão elas mesmas até lá. Os dois Bigas esperneiam, relincham e metem suas cabeças pela janela, o que fica especialmente bonito. Não longe deles grunhe o porco, atrás da porta da cozinha mia o gato, e mais exigentes ainda estão aí os galos, com mulher e filhos, 40 a 50 ao todo; os cachorros nos seguem a cada passo ... enfim, tudo quer ser tratado e cada estômago, tanto no terreiro como na casa, parece trazer seu relógio, pois a hora ninguém perde!

Nossa pensionista agora está há 4 semanas conosco e aprendemos a gostar dela, apesar de seu comportamento tempestuoso e nada fino. Apesar de seus 17 anos, ela é a pura filha da natureza e mesmo uma criança, o que é o bom nela. Ela ri e canta, canta e ri; as lágrimas também brotam prontamente, mas somem tão depressa quanto aparecem. O noivo, que foi oficial na Europa e que inicialmente quer fixar residência aqui, é um senhor fino, de quem nos agradamos bastante.

Dia 31. Meu trabalho dessa maneira aumentou bastante, o que eu noto bem; mas eu o faço com gosto e agradeço a Deus que apesar disso estou muito bem. Aliás, muito mais não cai na caixa com isso, embora ela pague pensão integral; por sua causa nós temos de viver um pouco melhor. Eu espe-

ro que, se ela gostar e ela aprender bastante, nós com isso talvez consigamos mais algumas moças e dessa maneira poderíamos abrir um (pequeno) Instituto de Moças!!!. Vocês sabem que eu gosto de ocupar-me com jovens moças. Apesar de eu ficar cada vez mais velha e além de que seria para nós um rendimento a mais, poderíamos talvez com isto ajudar alguns dos irmãos que já estão bastante idosos e que não mais podem bem trabalhar fora, arrumando-lhes um trabalho mais leve. Como, por exemplo, o pobre Irmão Lorenz, que então tentaria iniciar uma padaria, etc. E depois, quanto eu gostaria de levar a essas moças da cidade algo diferente. Elas chamam a atenção de qualquer um, com seu jeito tolo e pouco recatado. Não têm interesse por algo mais elevado e bonito. Só para enfeitar-se e dançar; fora disso não há divertimento no mundo para elas. O pobre novo Pastor não tem uma posição invejável e nós já tínhamos previsto que, para ele, principalmente sem esposa, a tarefa não seria fácil. Ele disse para nós: “Eu fui uma única vez, por ocasião de um casamento, a uma festa em sociedade. Eu tinha esperado que, como os noivos pertenciam às melhores famílias de Joinville, correria tudo decentemente e em ordem. Mas eu estava fundamentalmente enganado e não comparecerei outra vez.” Então ele nos contou o conteúdo do lixo falado pelo noivo, sob aplauso geral; e aliás, aquilo não era nada fino.

O Pastor Kötter nos agradou bastante. Ele é um homem discreto e mesmo assim enérgico, que leva suas obrigações a sério. Esta é a impressão que temos dele até agora. Sua visita nos deu muita alegria. Infelizmente tenho de informar, ao lado disto, algo que há muito vínhamos silenciando, porque não queríamos falar a respeito e sempre tínhamos esperança de que talvez fosse algo passageiro. É que o Pastor Dehmlow se retraiu inteiramente de nós, desde que a vaga na cidade foi oferecida ao meu marido (portanto um pregador da nova irmandade) e não a ele. Suas cartas foram ficando cada vez mais curtas e só de assuntos de trabalho; de sua família não contava mais palavra alguma. Mas nós ainda não desconfiávamos de nada e pensávamos que ele talvez tivesse só pouco tempo, até que finalmente eu lhe escrevi, em tom de brincadeira, que nós mulheres também ainda existimos sobre a terra e gostaríamos de saber algo uma da outra e das crianças. A isto não veio resposta, o que nos chamou a atenção. Aos poucos ele foi se tornando tão irônico, que nós lhe per-

guntamos, por carta, o que ele teria contra nós. E quando passaram a vir somente pequenas respostas, decidimos, meu marido e eu, em vez de ir para S.Bento pela páscoa, viajar para a Estrada da Ilha para lá termos uma conversa de desabafo. A Sra. Pastor estava a mesma para nós, mas ele estava visivelmente diferente e meu marido sofria muito com isso. A conversa realmente teve lugar e durou quase toda uma noite. Sempre de novo ele dizia, com palavras impetuosas: “O Sr. aceitou a vaga sozinho; poderia ter sido dividida entre os 3 Pastores!” Meu marido lhe lembrou como, quando a vaga foi oferecida pela Diretoria a ele (meu marido), este se negara e tinha pedido que a oferecessem ao Pastor Dehmlow, e que quando a Diretoria não concordou com essa proposta, meu marido então, antes de tomar uma decisão, o tinha procurado como único amigo e conselheiro e lhe tinha pedido conselho. A resposta de Pastor Dehmlow, naquela ocasião, tinha sido: “Proceda inteiramente sem tomar qualquer consideração com referência a mim.” A idéia de uma divisão não tinha ocorrido ao meu marido, porquanto isto seria de todo impossível, já que o Pastor Quast reside a uma distância de 2 dias de viagem a cavalo. Além disso, o Pastor Dehmlow muitas vezes antes havia comentado que ele nada queria ter a ver com a cidade. Assim sendo, meu marido aceitou o cargo como que enviado por Deus numa época de dificuldades para nós. Nós lamentamos muito que isto representasse uma preterição ao Pastor Dehmlow, e meu marido pediu mais de uma vez, que, se não lhe queriam transferir a representação na cidade, talvez lhe pudessem dar a de comunidades filiais. Mas tudo em vão e só quando o Sr.Pastor Dehmlow se pronunciou contra, foi que meu marido aceitou e acreditávamos com certeza que o Sr.D. nada queria saber disso. Este era, pois, o motivo. Uma coisa foi se juntando à outra, e a separação foi se aprofundando. Naquela noite nós pedimos que ele acreditasse que, ainda que tenhamos agido sem consideração, o fizéramos sem saber e que por isso ele também o esquecesse (nos perdoasse). Ele nos deu a mão, mas suas últimas palavras nessa oportunidade me chamaram a atenção e eu senti que, certamente, não voltaríamos a ter o antigo relacionamento. Pois ele disse: “Então sejamos novamente os antigos. O Sr. é novamente o Pastor da Selva!”

Porque então ele não podia ser também amigo, quando meu marido estava na cidade? A posição faz alguma diferença nisto? Desde então o relacio-

namento ficou cada vez pior. Meu marido o convidou para vir à inauguração da igreja em Itapocu e fazer o sermão festivo. Ele o negou a nós, e assim também outras tantas. Por sua insistência, meu marido tinha iniciado a livraria, cujo rendimento deveria ser empregado para boas causas. Cada um havia entrado com algum dinheiro. De repente P.D. começou a fazer exigências tais, que meu marido só podia cumprir com muito esforço, como p.ex. arrumar dinheiro em prazo curtíssimo. Além disso o P.D. quer ter tudo o que ele leva da livraria para si e para sua escola, a preço de custo. Enfim, ele age de modo tal, que semana passada meu marido lhe escreveu que não quer mais manter esse negócio em sociedade com ele e pediu que indicasse um prazo no qual deveria devolver-lhe a importância investida. A tal ponto chegamos. De modo geral, temo que ele esteja doente. Na comunidade de sua igreja ele não tem amigos. Ele é tão amargo e grosseiro, que já há 1 ou 2 anos ninguém mais se relaciona com ele. Além disso ele é tido como terrivelmente sovina, o que na verdade eu não creio. Para mim ele continua um mistério. De sua mulher todos têm pena, e eu devo dizer que eu própria desde o começo admirei essa mulher quieta e prestativa e muitas vezes pensei: Sra. P.Dehmlow eu nunca quereria ter-me tornado. Por sorte também não o sou. O Pastor da Selva combina melhor comigo. Ele, isto é, meu marido, com sua maneira calma, conserta muita coisa em que eu me precipito ou exagero. O que Deus faz é bem feito; agradeço a Ele que dispôs as coisas assim.

Domingo, 7 de setembro. Hoje é dia de festa de honra em nossas comunidades na Europa; aqui nós não realmente o celebramos, mas pensamos no assunto. Domingo passado foi nosso aniversário de casamento e então eu fiz panquecas para o café. Infelizmente meu marido esteve fora o dia todo – sermão em Itapocu. Mas as panquecas são gostosas a qualquer hora, principalmente após uma cavalgada como foi aquela a Itapocu, em estradas terríveis e escuridão total, de modo que em caminho meu marido teve de pedir emprestada uma lanterna.

Entrementes chegaram notícias tristes do Uruguay. Aqueles de Itapocu que se haviam deixado convencer por nosso Wagner, escreveram cartas tristes: O Wagner só os tinha enganado e eles pedem dinheiro para poderem vol-

tar. Tudo tinha sido mentira de Wagner. Ele tinha recebido dinheiro por cada família que levava para lá, mas eles se encontravam lá na miséria. Não queriam ainda comprar terra, porque então estariam presos para sempre, pois o terreno lhes custaria 6.000 e teria de ser pago dentro de 6 anos, até então pagando os juros, que não eram pequenos. Enfim, há tanta coisa impossível ligada a isso, que essa pobre gente fica só sempre mais infeliz. Contam que ao próprio Wagner morreram 2 crianças em caminho.

A nova Associação de Hamburgo agora fechou o contrato com o governo. 10 engenheiros já estão aqui há 8 dias, para construir a estrada de ferro, isto é, uma sociedade inglesa assumiu a construção da ferrovia, enquanto a Associação de Hamburgo comprou aqui enormes extensões de terra. Portanto, podemos ter esperança de que tudo vai melhorar.

Há 3 semanas chove aqui; é uma pena, porque é justamente época de plantar. Os caminhos ficaram sem base; possivelmente ainda haverá enchente. Com um clima assim, quase todos estão doentes. Nossa pensionista está de cama e parece que terá febre. Nós estamos com tosse e resfriado. Meta vem a todo momento e fala: “Mama, Meta friado (resfriado), quer lenço.”

Agora tenho de me apressar a terminar. Eu pretendo ir amanhã à cidade para diversas compras, e quero levar a carta comigo. Eu levo junto também uma carta ao Sr. Pastor Robert. Eu agradeço a ele pelo dinheiro para as borboletas; é realmente demais, mas eu fico contente pela caixa da construção de nossa igreja.

Querida Mãe, agradeço mil vezes pelas receitas; também à Tia Ida, Papai e por todas as queridas cartas. Elas são aqui, na selva, um verdadeiro bálsamo para nós. Com muitas saudações de meu marido e minhas, para toda a família e para todos os amigos,

Sua Cl. L.

As manchas e riscos foi Meta quem fez. Enquanto eu levantei por um momento, ela subiu em minha cadeira e, com a pena na mão, queria “escrever”.

Brüderthal, 10 de junho de 1891

Queridos Pais.

O adendo à carta de meu marido não ficará extenso; eu agora dificilmente chego a escrever. Os pedidos que escrevi em minha última carta, agora certamente já quase chegam aos 40, portanto não devo ir longe demais. Mas hoje notei que ainda teria muito proveito em um forro de borracha para as crianças, talvez coberto de pano. Os dois que tenho, infelizmente têm um buraco no meio e não servem mais muito.

Meu maior desejo seria que as coisas mudassem em Brüderthal; nossa posição está bem horrível e se Deus não nos estivesse apoiando, isto aqui não seria mais de suportar. Mas Ele dá ao nosso coração uma certeza tal de que, com o tempo, vai melhorar, que nós não nos desesperamos ao todo com os pares que nos apóiam. São só dois que estão firmemente do nosso lado: um genro de Jarchel e o próprio filho, que casou com nossa Mathilde e em cujo casamento a coisa veio a estourar. Alguns outros certamente também são a nosso favor, mas não têm coragem de se colocar de qualquer lado. Jarchel ainda voltará alguma vez desculpar o caso com a irmandade; mas ele tem uma dura luta a travar com sua ambição e orgulho, pois para ele é horrível que dessa vez justo ele foi o causador e que meu marido tenha relatado tudo para ...(?) . “Por causa desse pouco dançar”, dizem ele e todos os outros também, enquanto que não era realmente o caso, mas sim que meu marido queria ter com eles uma conversa séria e pediu que viessem ter com ele. Mas eles não vieram e acham que “não precisam deixar-se dizer coisa alguma”, e outras coisas ainda piores. Então pedimos ao Jarchel: Vamos ficar unidos, para que o pequeno grupo permaneça firme. Mas ele não consegue deixar dos outros; eles passam mel em sua boca (para falar em alemão) e ele nos deixa sozinhos e aceita conselhos daqueles.. Devo ainda contar algo sobre o casamento? Quero ver se consigo fazê-lo com brevidade, só para que vocês tenham uma idéia geral. Os pais de nossa Mathilde são pessoas pobres e por isso pretendemos que o casamento fosse em Brüderthal. Mas o motivo principal com isto era que se festejasse um casamento como ocorre dentro da irmandade: sem dança. Iriam ser convidados estranhos e eles deveriam ver que também se po-

de ser alegre sem dança. Jarchel pediu que o ajudássemos nisso e por isso nós tínhamos, durante semanas antes, ensaiado com a juventude uma série de coisas bonitas, “sérias e divertidas”, com declamações e cânticos. Alguns dias antes eu ajudei a Irmã Jarchel na cozinha, pois ela não queria passar vexame se viessem pessoas da cidade. Porém o ruim na coisa toda foi que Jarchel (possivelmente por covardia), não podia deixar de seus amigos ateus de Brüderthal e de até convidá-los. Eu considero isto a principal culpa em toda essa questão; se tivéssemos ficado só com os fiéis e os poucos estranhos, teria sido bastante agradável. Mas o demônio havia entrado junto, pois aqueles não podiam suportar que nós, isto é os “Lange”, podíamos organizá-lo com tão diversificadas coisas agradáveis, e que nós podíamos ser assim tão cordialmente unidos com todos. Já perto da noite o filho de Rubin e um outro tinham secretamente ido buscar uma gaita em Itapocu. Ninguém de nós sabia a respeito. E imaginem ainda o atrevimento dessa gente: para isso eles tinham entrado em nosso estábulo e pegado a sela de meu marido, sem dizer uma palavra. Gente que nem se relaciona conosco! Até 12 horas se declamou, tocou e cantou. Então colocamos café com bolo sobre a mesa e nós nos sentamos junto aos noivos e aos velhos. Aos poucos fomos ficando quase sozinhos na sala, isto é, os velhos, o que significa os pais dos noivos e alguns estranhos. Eu comecei a notar algumas coisas que me deixaram desconfortável, levantei e fui para fora, para ver o que iria acontecer, pois, para o caso de a festa se tornar enfadonha, eu ainda tinha alguns quadros vivos em mente. Mas no jardim ficavam todos quietos quando eu passava por grupos isolados, e finalmente buscaram para fora também mesas e cadeiras e, com o maior atrevimento, numa sala fizeram lugar para dançar. Eu fui ter com a Sra. Jarchel e perguntei se eles queriam dançar. “Sim”, respondeu ela secamente. Então eu disse: “Por isso eu me dei tanto trabalho, para poder organizar tudo bem bonito mas sem dança. Se eu tivesse sabido disso, eu não teria participado deste casamento.” Ela nada disse, mas depois fiquei sabendo que, quando ela notou a coisa, falou muito contra, mas apesar de sua oposição não havia conseguido evitá-lo e o Sr. Jarchel também não. Eles tinham sido atropelados pelos seus assim chamados amigos! Só que nós os interpretamos mal, quando entendemos que eles estavam inteiramente de acordo com isso, pois ele, como anfitrião, não

precisaria ter receios e era o único que poderia proibí-lo. Nós nos retiramos sem que eles o impedissem, e os amigos riam e riem ainda agora, quando vêem como foram bem sucedidos. Mas Jarchel ainda não rompeu com eles; ele fica do lado deles, mas eu sei que no coração a situação é outra para ele e acredito que ele voltará! Ele desculpa sua covardia, dizendo que: “a gente precisa tratar as pessoas com carinho”. Sim, isto nós também fazemos e pelo menos rezamos por eles; mas o seu pretenso carinho o leva tão longe, que com eles fala e faz. Nós nunca afastamos alguém de nossa casa, e quando estão em penúria sempre encontram em nós o que querem, porque então vêm a nós. Não poucas vezes me foi quase difícil ver alguns chegarem para pedir conselho ou remédio ou trabalho, alguém que até então só nos havia ofendido de todas as maneiras e de quem eu sabia que, quando saísse da dificuldade, voltaria ao mesmo procedimento. Mas mesmo assim nós superamos tudo e o ajudamos! Queira Deus que em breve ingresse um outro espírito em Brüderthal. Mas eu sei que Ele ainda está de nosso lado. Ele o mostra a nós por todos os lados e nos dá a coragem para não olharmos de todo sem esperança para o futuro.

Agora, porém, mais alguns outros assuntos. No seio de nossa família, na verdade nós temos só alegrias com as crianças. Elas se desenvolvem maravilhosamente, mas dia e noite dão bastante trabalho para a Mamãe.

Nossa pensionista também dá trabalho, mas ela tem boa vontade e nós nos entendemos muito bem com ela. Certamente vocês já sabem que, mais tarde, ela se tornará a Sra. Cônsul aqui. No mês passado aconteceu o noivado oficial. O noivo agora vem freqüentemente em visita e nós aprendemos a admirá-lo e querer-lhe bem cada vez mais. As crianças é que se alegram ainda mais, pois ele sempre traz os bolsos cheios de bombons e chocolate. “Metz vem”, diz Clärchen; “Não”, diz Meta, “Ele se chama Sr.Metz”. Aqui ele se comporta como se estivesse em casa, o que nos agrada.

Minha Mathilde agora foi embora e eu tenho apenas uma menina como ajuda. Com esses preços caros dos alimentos, nós não podemos manter outra pessoa além desta. Por 3 vezes já eu lavei inteiramente sozinha nossa roupa grande, embora hoje os meus dedos estejam todos esfolados com isso; mas

fisicamente eu o agüento, pelo que agradeço a Deus.

Nós realmente temos uma casa com bastante trabalho; mais do que se pensa.

Por hoje tenho de encerrar; estou um pouco sonolenta, pois já é tarde. Peço desculpas pela letra e estilo ruins, mas só agora posso escrever, apressadamente.

Mil saudações,

Sua Clara Lange .

Brüderthal, 26 de dezembro 1892

Queridos Pais.

Se eu quero que uma carta ainda alcance o aniversário de Mamãe, tenho de escrevê-la nos dias de natal. Hoje estamos também passando bem; meu marido saiu para o dia todo, minha empregada também, mas em compensação está aqui a mãe de Philipp, nosso rapaz, e ela fica com as crianças. Dessa maneira posso libertar-me um pouco. Esta semana foi bastante movimentada, uma semana que tão cedo não me sairá da lembrança. Ontem há 8 dias estive em Joinville, para a inauguração dos sinos. Para esta meu marido estava convidado, mas ele não aceitou o convite e ofereceu ao Irmão Wiedmer para ir lá em seu lugar. Mas este não conseguiu um segundo cavalo, para sua mulher, e ficou em casa. Mas quando nossa gente voltou para casa, contaram que o Pastor Quast esteve na cidade e que ele tinha querido levar o Irmão Wiedmer logo junto para cima. Entretanto o Ir.W. tinha decidido ficar até páscoa ainda em Brüderthal, porque ele ainda não tinha recebido notícias da Europa referentes à sua saída daqui. Ele também o havia escrito ao Pastor Quast, mas a carta levou muito tempo a caminho e agora o P.Q. já tinha preparado tudo em Rio Negro para a chegada dele. O Ir.W. queria ir para a Estrada da Ilha para falar com o P.Dehmlow, já que o Pastor Q. estivera lá. Ele cavalgou logo na 3^a.feira com a Irmã W. para lá e eles chegaram de volta já na 4^a.feira à noite e pensavam de imediatamente fazer a bagagem, para cavalgar embora na 6^a.feira, porque nesse meio-tempo teriam chegado as cartas de Papai e do Irmão Richard. Ele disse que o P.Quast dissera que não o consideraria mais um homem, se não mantivesse sua palavra. Mas o Ir.W. já o havia alertado na carta, de que ele não poderia aceitar o cargo, sem notícias da Europa. O Pastor Q. entretanto acha que aqui a gente deve decidir por si mesmo. Na verdade nós ficamos bastante descontentes com o jeito do Pastor Q. e ainda agora achamos que ele foi de uma grande desconsideração contra os Irmãos W., bem como contra nós e Brüderthal. Pois ele exigiu então que os Irmãos W. em um dia arrumassem a bagagem e se despedissem, em seguida fizessem a viagem muito cansativa, passando a noite de natal a caminho, para somente na noite do primeiro dia da festa chegarem a S.Bento. Para nós também não foi fácil,

pois tinha sido publicado no jornal como seriam distribuídos os sermões pelas comunidades; o Ir.Wiedmer tinha organizado e ensaiado uma festa na Estrada do Sul. Enfim, achávamos que ele ainda tinha mais compromissos conosco do que lá em cima. Mas nós não falamos demais, porque não queríamos criar caso: teria parecido como se quiséssemos explorá-lo ainda para nós. Meu marido e eu somente achamos que, na verdade, era insensato da parte do P.Q., achar que, aquele que não agisse somente conforme a sua vontade, não seria então homem. Nossa opinião é de que ele deveria ter enviado um mensageiro a Rio Negro, e somente após o natal, antes do ano novo, apresentar os irmãos W. lá. Como transcorreram esse dia e as 2 noites nesse ambiente, vocês afinal podem bem imaginar.

Para meu marido e para mim a despedida foi terrível, certamente o mais pesado, e sempre nos perguntávamos de novo: Porque? Às vezes eu até teria gostado de clamar: Senhor, isto é injusto! Deverá então tudo em Brüderthal não dar certo? Mas ainda assim, um olhar sobre nossa igrejinha, sobre nossa localidade que definitivamente já progrediu, me deu a convicção de que Deus ainda pretende algo aqui, sim, e que Ele ainda não desistiu de nós. Eu quase quis sugerir ao meu marido: Vamos embora daqui. Um outro talvez consiga melhor servir a Ele aqui. Mas como Deus nos colocou aqui, queremos poder servi-Lo cada vez com maior fidelidade justamente aqui, pois certamente será esta a Sua vontade!

E que pensamentos de Satanás são esses? Eu passei por muitas dificuldades aqui, mas essa partida dos Wiedmers me deixou quase sem ânimo, em relação a Brüderthal e a nós. E meu marido não sente de modo diferente. Quanto ele havia pedido pela vinda de Wiedmer! Como ele havia imaginado o relacionamento? Como tinha querido trabalhar com ele aqui? Verdadeiramente não como o P.Dehmlow desde o início o colocou ao Ir.W., olhando-o de cima para baixo como professor ao nosso lado. Não! Como irmão, de mãos dadas na mesma obra. Quem puder observar nosso relacionamento aqui, compreenderá o quanto nós ansiávamos por Irmãos. Por isso não posso esquecer que foi o Pastor Dehmlow que estragou para nós todo esse relacionamento, colocando para sempre nos Irmãos Wiedmer a desconfiança contra nós. Nós o

sentimos até o final, e sofremos muito com isso, pois exteriormente o relacionamento era bom, mas não o era intimamente. E depois o Ir.W., a quem eu prezo muito, é de casa já de uma natureza desconfiada e sensível, meu marido é muito retraído, e eu demasiadamente o contrário. Talvez essas naturezas tão diferentes não tenham combinado entre si. Mas apesar disso teria sido melhor sem o P.D. Agora acabou. Nós não conservamos mágoa contra o Ir.W. Apesar de tudo tivemos bons momentos juntos.

A Irmã Wiedmer me faz falta, agora que ela não está mais aqui. Ela era boa para nossas crianças. Tia “Hite” era sempre bem-vinda entre elas. O Pastor D. agora escreve novamente bem atencioso. Os dois se sentem muito abatidos pelo clima e estão pensando numa viagem à Europa. Ele escreve até preocupado conosco e me aconselha a tomar pelo menos algumas semanas para descanso, para não ficar muito acabada. Mas intimamente ainda estou tão amargurada contra ele, que não gosto de saber nada da parte dele. E quando, pela manhã, rezamos o “Pai Nosso”, sempre lembro P.D. quando rezo “perdoai-nos os nossos pecados – etc. etc.”, o que para mim é sempre uma luta. Sua mulher e eu gostávamos uma da outra; ela foi uma amiga para mim e eu sei que agora ela igualmente pensa sobre mim como antigamente, mas naturalmente não podíamos mais nos relacionar assim.

4ª.Feira - Ontem e hoje meu marido foi para Jaraguá e levou Philipp consigo. Ontem pela manhã ele queria fazer o sermão lá e depois seguir a picada adiante em direção a Blumenau, onde se estabeleceram muitos novos colonos. Mas também se pode ainda ir a pé até Blumenau; desde aqui são 2 ½ dias de viagem e o caminho está aberto. Meu marido queria, pois, inicialmente visitar os novos colonos e ver se ele poderá manter reuniões lá.

Na verdade aqui se tem contato com diversos tipos de gente, e se Deus não nos protegesse, muitas vezes deveríamos tremer. Meu marido havia me contado a respeito de um colono que vivia bem sozinho, no fundo da floresta, e que depois foi embora. Mais tarde ficamos sabendo que se tratava de um perigoso assassino, fugido da Europa. Meu marido o havia visitado várias vezes

sozinho! Em todo caso, muitas pessoas lá são gente muito rude, tanto, que na Europa não se pode nem fazer idéia. Na Europa, no ambiente culto, eles vivem constrangidos, mas aqui, facilmente a pessoa se solta, mostrando-se como ela é na verdade. Isto já está no clima, que a gente fica fisicamente e infelizmente também espiritualmente bastante enfraquecido. P.Dehmlow foi quem primeiro nos chamou a atenção. Ele agora está a ponto de, conforme nos escreveu da última vez, nunca mais poder ficar sem compressas frias e “Cinta de Netuno”. Meu marido e eu também já o sentimos. Embora meu marido nunca esteja doente e suporte umidade e calor, muitas vezes ele fica infeliz por não poder continuar estudando, etc. Até mesmo P.Quast me disse que ele, aqui embaixo, com sua saúde de ferro, não poderia produzir o que produz lá em cima.

A querida festa de natal novamente já passou. Meta gostou tanto, que já pergunta com freqüência, se não vai ser natal novamente em breve. Nossa festa de natal neste ano foi diferente. Como nossa sala em casa era muito pequena para abrigar as muitas pessoas e a árvore de natal, enfeitamos para isso o nosso jardim. E como ele ficou bonito! A grande e bem crescida árvore da vida, orgulho de meu marido e tão alta quanto a casa, estava toda enfeitada de luzes coloridas e lanternas, que se destacavam maravilhosamente contra o verde escuro da árvore e coloriam os ramos em cores diversas. O local estava todo contornado com palmeiras, as quais havíamos, ao alto por cima das cabeças, ligado umas às outras com cipós. Nestes eram penduradas as lanternas que as pessoas traziam consigo. Deus providenciou luzinhas viajantes, ou sejam, vagalumes que, atraídos pela luz, voavam em torno ou acima de nós. Na entrada, sobre o portão, meu marido tinha pendurado uma estrela iluminada. Eu não sei se vocês conhecem esse tipo de estrelas, com raios feitos em diversas cores. A 2 passos da árvore estava a mesa litúrgica, coberta de branco e enfeitada de flores. Mas o mais luminoso era, no meio da multidão, o rostinho das crianças atrás de suas luzes coloridas. A solenidade do momento, bem como a alegria, também para elas foram tão intensas, que a gente não se cansava de olhar. Ainda agora me vêm lágrimas de emoção aos olhos, quando lembro de um pequeno e robusto menino de Itapocú, que, com seus grandes olhos escuros, olhava a árvore como se não mais quisesse deixá-la e ficava retinho aí, segurando na mão sua luzinha acesa que iluminava o bonito rosto, como se não

mais pertencesse a este mundo. Como gostaríamos de poder proporcionar a alegria de uma festa dessas também às crianças em Itapocu e em Jaraguá! A maioria deles não tem nada além de serem levados junto à dança. E que coisas eles aí estarão vendo!

Neste ano houve festa cristã de natal também na Estrada do Sul. O Irmão Wiedmer ainda tinha ensaiado com eles diversas coisas. No primeiro dia do feriado choveu muito, mas mesmo assim chegaram muitos participantes de fora. Após o sermão houve celebração do casamento de uma Irmã Pitschmann com um jovem de uma estrada vizinha, e ao mesmo tempo as bodas de prata dos pais da noiva. Meu marido chamou os dois casais para a frente, para receberem a bênção. Depois, um carro veio buscar-nos para a festa do casamento. A festa transcorreu bem agradável e séria, à maneira cristã, com brincadeiras permitidas e cantos alegres. Meu marido e eu voltamos realmente bem contentes.

Agora recebemos notícias sobre o espólio de Louisa; as cópias do testamento e também do inventário me foram enviadas. Está claro que muito não vai sobrar para mim, após a distribuição dos legados e custas judiciais, mas eu agradeço a Deus pelo que houver.

Em dinheiro vivo a herança comporta somente 7.700 Marcos; depois a casa, que está avaliada somente em 5.000 M. e os móveis e utensílios em 6.320 M. Disso irão em legados, conforme testamento, para sua afilhada filha do Conselheiro do Tribunal de Justiça Sr. Kalb, 2000 M., um relógio de ouro com corrente, suas jóias de ouro constantes de pulseira, broche e brincos - Para Tia Heloise Jacot 1000 M., - Mathilde, Jeanne e Arnold cada um 300 M. Além disso, parece que Louisa ultimamente tinha a intenção de mudar seu testamento em favor de Jeanne. Ao que parece, Louisa calculou sua fortuna em 25.000 M. quando fez seu testamento, e também eu me lembro de que, naquela vez, ela me disse que o calculava em aproximadamente 30.000 M. Desde então, aliás, ela também viveu do capital. A Sra. v. Steinheil me escreveu que Louisa tinha prometido um legado maior à filha do Conelheiro do Tribunal de Justiça. Louisa tinha-me falado bastante do Sr. Kalb, seu cunhado, mas nunca muito positivamente. Também no testamento ela determina como condição, que o pai da cri-

ança nada devia ter a ver com o assunto, etc. Após sua morte, parece que ele se comunicou com Steinheil em Munique, dizendo que ainda teria com ela algumas coisas que lhe pertenciam. Os Steinheil as enviaram para ele. Baseada no que contava Louisa, eu não confio muito nele. Minhas intenções são: Enviar para minha irmã Jeanne, além dos 300 M. mais 700 M, e distribuir os sapatos, roupas de inverno etc. às duas irmãs. Está bem assim? Depois, para Maria, sua fiel servidora, e aos Lachert, que cuidaram tão bem dela de graça durante o inverno, enviar 100 M. a cada um. E ainda, conforme me escreve a Sra. Steinheil, existe ainda uma porção de cestinhos, vasos, caixas bonitinhas, etc., que podem ser distribuídos como lembrança entre as amigas. O Príncipe Ludvig quer comprar a casa e uma parte do equipamento! Isto seria muito agradável. Do equipamento eu quero mandar vir para cá: as camas, a roupa, alguns vestidos, o piano, a cômoda, 1 ou 2 armários, livros, escrivaninha, máquina de costura. Esta última, porque então eu quero dar a minha a uma mulher pobre daqui. As camas e roupa me serão bem-vindas! Eu descobri, com susto, que em breve teria de comprar novas, e isto aqui não dá para pagar. Dos objetos de valor (jóias etc. – a parte principal então ela deixou para sua afilhada), ainda fica um relógio de ouro de homens; se for possível, eu gostaria de trocá-lo por uma corrente de ouro, pois eu agora já tenho 2 relógios de ouro. As coisas de prata (talheres etc.) eu vou mandar vir para cá.

Mas agora eu quero encerrar, por hoje. A cabeça me dói e de modo geral ainda não estou boa. As semanas em que as crianças estiveram doentes, com aquelas noites ruins, me abateram bastante. A cabeça está sempre zozua e as pernas não querem mais ir adiante, ao que se junta o calor! Até parece que eu peguei novamente a doença brasileira, o que porém não poderia acontecer. O que eu farei, com minhas 4 criancinhas? Deus certamente ajudará adiante!

As crianças estão melhor, com exceção de Rudolf, que ainda tosse muito. Ainda assim ele é um menino tão quieto e comportado, como existem poucos. Meta esteve tão doente, que nós quase pensamos que iríamos perdê-la; agora ela novamente come para ter saúde. Clärchen e Walter, todos ficaram de rosto fino e magros.

Nossa boa mãe em Berlin quer enviar-nos algum reforço para que eu possa manter uma babá. Tenho dificuldades em aceitá-lo, mas ainda assim é um grande alívio para mim. Então eu não contratarei uma babá, mas mandarei lavar fora de casa a roupa grande e pegarei, uma vez ou outra, uma mulher para ajudar.

Também, eu comprei algumas garrafas de vinho. As crianças o tomam como remédio, a colheradas. Isto aqui é o melhor contra a doença brasileira, que aqui está sempre à espreita na porta e ameaça entrar após cada doença. Quantas vítimas ela já tem feito!

Pelo aniversário de Mamãe eu desejo a ela, de todo o coração, a bênção de Deus! Nós pensaremos nela! Do livro de aniversários lemos toda manhã o nome dos aniversariantes! É um costume bonito, que eu aprendi com vocês!

Nossa igreja já tem telhado; a cúpula interna também está pronta! Nós esperamos poder fazer a inauguração em fevereiro. Nós encomendamos, com o Ir. Wiedmer, mais retratos da família. Ficaremos contentes se eles agradarem a vocês. Então vocês imaginaram as crianças mais com jeito de selva? Todos se admiram assim. Apesar disso elas costumam andar descalças, trepando e brincando por aí, correndo como se fossem pequenos selvagens. A Meta faz carambotas no relvado, anda sobre as mãos enquanto manda a irmã segurar-lhe os pés, como um menino. Eu as deixo fazer algazarra por aí à vontade, enquanto elas o puderem. Pelo natal houve grande alegria, quando o Ir. Neitsch nos surpreendeu com um cavalo de balanço. Eu muitas vezes o havia desejado para as crianças, mas era um gasto demasiado para nós, pois não se conseguiria algum abaixo de 70 Marcos.

Para cada uma das meninas eu havia vestido uma pequena boneca, das bem simples de 22 cm de altura e cabeça de porcelana, mas que já custaram 1 ½ ou 3 Marcos; para Walter um pequeno cavalo. A alegria das crianças foi grande. Walter, de pijama, sentou-se logo sobre o cavalo de balanço; e Meta, depois das 12 horas, falou de sua cama que queria colocar uma sela sobre o cavalo e cavalgar para bem longe. Pelo natal eu tive de comprar as primeiras roupas para elas. Até agora pude vesti-las com presentes vindos da Europa e

com coisas feitas de roupas velhas minhas. Os modelos eu sempre tirei das roupas que vocês e os parentes enviaram, e por isso elas se apresentam vestidas tão modernas. Porque eu não haveria de usar um corte moderno, ao fazer um vestido, quando custa a mesma coisa? Para Walter estou algo indecisa, mas a Sra.Dr.Fritz certamente me ajudará com um molde da roupa de seu menino. Mas por um tempo ele ainda poderá usar camisa; só o Papai está impaciente quanto a isso e quer já ver o pequeno guri como um homem.

Agora já estou demasiado agitada para escrever, pois é hora em que aguardo a chegada de meu bom marido. Eu já não agüento mais e a todo instante corro para a janela. Por isso vou deixar da carta, até hoje à noite.

30 de dezembro. Quanto ao escrever ainda naquela mesma noite, não deu certo. Meu marido chegou bastante tarde, porque em caminho foi abordado para ver uma criança doente, e quando tínhamos jantado, chegou visita.

Ontem de manhã ele fez suas contas, tão bem quanto deu, com as constantes interrupções e o grande calor; e à tarde teve de cavalgar até Itapocu, para um sepultamento. Quando ele voltou, já estava sendo aguardado para visitar um doente, de modo que, sem jantar, ele logo teve de montar novamente a cavalo. Voltou às 10 horas da noite. Agora é novamente um tempo cheio de doenças, e acontece que meu marido é tanto médico como pastor.

De sua viagem a Jaraguá e estrada de Blumenau ele voltou bastante contente. Umas 300 famílias novas se estabeleceram por lá, e parecem não estar indiferentes interiormente. Pelo menos eles pediram ao meu marido para, naqueles dias, fazer-lhes sermões e dar a santa ceia. Foram inscritos 7 casamentos e também batizados. Eu acho que meu marido quer descrever o assunto no “Herrenhut”, de modo que eu não preciso descrevê-lo mais para vocês.

Nesses dias ficamos um pouco inquietos com a notícia de que o Damásio, o assim chamado capitão de bugres, que meu marido havia casado há uns 5 ½ anos, ocasião em que nós pernoitamos em seu barraco, esteve olhando alguns lotes de terra aqui e que está querendo estabelecer-se em Brüderthal,

para instalar uma “venda”. Vocês sabem que ele é tido como um criminoso. Além disso, desde então foram contadas histórias bastante sujas a seu respeito, sobre assassinato e trapaça entre os negros. Ao que parece a situação para ele agora ficou impossível entre eles e agora quer vir para cá. Em frente a nós, a terra não nos pertence, com exceção de alguns lotes que meu marido e outros reservaram para si. Agora parece que ele está de olho num lote diretamente na nossa maior proximidade, que meu marido tinha mandado anotar para si. Quando isto lhe foi falado, ele teria dito que tem muito dinheiro e que certamente o conseguiria. Ele mandou sua mulher à cidade para falar com o Diretor Brustlein. Esse falou algo de que meu marido tinha reservado o lugar para si.

Então ontem a mulher veio aqui, quando meu marido não estava, e disse que, se nós não quiséssemos ceder-lhes o lugar, eles teriam que pegar aquele dos Wiedmer, porque eles queriam vir para cá. Eu disse a ela também, que Rubin também tinha a intenção de iniciar uma “venda”. “Não faz mal”, disse ela, “nós daremos jeito”. Enfim, eles parecem querer vir para cá a todo custo e acham que, com seu dinheiro, poderão conseguir tudo o que quiserem. Mas os de Brüderthal querem procurar com toda energia mantê-los longe, pois, independente do fato de constar ser ele um trapaceiro etc. de quem todos têm medo, uma “venda” brasileira desse tipo, com domingueiras, bebedeiras e barulho, não seria agradável aqui. Nós não sabemos como ele agora está em relação aos bugres, pois ele é terrivelmente misterioso.

2 de janeiro 1893. Mas hoje eu escrevo pela última vez nesta carta, senão ela não sai. Nós estamos com um grande calor e eu estou sentada no corredor semi-escuro da casa, porque não o agüento bem em nenhum outro lugar. Agora já passou também a festa de ano novo. Meu marido e eu desta vez estávamos tão alegres com relação à nossa comunidade, como certamente em nenhum ano antes, e de todo coração podemos agradecer a Deus, que foi tão generoso. Com exceção de algumas coisas insignificantes, não houve brigas; a construção exterior de nossa igreja está pronta, tão bonita que todos os olhares dos participantes podem pousar sobre ela com orgulho; exteriormente as pessoas em geral progrediram muito, com exceção de 2 famílias que provavelmente

te sempre ficarão algo atrás, mas que também não passaram fome. Pelo sermão de ano novo pudemos ver tantos amigos conosco, como nunca antes. Também da Estrada do Sul, de Itapocu e de Jaraguá vieram pessoas, de condução ou caminhando em longas fileiras. Alguns, das comunidades vizinhas, compraram nosso livro de cânticos da Irmandade. Seria então um milagre que nossos corações estivessem tão alegres? E vocês podem imaginar que agradecemos a Deus de todo coração.

Ontem, porém, estávamos todos preocupados com o filho de 20 anos de Jarchel: Quando jantávamos, mais uma vez sob as luzes acesas da árvore de natal, depois de termos recebido visitas queridas durante todo o dia, vieram um após o outro 2 mensageiros dos Jarchel e buscaram meu marido para atender o Franz. Este tinha tido a “Influenza”, mas tinha sido imprudente e saído cedo demais, para o sermão de manhã cedo, naquele calor. Agora quase não dava mais para segurá-lo. Meu marido cavalgou logo para lá, mas voltou só pela manhã. Havia-se instalado uma meningite. Quatro homens quase não conseguiam segurar o jovem, que estava muito agitado na mais alta febre. Finalmente, após muitas horas, os remédios e as compressas frias nos pés fizeram efeito, e o doente começou a dormir mais tranqüilo. Louvado seja Deus, Quem unicamente indicou ao meu marido a medicação certa. Nós esperamos que agora o pior tenha sido superado.

Hoje, no entanto, já vieram pessoas de Itapocu e da Estrada do Sul procurando remédios. Por todos os lados reina a “influenza” e a febre; principalmente as crianças são atacadas. Mas Deus ajuda a superar, em todos os lados. Até agora morreu da “influenza” apenas uma criança pequena em Itapocu, além de uma outra que já estava há muito tempo com a doença brasileira.

Nossas crianças estão melhor, com exceção do menor, que ainda tem muita tosse. Mas com tudo isso ele tem os olhos tão vivos, que todos se admiram a respeito. Elas brincam ativamente com os brinquedos do natal. Antes do natal eu mandei que elas juntassem os brinquedos quebrados e lhes disse que, no final, viria o Menino Jesus para buscá-los e colocá-los novamente em ordem. Mas infelizmente o eixo de um dos carrinhos quebrou novamente, e aí a Clärchen falou, com rostinho bem pensativo: “Isto Deus não fez forte que che-

ga”.

Agora, grandes e pequenos agradecem mais uma vez aos Pais e à Tia Meta, pelos presentes na caixa de poupança. Aliás, os pequenos ainda não sabem avaliar tão bem quanto nós velhos, mas certamente virá um tempo em que eles agradecerão posteriormente. Agora ainda uma saudação cordial a toda a família e a todos os amigos.

Seus Clara e Wilhelm Lange.

(Brusque) Sábado de Páscoa, 1900

Queridos Pais.

Se vocês repararem na data de minha carta, certamente se admirarão de como eu, uma dona de casa alemã, me sento hoje, ainda por cima de manhã, para escrever. Vocês pensarão que eu me tornei uma das brasileiras legítimas, que o ano todo não se preocupam com a manutenção da casa, enquanto seus maridos lhes fazem o café de manhã cedo e os quais também cuidam das crianças. Uma brasileira assim na verdade não se preocupa, pois a gente as vê em geral a qualquer hora do dia de braços cruzados, sentadas à janela, olhando para o mundo. No inverno ficam acocoradas junto ao fogo e de tempos em tempos empurram um pedaço de lenha, abrem cá e lá a panela de feijão, com um olhar de seus olhos escuros examinam a sopa escura espartana, fecham a panela com a mesma indiferença e voltam a olhar sonhadoras para dentro do fogo.

A brasileira comum não procede de modo diferente. O cabelo, que geralmente é lindo, preto escuro e um pouco ondulado, só é arrumado quando alguma vez tem de sair ou quando espera visita. Avental é coisa que uma mulher assim não conhece. Uma descuidada saia longa lhes pende sobre as pernas e é usada tanto tempo, até que se acabe em trapos. Assim também uma blusa solta, restos de antigo esplendor. Envolta nesses farrapos, uma brasileira se movimenta como uma rainha, em porte e movimentos, em seu ambiente caseiro, superior a tudo e soberba como se nada lhe importasse. Apesar dessa despreocupação, elas envelhecem cedo e o rosto se cobre muito cedo com uma infinidade de rugas. A mim sempre provoca riso o seu ar de importância, quando elas se visitam mutuamente. E ainda mais, como se parece uma sociedade de tais brasileiras? Elas aparecem altamente enfeitadas, cheias de rendas e fitas sobre cores berrantes. Após os primeiros cumprimentos, em que elas se abraçam muito cerimoniosamente, encostando rosto em rosto, com beijos no ar e 3 tapinhas nos ombros, sentam-se rígidas como estátuas de mármore, sobre os bancos ou cadeiras quando estes existem, rente às paredes da sala, e se olham umas às outras, trocando vez por outra um sorriso cheio de dignidade. Assim elas podem permanecer por horas, de tempos em tempos

passando uma bandeja com bolo, onde cada pedaço está provido de um palito e naturalmente se precisa pegá-lo pelo palito. Com isto é servido um cálice de licor ou de vinho. Mas se é servido mate, é passada em redor uma xícara, dentro da qual está colocado um tubinho (bomba), pelo qual cada um – hóspede e anfitrião, homens e mulheres – sorve alguns goles da bebida e a passa adiante. Mas eles o levam muito a mal se a gente se recusa a participar. É um costume bastante inapetitoso, do qual eu nunca quero participar; e nós ficamos muito admirados ao ouvir do Pastor Runte, que nossos colegas no Rio Grande aderiram a esse costume. Mas chega de falar sobre os brasileiros. Eu sempre me estendo demais.

Nós estamos preparando a festa de páscoa. Minha gamela de amassar, que não é pequena, está cheia da mais linda e dourada massa, que cresce tanto, que o fogo no forno não queima suficientemente depressa. Alguns pães bonitos eu já tirei, desta vez pão de trigo e fermento; senão eu os faço com massa de fubá, batatas e massa azeda. Nossas pensionistas, exceto duas, ficaram aqui pelas férias e agora estão cuidando de limpar cuidadosamente as salas de aula e dormitório. Meu dia de faxina foi na quarta-feira e hoje só limpei repassando.

Meta está consertando a saia que ela rasgou quarta-feira, ao descer de uma árvore. Walter capinou em redor da casa e agora está escrevendo ao coelho da páscoa para colocar ovos. Os menores fizeram ninhos, que eles espalham por todo o jardim e no pasto. Nós temos 8 dias de férias e, tão pequena como é a folga, ainda assim ela é boa para nós.

Grandes preparativos estão sendo feitos na praça da cidade, para a festa dos atiradores, no 2º. dia de páscoa. Estão anunciados muitos convidados, mas aqui em cima nós não notamos muito dessa atividade. Eu tenho meu pequeno mundo para mim, e este já dá bastante trabalho. Só que ontem nosso Walter viu um carrossel, em que ficou encantado com os cavalos e as raposas e agora vive pedindo para deixá-lo cavalgar neles uma vez.

Há algumas semanas tivemos a visita do Cônsul Geral. Ele tinha vindo a pedido de meu marido para visitar Brusque, ou como ele dizia brincando aos

senhores: “Neste calor eu não teria viajado; mas quando o senhor, Pastor, me escreveu uma carta tão urgente, lembrando-me de que eu negligencieei Brusque, então eu não podia deixar de vir”. (Meu marido queria conseguir, através dele, uma subvenção do governo alemão, porquanto nossa escola de 80 crianças não pode ser atendida por um único professor. Blumenau e Joinville também têm apoio.) Em todo caso ele gostou muito de Brusque, principalmente de nossa igreja e casa pastoral. Ele esteve uma noite conosco, com o Sr. Guilherme Renaux e com o Dr. É um senhor muito agradável, de fina cultura e que entende de contar piadas finas. Mas sabe avaliar as pessoas admiravelmente e com muito acerto, e fazê-las entender, de alguma maneira educada, que ele captou seu modo de ser. Por exemplo Carlos Renaux e seu palácio com seu “harém”, isto é, com a coleção de figuras que tem sobre sua casa; ou com relação à iluminação de acetileno que aqui sai tão cara; e isto tudo com dinheiro de outros. – É, isto me faz falar sobre Carlos Renaux. Aqui entre nós, nós tememos por ele; como irá ele terminar? Ele toma providências que lhe custam “contos”, com um luxo na casa como se vê nas maiores cidades. – Se isto fosse para a fábrica a gente veria uma finalidade, mas esse luxo só para si! Somente para colocar as cortinas, ele manda vir de Blumenau, por 14 dias, um marceneiro artístico. Diversos espelhos por 200 mil réis cada. Manda vir da Europa luxuosos medalhões e quadros. Móveis artísticos!! – E dentro de casa ele torna um inferno a vida de sua mulher, simples mas muito querida. Seus filhos tremem diante dele. De seu irmão Wilhelm, que durante sua ausência tinha introduzido na casa diversos hábitos piedosos, ele debocha, despreza, embora o mesmo seja bastante mais velho do que ele. Não coloca em ordem seus papéis sobre o dinheiro que ele tinha aplicado na fábrica “sob confiança” do irmão. Quando ele veio da Europa, todos pensavam que ele tinha se tornado melhor, mas agora ele está pior do que nunca. O irmão Wilhelm vem se abrir com meu marido; inicialmente ele queria voltar para a Europa, mas agora decidiu ficar, por causa da família, para estar presente em caso de necessidade. – Sem querer, quando vejo isto, lembro-me do Rei da Bavária! Nós não podemos nos queixar, pois ele sempre ainda nos trata atenciosamente, mas nós nos retraímos, para não deixar sua mulher e seu irmão em situação desagradável. Mas os dois observam o dispêndio, tremendo assustados.

Os filhos são bastante familiares conosco. Eles se encontram com os nossos na escola e fora dela. Que Deus ajude aqui! Pessoas nada mais podem fazer. Pode acontecer que alguma vez o Wilhelm Renaux viaje para a Europa; então nós escreveremos a vocês, e vocês o poderão perguntar a ele, o qual é um senhor muito simpático que se atém à igreja e odeia as loucuras do mundo. Ele é padrinho de Hilda.

Nosso Dr. Segl vai nos deixar. Ele não consegue aqui seu sustento, apesar de ser um médico muito eficiente. Existem charlatões demais, e onde eles não conseguem mais agir, como em operações etc., então buscam o médico. Nós estamos perdendo não só o médico, mas também um fiel amigo da família, que combina muito com meu marido em sua maneira de ser. Ele é católico e o Padre Eising trabalhou muito contra ele, porque ele era amigo de meu marido. O Dr. S. volta para a Europa; ele é da Bavária. Para todos os casos nós demos a ele o endereço de vocês, para que ele possa uma vez visitá-los caso venha a estar por perto.

Nós temos em casa agora 7 pensionistas, além de 8 externos como alunos particulares. Minha velha cabeça às vezes fica toda confusa, mas aí no meio sempre volta a ficar tudo bem, e eu tenho saúde. Eu tenho uma empregada (agora uma bem diligente) e uma babá, mas eu tenho que estar sempre em tudo e ajudar com preocupação, quando as jovens cabeças esquecem tudo. Às vezes corro até minha pequena Hilda e, para tê-la um pouco comigo aí no meio do serviço, levo-a comigo quando tenho de dar uma olhada na cozinha ou no terreiro. Ela é mesmo muito querida, e onde ela me vê, estende os bracinhos para mim com um rostinho tão irresistivelmente querido, que eu tenho de pegá-la. Seu pequeno berço está ao lado de minha cama. De manhã cedo quando ela acorda, depois de sempre ter dormido a noite toda, ela me dá sua mão através da grade e me conta uma série de estórias de ai, ai, ba, ba, vau, vau! Isso soa tão doce e amoroso, mais lindo do que a mais linda das canções, que só a mãe entende. E ainda que o papai faça como se quisesse reclamar da perturbação matutina, ele próprio gosta tanto de ouvi-la, que nem gosta de perder essa fala. Nós conhecemos nosso papai !!

19 de abril 1900. Os dias de festa já passaram e nós estamos contentes que tudo tenha voltado à antiga ordem. Somente ainda um pouco de bolo sobrou, e este eu tenho de transformar em torradas, pois agora o pão novamente nos agrada melhor do que o bolo. Agora aqui em casa novamente se ensaia, estuda, trabalha; uma vida que às vezes se torna cansativa para a gente. Às vezes ansiamos por sossego, por uma vida tranqüila sozinhos com nossas crianças, pois estas definitivamente acabam pouco atendidas com tudo isso, como quando Meta ou Clärchen vêm a mim com um trabalho manual querendo bordar ou costurar algo e eu tenho de mandá-las embora porque tenho trabalhos com as pensionistas. Mas nós primeiro temos de conseguir pagar as dívidas do morro de café. No primeiro trimestre passado tivemos um superávit de 150 mil réis. Como seria bom se pudéssemos guardá-los como economia! Vocês se admirarão se eu lhes contar que temos em casa, como pensionista, Anna Engelmann, a filha do Engelmann de Brüderthal. Por causa dela ele esteve em grande constrangimento; sua mulher morreu há alguns meses, e essa Anna pegou o hábito de beber, na casa comercial. Agora ele pediu que nós a levássemos para nossa casa, onde ela não teria mais oportunidade para isso. Nós antes pensamos muito no assunto, mas não queremos recusá-lo a ele, porque foi ele quem o pediu. Mas quando olho para a moça, me vêm uma porção de lembranças! Temos uma outra moça, de Desterro, uma cabeça-de-vento com a qual os pais não sabiam mais o que fazer. No começo quase duvidamos, mas agora ela já está bem melhor e já se tornou bastante dócil.

Pela páscoa tivemos as filhas dos Jensen de visita, as quais foram nossas pensionistas – moças maravilhosas, que são cobiçadas de todos os lados... certamente também por causa dos muitos “contos de réis”, mas que apesar disso permaneceram simples e familiares conosco. As mães dos filhos casadouros, das primeiras famílias, queriam muito poder hospedá-las: os Krieger, v.Buettner, etc. ... Assim certamente ocorre no mundo todo: De todos os lados se fica de olho no dinheiro. Com nossas filhas nós não corremos esse perigo, mas é bom que a gente saiba com quem se trata.

Mas agora vou encerrar. Agradeço sinceramente a querida carta de vocês. Como é bom, quando eu reconheço a querida letra de vocês no endereço!

Muito obrigada também à fiel Tia Ida. Em anexo, um cartão que Meta pintou para o aniversário de Tia Meta.

29 de abril. Eu achei que meu marido hoje ainda poderia escrever algo a vocês, mas ele está com dor de cabeça, do que nas últimas semanas está sofrendo forte e com frequência. –

Espero que Meta em breve fique com boa saúde novamente. O repouso na pátria certamente lhe fará bem. Meus pensamentos estão muito com ela e com vocês!

(De repente meu marido está ditando, de lá de sua cadeira de dores – “Escreve aos teus pais, que mulher tu és, que dificuldade passo contigo, mas que na verdade estou bem contente.”) Depois disso, parece que ele melhorou e por isso quero suportar com gosto a brincadeira. Mas por isso ele pode continuar a escrever a carta. Portanto, com ainda sinceros votos de felicidades e bênçãos pelo aniversário de Papai, quero encerrar por hoje, para, se houver tempo, escrever ainda também pelo aniversário de Mamãe.

Carinhosas saudações a vocês todos,

Sua Cl. L.

P.S. – Papai pergunta se estamos tomando interesse na guerra. E como! Até feridos houve na família! - As crianças viram, pendurado em uma árvore, um ninho de marimbondos. “Isso são os ingleses” disseram elas, “e nós somos os “Buren” “; e passaram a bater neles com varas, até enxotar os “ingleses”. Mas depois Clärchen teve de ficar três dias de cama, com um olho inchado.

=====

Brusque, 7 de janeiro 1905

(Recebida em 19 de fevereiro)

(Respondida em 28 de fevereiro 05)

Querida Mãe.

Natal e ano novo passaram. Nós passamos os feriados com saúde e pensamos muito em vocês. Desta vez, aliás, eu não estive em casa pelo ano novo. A Sra. von Büttner havia me convidado para fazer com ela uma viagem de carro a Joinville. Nosso grupo de viagem constava, além da Sra. v.B., ainda de 2 filhas, uma delas com seu marido Dr.Castilho, e minha insignificância. Foi uma tournée interessante, se bem que bastante cansativa e fisicamente esforçante, de modo que para meus nervos foi fortificante. 3 ½ dias de ida, 3 ½ dias de volta e 4 dias em Joinville. Até Brüderthal eu não pude ir, nesses poucos dias. Mais tarde contarei mais sobre isso!

A finalidade desta carta é, agora, pedir-lhes que, quando nosso cunhado Paul Lange lhes escrever de Potsdam a respeito, vocês queiram, por bondade, enviar a ele o dinheiro que Meta tem na poupança em Neuchâtel; remeter a ele por ocasião da viagem dela à Europa.

A Vovó de 85 anos pede que ainda lhe façamos essa alegria. Nós pensamos muito no assunto. Para nós não é fácil, especialmente para mim, ter de dispensá-la, e todo dia pedi a Deus que nos mostrasse se isto é também de Sua vontade. Mas os caminhos parecem abrir-se sempre mais. Naturalmente nós não podemos pagar a viagem. Em Berlim ela tem 500 Marcos; a isto se juntarão, por ocasião da viagem, 100 Marcos de um bom amigo que não quer ser mencionado e cujo nome nós também não conhecemos, que foram enviados à Vovó. Como filha de Pastor ela tem abatimento no preço do Rio para Hamburgo, e daqui para o Rio um amigo nosso, um capitão, a levará de graça. Ele mandará junto também sua filha e quer dar as duas moças aos cuidados de um capitão, recomendando-as pela viagem dali em diante. Em Hamburgo reside um irmão desse capitão, que receberá as meninas em sua família, até que um irmão de meu marido as busque de lá. Lá a Vovó cuidará da mesada.

Eu aqui não lhe estou fazendo um “guarda-roupa” novo; ela leva consigo só o que precisa para a viagem, já que lá tudo é mais barato e melhor.

Mas nós queremos que na Europa nossa Meta não perca seu tempo e mantenha em mente que deve lá instruir-se mais, para que aqui possa tornar-se independente. Em Berlim ela terá oportunidade de instruir-se em ciências pelo menos tanto, que possa participar a atuar na escola e também em tocar piano. Ela teve muito pouca oportunidade de desenvolver-se, porque eu precisei muito dela nos serviços de casa. Infelizmente eu tenho de ajudar a ganhar dinheiro, e, para meu grande pesar, meus filhos acabam ficando prejudicados. O que nós ensinamos e mostramos aos filhos de outros, não podemos proporcionar aos nossos próprios filhos. Isto não é triste e desanimante para nós pais?

Agora eu queria lhes pedir, principalmente a Elisabeth: Vocês poderiam receber minha filha por 2 meses e cuidar dela, e ajudá-la a praticar harmônio, para que futuramente possa tocar aqui na igreja? Eu acredito e espero que ela não lhes dê preocupações; ela é diligente e boa, e também obediente. É bom que ela possa, pelo menos durante um ano, com toda calma aprender a se movimentar em casa, pois na verdade ela sempre foi induzida à pressa e vocês notarão em todos os trabalhos uma certa afobação que a impede de executar os mesmos com toda perfeição. Infelizmente, em parte isto é uma herança da mãe e em parte as circunstâncias o trouxeram consigo.

Meu marido está muito atacado. Para ele seria melhor se pudesse deixar da escola pelo menos por ½ ano. Mas isso não é possível e por isso temos de pedir a Deus que dê saúde a ele e a mim, para que possamos fazer o nosso trabalho até que os filhos possam manter-se a si mesmos.

Por hoje tenho de terminar; eu tenho pouco tempo. Eu tive uma lavação bem volumosa. Nós temos uma moça de visita, uma antiga aluna, de modo que tenho de envolver a Meta. E meu marido quer que eu o acompanhe amanhã a Tijucas. Portanto esta carta será apenas pequena, somente uma consulta.

A bênção de Deus pelo novo ano para todos vocês e a cada um em particular. Eu não esqueço nome algum em minhas orações.

Recomendando-nos a Deus, seus agradecidos

Cl. e W. Lange e filhos.

P.S. – Meu marido lhes pede para, de todo modo, enviar o dinheiro ao seu irmão Paul Lange – Professor – Orfanato Civil – Potsdam.

Pelo natal Meta me presenteou com uma moldura pirografada, para a fotografia do querido Papai. Esta agora está sobre o piano, de modo que eu o tenho sempre diante de mim, já que tenho de dar muitas aulas de piano.

Brusque, 28 de março 1905

Querida Mamãe e Tia Ida.

Vocês novamente me colocaram água na boca, com sua carta, querida e longa, que recebi após tanto tempo. Eu quero receber novas notícias de vocês e por isso venho novamente mendigar, bem ao jeito de mendigos, incansavelmente, ainda que seja só por um pouco. Eu acredito que entrementes vocês receberam minha carta e espero que a mesma encontrou a todos vocês com saúde, Tia Ida novamente fortalecida. Agora, na primavera, vocês certamente poderão fazer passeios na linda vizinhança, junto ao lago ou então na estrada de Neuchâtel ou de “Corcelles”, para se restabelecerem. Eu acho que ainda tenho aquela região algo na lembrança e impresso de modo especial as “Gorges du Seyon” – acho que assim se chamavam, e as “Gorges de l’Areuse”, e a linda vista a partir de Corcelles por sobre o Lago de Neuchâtel ... Às vezes tento descrevê-lo ao meu marido, mas o lugar é mais lindo do que qualquer descrição.

4 de abril Nesse meio-tempo chegou a querida carta de vocês, pela qual eu lhes agradeço sinceramente, como também pelos muitos esforços que vocês e o querido cunhado tiveram com relação ao dinheiro da Meta. Eu lamento muito, muito, que tivemos de usar esse dinheiro. Para mim era um alívio lembrar que as meninas, no caso de casarem, tinham na Suíça ou em Berlim alguma reserva para um enxoval. Mas também não queremos colocar as coisas de tal maneira para nossas filhas, que elas dependam de esperar por um marido. Meta tem talentos. Eu gostaria muito que um dia ela pudesse prestar um exame em Desterro. Exige-se muito pouco aqui, naturalmente só em língua portuguesa. Aqui, conosco, ela não tem descanso. Desde a confirmação ela não freqüenta mais a escola e, pobrezinha, só foi sempre requisitada nos serviços. Eu faço gosto que ela tenha um tempo de sossego para recuperar-se. Ela sabe o que quer e eu acho que ela se esforçará para não desperdiçar seu tempo. Seu eu tivesse de mandá-la aqui para Curitiba ou outro lugar, teríamos de pagar muito. Quando ela voltar, poderá ir para Desterro a fim de se aperfeiçoar algo mais na

língua portuguesa. - Aqui uma recomendação faz muita diferença; eu acho que, no Dr.Castilho, temos um amigo de valor para nossos filhos. – O mais necessário será na conversação. A par disso, ela poderá aqui ganhar algum dinheiro com aulas de piano, caso tenha de ficar em casa. Também há muita falta, aqui, de tocadores de harmônio. Muito também não se exige nisso, pois senão eu também nada poderia estar oferecendo.

Realmente não sei como eu me virarei aqui sem a Meta. Quando eu estou cansada e esgotada com as aulas, nervosa e agitada, ela sempre entendeu da melhor maneira tirar de mim as preocupações e procurou afastar de mim as questões desagradáveis. Clärchen é dócil e diligente, mas perde logo a cabeça e então faz barbaridades. Ah, se meu marido e eu pudéssemos passar sem ter de dar aulas! Hoje meu marido tinha 7 aulas para dar e se eu não lhe tomasse algumas, ele não daria conta.(Meu marido dá aulas das 7 às 2 horas.) Eu dei 4 aulas e Clärchen deu por mim 2 aulas de trabalhos manuais. Com minhas fracas forças e conhecimentos, tenho mesmo assim que ajudar onde for possível. Mas a família é grande e as crianças estão numa idade em que custam muito.

Essa viagem de Meta, eu a tinha colocado inteiramente na mão de Deus. Todo dia eu lhe pedi para nos mostrar Sua vontade. E quando o Pastor Beckmann, de Barmen, a quem meu marido havia pedido para providenciar a questão da passagem e do desconto, de repente escreveu que, junto à companhia de navegação, essa justificativa não valia para os filhos do pastor, eu sabia que era Sua vontade e fiquei bem contente. Apenas lamentei que o desejo de Vovó não poderia ser atendido. Também fiquei contente em ver com que compreensão Meta aceitou o fato. Alguns dias depois chegou a passagem. O Pastor Beckmann a havia conseguido, apesar de tudo!

Agora, porém, peço muitas desculpas por minha “carta categórica”, mas certamente eu não pretendia escrever “categoricamente”. Como é que eu poderia? Talvez tenha havido influência das circunstâncias, que às vezes se expressam no tom e na maneira de escrever, ou talvez em toda a minha maneira de ser. Eu noto isto muitas vezes quando, para dar conta do meu trabalho, tenho de dar determinações curtas e rápidas aos meus, e sempre me admirei de

como eles o administram. Aliás nem sempre. Especialmente nossa Clärchen às vezes, depois disso, me apresenta provas sobre as quais dá vontade de rir, ou também de chorar. Mas que eu tenha escrito essa carta toda sem erros, é de admirar, tratando-se de minha pena. Mas também não foi mérito meu, e sim antes uma coincidência.

Por favor escrevam à Meta. Ou melhor, eu vou lhe escrever, para ainda lhe agradecer.

Para o enxoval de Meta nós não fizemos muita coisa. Aqui sai tudo muito mais caro do que na Europa. Para a viagem ela só leva roupa velha, bastante remendada, que depois ela joga no mar, para não entrar com roupa preta na Europa. Além disso, 2 conjuntos bons e no mais 2 peças de cada. Em Berlim as cunhadas tomarão providências. Quanto à viagem para a Suíça, é preciso ver se talvez no período de férias se encontra um grupo com o qual ela poderia viajar. Temos de considerar que a menina não faz idéia de uma ferrovia, não conhece o movimento nas estações de trem e com certeza se sentirá como que traída e abandonada no meio das pessoas e a confusão do trânsito da cidade grande. Até o Rio o Sr.Rauert a levará com seu veleiro e lá ele a entregará a um capitão da Companhia de Hamburg. Lá então, serão apanhadas por um irmão do Sr.Rauert que reside em Hamburgo e permanecem com a família até que alguém a busque ou tome outras providências por ela. Nós temos razões para acreditar que a Sra. Dr. Meyländer fará a viagem com as duas moças, e essa senhora viaja diretamente até Berlim. Isto seria ainda melhor. Infelizmente estamos ouvindo dizer que os navios a vapor estão lotados até maio. Esperamos que o Sr.Rauert possa acertar tudo no Rio em sua viagem de agora.

Agradeço o carinho de vocês. Espero que Meta lhes proporcione alegria, nas semanas em que estiver com vocês. Ela se alegra conosco, de que irá conhecer vocês, a quem ela já considera muito e quer bem, pelas nossas narrações. Ela não é uma “americana casadoura de 16 anos”, e sim ainda uma pura filha da natureza, que ainda deverá na Europa ser lapidada e aprender etiqueta, o que vocês terão de levar em conta e ter paciência.

Há algumas semanas houve aqui grande agitação. Os bugres se revoltam por todos os lados na vizinhança. Pela colonização eles são cada vez mais reprimidos e empurrados. Coitados; realmente não se pode levar-lhes isto a mal. Mas eles são terrivelmente cruéis e judiaram de modo horrível os brancos que lhes caíram nas mãos. Por duas vezes o governo enviou atrás deles os “caçadores de bugres” (como são chamados). Da primeira vez trouxeram consigo 4 crianças da selva, que foram logo levadas para Desterro. Da segunda vez trouxeram um menino de 10 a 12 anos, que ficou aqui por uns dias e o qual então pudemos observar. Consta ser uma exceção o seu modo gentil e ele não causou tanto trabalho no transporte quanto outros, que só arranhavam e mordiam. Quando a gente lhe fazia sinais, ele tirava voluntariamente a peça de madeira que tinha no queixo e a mostrava para nós. É lamentável toda essa situação ! Quanto sangue deve ter sido derramado com isso! Os caçadores só falavam por alto, pois eles não podem dizê-lo abertamente, mas dizem que não há outro jeito de chegar a eles (os bugres), pois eles têm um ódio enorme dos brancos e, se um infeliz desses lhes cair nas mãos, eles o carregam para seu acampamento e o entregam às crianças, para que essas aprendam cedo a vingar-se dos brancos, mediante torturas. Caso os brancos cheguem em sua proximidade, o grito é de: “ou vocês ou nós”! Nunca se entregam. Um jovem alemão de nossa comunidade tinha-se deixado convencer a ir com eles. Mas ele nunca mais irá com eles. Sua mãe me contou o que soube do filho. É de sentir pavor ao ouvir tais narrativas!... Então deverá essa tribo ser pouco a pouco exterminada pelos brancos, sem se poder experimentar com a missão? Pois são humanos como nós, e estão em seu direito! ... Eu perguntei se não haveria possibilidade de chegar-lhes perto em bem, através das crianças, mas me disseram que os bugres nunca mais aceitam essas crianças de volta e que as matariam imediatamente.

Meta levará consigo uma fotografia do menino (bugre) e do caçador, embora não esteja bem nítida.

O que tudo eles trouxeram consigo do acampamento dos índios! É pena que não se podia ficar com nada; tudo tinha de ir para o governo: Cordas finamente torcidas com fibras de folhas, cestos finamente trançados, arcos e fle-

chas; mas também, quantos utensílios roubados dos brancos: bacias, panelas, panos, até mesmo ornamentos de religiosos católicos – nos últimos anos desapareceram diversos religiosos na selva.

Mas agora chega disto. No começo de maio haverá em Desterro uma exposição, para a qual as mulheres aqui de Brusque estão preparando finos bordados. Da casa pastoral irá uma fotografia de um casal de galinhas de raça. Vejam, um ambiente bem rural! O Dr.Castilho me aconselhou a enviar junto uma pequena pintura de aquarela (flores), de Julia Böttger. Eu vou ver. A moça realmente tem talento, mas essa coisa me parece um tanto imperfeita para uma exposição. Na Europa já não daria. O que tudo ainda precisarei aprender, ao ensinar? Se eu o tivesse sabido em minha juventude, não me faria tanto trabalho agora! Uma de minhas amigas vai mandar seu jardineiro, com 500 vasos de flores, entre os quais 100 vasos de gloxínias florescendo em todas as cores. Isto não é lindo? À minha frente está um vasos desses, que recebi pelo aniversário, com 16 flores em roxo escuro! É uma beleza!

Mas eu ainda tenho de informar algo muito mais importante para nós, ou seja, nossa adesão ao Conselho Superior da Igreja em Berlim. Meu marido solicitou à Europa sua adesão com direito a pensão. Agora está tudo na mão de Deus, a Quem agradecemos. Para nós será um alívio, embora não devêssemos nos preocupar com isso. Em Rio Grande também ainda existe a caixa (de pensão). Eu vejo com que pouco vocês se arranjam. Está claro que, com isso, vocês não podem fazer grandes saltos. Ah, seu eu fosse rica e pudesse ajudá-los a ter diversas comodidades, depois de tudo o que eu lhes tenho a agradecer!

Agora preciso encerrar. Aceitem esta carta também como sendo de meu marido, que também agradece. Eu fico contente quando posso escrever algo por ele; já é tudo demais para seus olhos. Graças a Deus que eles não pioraram.

De coração saudamos Mamãe, Tia Ida, Elisabeth e Teodor, Walter.

Seus gratos, Grandes e Pequenos, W.Cl. Lange .

Brusque, 25/6 1908

Meus Queridos.

Escrevo ainda do quarto do doente. A doença original, de pleurite e pericardite, já está superada, mas estabeleceu-se uma tosse feia, com expectorações realmente horríveis e com acessos de asfixia. A expectoração é verdadeiramente mais um vômito. A fraqueza é tão grande, que meu marido precisa ficar deitado ou tem de ser levado à poltrona ao lado da cama. O médico explicou que os brônquios estão cheios de catarro velho, o qual se havia originado com o caso, mas que tinha primeiro de sair. Tão logo meu marido esteja suficientemente forte para viajar, terá de sair daqui, para onde há ar marítimo ou de floresta de pinheiros.

Pela Conferência Pastoral foram encaminhadas as providências para obter, do Conselho Superior da Igreja, apoio para nossa viagem para a Europa. De lá deverá ser enviada resposta telegráfica. Até lá espero que meu querido marido esteja em condições de poder viajar! – AH, quanto eu teria me alegrado quanto à Europa, em outras condições! Quantas vezes tive saudade da pátria e de vocês! Agora quase tenho medo disto. Meu pobre, querido marido! Quanto eu lhe desejaria um reencontro com sua mãe – mas com saúde! Mas quando às vezes olho para ele, deitado a dormir como agora, tão magro, com olhos fundos, quando ouço sua respiração curta – ah, então fico com tanto medo. Será que ele ainda vai ficar bom? Poderemos mesmo viajar? E se acontecer algo durante a viagem? O Dr. tem boas esperanças na viagem. Estará me dizendo a verdade? Eu o pedi tanto a ele.

A Sra. Pastor Mummelthey esteve aqui e queria me ajudar nos cuidados (ela antigamente era diaconisa). Mas quando ela viu que a Sra. Brocke me ajudava com fidelidade, cavalgou de volta para casa.

Ontem veio o Pastor Runte, por estradas horríveis. Os pastores aqui atualmente estão sobrecarregados de trabalho, mas eles ajudam com emocionante fidelidade!

Em 12 de julho deverá haver confirmação. O Pastor M. confirmará as

crianças e fará o culto. Entrementes, tão bem quanto der, eu estou dando aulas aos confirmandos.

Foi escrito a um Pastor no Rio Grande, perguntando se poderá substituir meu marido aqui em Brusque durante 6 meses.

Nossos filhos vêm diariamente ver como está o Papai. Nossa comunidade nos mostra grande solidariedade e amor, o que nos faz muito bem! O dia todo eu gostaria de clamar: "Oh Deus, ajuda, que meu marido fique bom novamente. Mas Senhor, que seja como Tu queres."

Por favor, ajudem a rezar! Deus os proteja!

Sua muito entristecida

Cl. Lange

(Data provável – primeiros anos em Brusque.)

..... Como ajuda cada um contribuindo anualmente; cada família em Brüderthal e vizinhanças se comprometeu a uma contribuição, a escola também rende algo e duas comunidades do outro lado do Jaraguá, que eram demais para o trabalho do Pastor Runte, querem aderir a Brüderthal. Há também o morro do café, que neste ano certamente renderá um conto de réis. Em todas as comunidades e também em nossa região, deverão ser convocadas comissões e diretorias, e ser elaborados estatutos. Por favor, rezem também por esta causa!

Com isto, creio que os assuntos em geral foram comentados. Assuntos gerais que nos vão pessoalmente e de modo especial ao coração.

Aqui em Brusque estamos nos adaptando cada vez mais às circunstâncias. As pessoas da cidade certamente começam a se acostumar com o fato de que meu marido não é mesmo um jogador de Skat nem freqüentador de bar, mas que, mesmo assim, no mais satisfaz no cargo, e elas ficaram mais calmas. Aliás, um Sr. v. Büttner fala de boca cheia que, “o homem que não joga Skat não é um homem culto”; mas não faz mal, ele não consegue convencer meu marido e o Doutor. Ele, esse Sr. v. Büttner, outro dia cometeu uma gaffe nesse sentido: Havia um senhor nobre, fino e culto, da Alemanha, em visita aqui numa viagem de passagem. O Sr. v. Büttner o procurou no hotel e o encontrou junto com o Dr.. Então falou aquele seu veredicto, ao que lhe respondeu o visitante: “Ah, Sr. v.B., então o senhor deve considerar-me entre os incultos, pois eu não jogo.”

Com a população das zonas rurais desde o começo nos entendemos melhor. Existem dois inconvenientes com relação a isso: Primeiro porque os podemos visitar muito poucas vezes, porque as distâncias são muito grandes e meu marido precisa dar muitas aulas particulares; segundo, porque eles dependem inteiramente dos comerciantes. Mesmo assim, nossa igreja é uma das mais freqüentadas em toda a região.

Ontem meu marido recebeu a oferta de ir como Pastor para Indayal, com ordenado de 3 contos. Nós não o aceitamos. O Pastor Haegeholz se desen-

tendeu completamente com sua comunidade lá e na votação lá feita, ele recebeu apenas 25 dos 75 votos. O coitado passou por muitas dificuldades e, conforme ele nos escreve, principalmente por causa de um “agitador principal de nome Engelmann”... Portanto, o “nosso” Engelmann, que fez o mesmo papel em Brüderthal, só que daquela vez um tanto pior, não deixa de fazer seu papel também ali em Indayal. Ele pertence à diretoria da igreja e estamos achando fantástico que esse homem agora já pela 4ª. vez nos faça proposta para irmos a Indayal !! Não é fácil – não, não só não é fácil – é terrível ser pastor no Brasil!” Isto o confirmam todos aqueles que estiveram aqui por alguns anos. Quem se dá melhor são os Pastores que não levam o cristianismo muito a sério e nele tornam as coisas fáceis para si. Como foi que aconteceu ao Pastor Quast! Como ao Erich! O Pastor Böttner, em S.Bento, está lá há apenas 2 anos, mas quantas vezes já esteve a ponto de saltar fora! O Pastor Haegeholz, jovem e cheio de vida no cargo e no trabalho, tanto que ganhou nossa admiração, exceto apenas quanto a sua impetuosidade, não ficou 2 anos em sua comunidade. Ele ficará agora por perto e assume Timbó. E ele já se tornou tão menos eloqüente! É preciso ter estado aqui, para poder avaliar com conhecimento.

Faz 14 dias que temos em casa uma vaca. Nós tínhamos poupado desde o começo o dinheiro da pensão de uma aluna, e com esse dinheiro já compramos uma vaca. Estou muito contente com ela, pois ela nos dá o leite necessário para 15 pessoas diariamente, além de 1 kg de manteiga por semana. A manteiga está custando 2.700 o quilo. O que é 1 kg para uma mesa assim? Mesmo assim eu dei um jeito para dar conta com um quilo por semana. Agora eu não mais preciso comprá-la.

Queridos pais, eu gostaria de ter notícias de Meta! Como está ela agora? Nossa pequena Meta quis escrever a ela; então eu lhes mando a carta junto. Como estão a pequena “mãezinha de casa” Elisabeth, e Tia Ida – a incansável remendadeira, e Walter? E meus queridos amigos na Suíça?

Mas será que meus queridos compatriotas sempre ainda têm de aceitar esses socialistas, ou aprenderão a pensar diferente depois das últimas experiências? Eu fiquei envergonhada de que tenha ocorrido uma infâmia dessas em

minha terra natal! - Por ocasião da morte de Bismark, meu marido celebrou na igreja um culto de luto e, com a ajuda dos Srs. Böttger e Lehmann, ornamentamos a igreja com palmas e flores e, apesar do Sr. v. Büttner ter falado que aqui não existem alemães e que ele também não o era, comparecerem à igreja as pessoas importantes da cidade.

Mas porque é que eu sempre me aborreço com esse homem? Ele falou para mim: “Mas Sra. Pastor, seu marido também não é mais um alemão.” E eu respondi: “Pelo nome não, mas é alemão por sentimento e participação, e eu quero ver se ele está sozinho em Brusque!” Esse homem tem uma esposa bem simpática, que é o único que há de bom nele!

Bem, meu papel acabou e não quero iniciar uma folha nova. Nós todos os saudamos com carinho e os recomendamos a Deus.

Seus Clara e Wilhelm Lange